

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA MASCULINA
NO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1960:
RELATOS DO JORNAL *O SNOB***

APRESENTADO POR

ROGÉRIO DA SILVA MARTINS DA COSTA

Março 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

PROFESSORA ORIENTADORA ACADÊMICA MARIA CELINA SOARES D'ARAUJO

ROGÉRIO DA SILVA MARTINS DA COSTA

SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA MASCULINA NO RIO DE JANEIRO
NA DÉCADA DE 1960: RELATOS DO JORNAL *O SNOB*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março 2010

COSTA, Rogério da Silva Martins da / *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação de História, Política e Bens Culturais (PPHPBC); Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC; Fundação Getulio Vargas, 2010, 128p.

Dissertação de Mestrado. CPDOC, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Celina Soares D'Araujo

1. Sociabilidade *gay* 2. Identidade de gênero 3. Espaços segregados 4. Bens Culturais e Projetos Sociais 5. CPDOC-PPHPBC

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA MASCULINA NO RIO DE JANEIRO
NA DÉCADA DE 1960: RELATOS DO JORNAL *O SNOB***

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR
ROGÉRIO DA SILVA MARTINS DA COSTA**

E
APROVADO EM
PELA BANCA EXAMINADORA

PROFESSORA DOUTORA MARIA CELINA SOARES
D'ARAUJO (ORIENTADORA)

PROFESSORA DOUTORA HELENA MARIA BOUSQUET
BOMENY

PROFESSOR DOUTOR SERGIO LUIS CARRARA

PROFESSOR DOUTOR JOÃO MARCELO EHLERT MAIA
(SUPLENTE)

RESUMO

Este trabalho estuda uma rede de sociabilidade homoerótica na cidade do Rio de Janeiro na década de 1960 através da análise dos relatos contidos no jornal doméstico – produzido por um dos grupos e que circulava entre os participantes da rede – *O Snob*.

A rede era composta por vários grupos de convivência que se vinham formando desde a década de 1950, e a maioria dos participantes elaborava suas identidades pessoais compartilhando com a sociedade maior a crença de que pertenceriam ao “terceiro sexo”, “sofrendo” inversão sexual.

Assim se desenvolveu uma forma de sociabilidade peculiar, caracterizada por encontros festivos em domicílios como estratégia de sobrevivência, visto que as expectativas sociosexuais dos grupos eram envoltas em hostilidade da sociedade maior.

Desta maneira esse estudo aponta processos de sociabilização empreendidos pela rede, moldados na invisibilidade, configurando-se, ainda que de maneira não articulada (ou involuntária), em experiência de conquistas dos direitos civis e sociais ao promover ações práticas que possibilitavam encontros de seus membros e que podem ser traduzidas como o direito de ir e vir, o direito de livre expressão, ainda que num espaço segregado (ou segredo?), direitos básicos, que, no entanto, não eram garantidos aos participantes da rede. Evidencia, nessa trajetória, os processos de ressignificação identitária que os grupos vivenciaram ao longo do período estudado.

Palavras Chaves: Sociabilidade *gay*; identidade de gênero; espaços segregados.

ABSTRACT

This work is a study about a network of homoerotic sociability in Rio de Janeiro in the 1960s. Its main object are reports and accounts found in a home-produced publication produced by one, and circulated among the groups participating in the network – *O Snob*.

The network was composed of various social groups that had been forming since the 1950s, and most participants worked out their personal identities by sharing with the larger society the belief that homoerotic individuals belonged to the “third sex”, “suffering” from what was considered sexual inversion.

Thus a peculiar form of sociability developed – centered around parties and festive gatherings at people’s houses as a survival strategy, since the expectations of sociosexual groups were surrounded by hostility in the larger society.

This study indicates which processes of sociability were going on in the network, and how such sociability, moulded in invisibility, turned out to be – though in a non-articulated or involuntary way – a basic experience in social action and in the achievement of civil rights. It promoted practices that enabled its members to attend to meetings and that can be translated as a pursuit of the right to come and go, the right to freedom of expression, albeit in a segregated (or secret?) space. Those basic rights, however, were not guaranteed to the participants of the network.

There is evidence that over the period studied homoerotic groups underwent a process of resignification and redefinition of identity.

Keywords: Gay sociability; gender identity; segregated spaces.

AGRADECIMENTOS

*O correr da vida embrulha tudo
A vida é assim: esquenta e esfria,
Aperta e daí afrouxa,
Sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem...
(Guimarães Rosa)*

O correr da vida me trouxe aqui, agradeço... Mergulhei sozinho nessa viagem, mas minha bagagem afetiva e intelectual foi propiciada pela família, por amigos e amigas, colegas, professores e professoras, instituições, e desses sou devedor.

Agradeço aos funcionários e professores que me receberam em suas instituições:

Cedoc/ABIA,¹ que me deu a oportunidade de usufruir seu acervo e a simpatia de sua bibliotecária, Eva Cristiane Pereira.

AEL/Unicamp,² que abriu seus arquivos, o que foi fundamental para a pesquisa de minha fonte principal, e disponibilizou a presteza de seus funcionários: Ema Franzoni e Emerson Luis M. Costa.

IMS/UERJ,³ que me aceitou como “aluno especial” na disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade”, de importância capital para o desenvolvimento desta dissertação, oferecendo-me a dedicação do professor Sergio Carrara e das professoras Jane Russo, Maria Luiza Heilborn e Fabíola Rohden.

Cpdoc/FGV,⁴ que proporcionou meu aprimoramento profissional/acadêmico, através do Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais, possibilitando-me o aprofundamento nas questões ligadas aos movimentos sociais, cidadania e direitos humanos. Agradeço a todos os professores e funcionários, em especial a Helena Bomeny, Dulce Pandolfi, Matias Spektor e minha orientadora, Maria Celina Soares D’Araujo.

Aos entrevistados, minha gratidão profunda pela disponibilidade e desprendimento ao responder a meus longos “inquéritos”; em especial Agildo Bezerra Guimarães, espinha dorsal deste trabalho; sem ele esta dissertação realmente não existiria.

¹ Centro de Documentação e Recursos/Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

² Arquivo Edgard Leuenroth/Universidade Estadual de Campinas

³ Instituto de Medicina Social/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas

A Rose Maria Mencarelli agradeço a delicadeza amiga e infinita paciência ao ler e reler este trabalho, e a Sabrina Dinola o apoio amigo e ajuda na elaboração das tabelas de trabalho que foram utilizadas na organização das fontes.

Agradeço aos amigos e amigas que souberam na hora do aperto me “assossegar” e àqueles que, na hora do “afrouxo”, me apertaram com afeto. E a Marlene Zornitta, que me ajudou a ver que as coisas que queremos são possíveis e que o impossível é vivido a cada dia.

Por fim, a Neif Gomes da Silva, amigo por uma vida, que me desinquieta e encoraja até hoje... Que sobrevive em minha memória.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
<i>O SNOB: FONTE DE AFIRMAÇÃO DAS AÇÕES DE GRUPOS</i>	29
1.1. A rede: o público de <i>O Snob</i>	29
1.2. <i>O Snob</i> : o jornal e seus aspectos gráficos e editoriais	40
1.3. <i>O Snob</i> : seu conteúdo e seus propósitos	44
1.4. A centralidade da fofoca	51
CAPÍTULO 2	
AS DISPUTAS IDENTITÁRIAS: REFLEXÕES PRODUZIDAS POR <i>O SNOB</i>	54
2.1. As “bichas” e os “bofes”	54
2.2. As nomeações no feminino	57
2.3. A “comunidade entendida”	61
2.4. O debate: “bichas” X “entendidos”	69
2.5. As parcerias sexuais	74
CAPÍTULO 3	
SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA NOS ANOS 60	79
3.1. Os concursos de misses	79
3.2. Os prêmios de <i>Melhores do Ano</i>	84
3.3. Cultura, lazer e pontos de encontros	88
3.4. As conexões regionais: as viagens	91
CAPÍTULO 4	
OS CASOS DESVIANTES: O “DESVIO” NO “DESVIO”	96
4.1. Zezé: “bicha” virar “bofe” não pode! E “bicha” com “bicha” pode?	97
4.2. Jair: as três vidas de um “bofe”	100
4.3. O “conto do bofe”	103
4.4. Gato Preto: nem “bicha”, nem “bofe”	105
COMENTÁRIOS FINAIS	109
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

Este trabalho estuda uma rede de sociabilidade homoerótica⁵ na cidade do Rio de Janeiro na década de 1960, através da análise do jornal *O Snob*. Trata-se de um jornal doméstico, de temática “homossexual”,⁶ idealizado e produzido por Agildo Guimarães⁷ no período de 1963 a 1969.

O jornal era dividido em colunas assinadas ou não, envolvendo fofocas, pontos de encontros, divulgação e comentários de festas e concursos, além de tornar público os encontros amorosos.

Os participantes da rede provinham de vários grupos (ou turmas) que se formaram à época, principalmente por afinidades regionais e/ou injunções sociais que os levavam ao “isolamento” em relação à sociedade maior. Dessa maneira, desenvolveram uma forma de sociabilidade que teve como característica peculiar produzir encontros em residências de alguns dos participantes, promovendo festas, concursos, peças teatrais, jantares e pequenos encontros informais, o que possibilitou a formação de sólidos laços de solidariedade. Essa rede de sociabilidade era fortemente endógena, estimulando estratégias de conhecimento pessoal pelo acolhimento num grupo aos interessados em estabelecer amizade ou encontros sexuais com um dos participantes, com abertura para grupos externos nas grandes festas. Isso não quer dizer que todas essas relações só se passassem dentro dos grupos formados nessa rede, embora houvesse certo constrangimento para que as relações se dessem sob a “supervisão” do grupo de origem e fossem divulgadas para a rede através do jornal.

Trata-se de estratégia inovadora de sociabilidade homossexual presente nos grandes centros urbanos, no Brasil, formada para o enfrentamento de ambiente hostil a suas formas de expressão sexual e comportamental, em que grande parte dos indivíduos que compunha a rede se classificava (ou era classificado) como “bicha” (ou “boneca”) em contraposição a “bofe”.

⁵ Uso o adjetivo homoerótica seguindo Costa (1992), pois qualifica um número maior de pessoas independente de como se designam sexualmente. Prefiro esse termo já que nesses grupos havia “homens que faziam sexo com homens” que não necessariamente se consideravam ou eram considerados homossexuais.

⁶ Nesse período e na rede estudada essa designação só era imputada aos homens que mantinham práticas sexuais “passivas”, ou seja, aqueles que eram penetrados por outro homem.

⁷ Além de ser o idealizador de *O Snob*, é remanescente da fundação de um dos grupos no período de 1961-1964 (Turma OK). Nos anos de 1970 publicou o jornal *Gente Gay* e colaborou com a edição n.28, 1980 do jornal *Lampião da Esquina*. Participou da reestruturação da Turma OK nos anos de 1980 e neste período editou outro jornal de temática homossexual (*O Okeizinho*). Funcionário público aposentado, 79 anos.

A designação “bofe” era uma maneira largamente usada nos meios homossexuais da época para nomear homens que mantinham sua condição heterossexual (“homem verdadeiro”). Ainda que mantivessem relações sexuais com outros homens, essa condição era preservada, já que assumiam posição sexual “ativa” (o que penetra) com seu parceiro, a “bicha”, que, por sua vez, era a designação usada para o homem que assumia a posição sexual “passiva” (o que é penetrado) nessa relação.

Esses grupos tinham uma forma *sui generis* de ver o mundo: consideravam-se membros de uma “sociedade bichal”⁸ na qual eram a nata – a *high society*. Dessa maneira, criaram mecanismos para sobrepular e ressignificar tanto os espaços de sociabilidade que a sociedade lhes reservava quanto suas identidades sexuais. Esses dois pontos ancorarão este trabalho.

Todo o estudo dessa trajetória dos grupos terá como suporte principal as notícias de *O Snob*. No início da década de 1960, os grupos promoviam reuniões festivas que propiciaram o surgimento de um espaço específico de reconhecimento/pertencimento (gueto), que se contrapunha às situações adversas impostas pela sociedade em geral, possibilitando o estreitamento das relações de seus participantes com base em identidade sexual que traz em seu bojo atributos sociais desacreditadores,⁹ proporcionando-lhes uma expectativa de pertencimento por intermédio de “identidade desacreditada” ou “desacreditável” (Goffman, 1988).

Será também estabelecido neste trabalho um breve debate em torno das teorias e das práticas que envolvem o tema da “homossexualidade” masculina, pois, acredito, influenciaram o comportamento de grande parte dos membros dos grupos, principalmente no que tange à teoria da “inversão de gênero”, que os conformaria ao espectro do “terceiro sexo”. A maioria dos participantes elaborava suas identidades pessoais compartilhando essa crença, diferente da crença atual que entende a homossexualidade dentro do quadro de simetria entre pares. A partir de 1965, porém, estabeleceu-se uma disputa pela hegemonia da representação, com a entrada de novos sujeitos na rede e com a ressignificação identitária de antigos participantes.

⁸ *O Snob*, n.9, 1963.

⁹ “sugeriu-se inicialmente que poderia haver uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo. Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo” (Goffman, 1988:28).

Boa parte dos sujeitos envolvidos nessa rede era oriunda de outros estados (principalmente da Região Nordeste) e vinha para a cidade grande em busca de mais liberdade e possibilidades de encontros com sujeitos que comungassem seus modos de vida – “vim para o Rio para ser eu mesmo. Queria viver, viver um pouco”.¹⁰ Há forte correlação entre a cidade e a possibilidade de se expressar, decorrente do anonimato que a cidade proporciona aliado à possibilidade de criação de espaços específicos para manifestar seu modo de vida.

Devido às condições de isolamento e hostilidade social, os espaços privados tornaram-se lócus privilegiado de sociabilidade com a formação de turmas (ou grupos) que agiam “tanto como rede de apoio quanto como meio de socializar indivíduos na ‘subcultura’, com todos os seus códigos, gírias, espaços públicos e concepções sobre sua homossexualidade” (Green, 1999:291).

Nesse período, parte do mundo (principalmente EUA e alguns países da Europa) sofria mudanças, sobretudo relacionadas ao que é chamado de políticas de identidade, com o florescimento dos movimentos feministas e raciais que questionam o tratamento desigual das minorias, sob a bandeira dos direitos civis. Nesse momento o foco voltado para as políticas de classe desloca-se para as políticas de identidade, o que bem ilustra a emergência do movimento *gay* nos EUA, em 1969. Nessa época, no Brasil, os movimentos sociais feministas e negros eram ainda incipientes, e os voltados para a homossexualidade inexistiam.

Ainda que os propósitos dos grupos não tivessem objetivo político clássico,¹¹ seus membros pertenciam ao contexto de fortalecimento da individualidade: queriam liberdade de amar e viver conforme sua consciência. Esses indivíduos tinham suas demandas de lazer e diversão cerceadas, assim como suas formas de expressão afetiva e/ou sexual. A violenta contestação (simbólica e física)¹² de sua identidade pela sociedade em geral, ao mesmo tempo em que fortalecia o isolamento e demandava o silêncio na vida cotidiana, criava a possibilidade da formação dos grupos.

¹⁰ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 29/07/2007.

¹¹ Não eram grupos de reivindicação no sentido hoje atribuído à palavra, de ação via visibilidade, mas, sim, de ocupação de territórios em que o controle sociopolicial ligado à moral encontrava dificuldades em alcançá-los. Era outra luta, que operava na clandestinidade.

¹² Conforme Costa (1992) e Eribon (2008), as “injúrias” impostas aos homossexuais pela sociedade, usando o termo deste último, parecem configurar um traço universal que os une e que influencia a construção de suas identidades e conseqüentemente, suas ações.

Neste trabalho, estas formações de pequenos grupos e suas inter-relações são entendidas como estratégias de socialização entre indivíduos estigmatizados¹³ (Goffman, 1988), moldados em contraposição à sociedade geral, que lhes proporciona um ambiente social hostil. Essa condição viabilizou a criação de um espaço de encontros de indivíduos que desenvolveram comunicação própria, diferenciada da que se pauta pelas normas estabelecidas pela sociedade em geral e a elas se contrapondo a partir da construção de traços específicos.

O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do *desacreditado*, no segundo com a do *desacreditável*. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações. (Goffman, 1988:14)

Dos trabalhos sobre grupos homossexuais que envolvam sociabilidade específica destaco um estudo clássico da homossexualidade em um grande centro urbano: a monografia de José F. Barbosa da Silva *A homossexualidade em São Paulo: estudo de um grupo minoritário* (2005 [1957]), talvez o primeiro estudo de cunho sociológico no Brasil sobre o assunto, sob orientação de Florestan Fernandes, e que desapareceu dos arquivos da Escola de Sociologia de São Paulo durante a ditadura.¹⁴ Essa monografia escrita em 1957 é uma fonte para situarmos a sociabilidade e os aspectos da vida dos homossexuais num universo urbano.

De maneira a traçar um quadro de suas atividades sociosexuais Silva entrevista 70 homossexuais de classe média em São Paulo, entre 17 e 47 anos selecionados a partir do método “bola de neve”, no qual um entrevistado sugere outros. Dessa maneira o autor estuda uma rede de sociabilidade de pequenos grupos que interagem no panorama

¹³ “o estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto a um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro” (Goffman, 1988:148).

¹⁴ “Os militares não gostavam dos sociólogos. Achavam todos comunistas e socialistas. Invadiram as universidades e saqueavam tudo. Creio que, na limpeza, levaram coisas de que não gostavam. Talvez os documentos que registravam o meu trabalho tenham sido destruídos pelos militares”. Entrevista de Silva à Green (Green e Trindade, 2005:37).

homossexual de classe média da época, em que grande parte dos indivíduos se classificava (ou era classificada) sexualmente como “bicha”.

Dado que surpreende à época da pesquisa de Silva (2005[1957]) e que é corroborado mais tarde por outros autores (Fry, 1982; MacRae, 1990; Guimarães, 2004) é a emergência de uma nova maneira de se colocar no mundo desses sujeitos homoeroticamente inclinados: o surgimento de nova identidade homossexual com viés mais igualitário no que tange às relações entre homens vai sendo construída nos centros urbanos, nesse período.

Na pesquisa de Silva (2005[1957]), dos entrevistados que se identificavam como homossexuais, parcela razoável não se enquadrava no estereótipo feminino da “bicha” (“boneca”) nem mantinha prática sexual exclusivamente “passiva”: 22% dos homens tinham relações sexuais “ativas” e “passivas”, 10% apenas “ativas” e se designavam como homossexuais, quebrando o paradigma da época que só atribuía essa qualificação aos “passivos” (as “bichas”). Cabe, no entanto, observar que o autor não contemplou em suas pesquisas os homossexuais de classe baixa nem os que se apresentavam de forma acintosamente feminina. Analisa, portanto, um grupo diferente do aqui focalizado cujos membros reproduzem majoritariamente em suas relações de parceria sexual papéis sexuais seguindo as hierarquias de gênero ditadas pelas normas heterossexuais e são em sua maioria de classe média baixa com ambições de ascender socialmente – grupos cujo consumo privilegiava roupa, cinema e teatro.

Outro estudo clássico foi realizado em 1970/1980 por Guimarães (2004), que analisa uma *network*,¹⁵ uma rede de homossexuais que se encontravam para lazer e diversão. Esse estudo contextualiza os lugares de encontro e o tipo de sociabilidade empreendida pelos homossexuais no período que vai de 1970 a 1980, é fonte para seu entendimento e serve ainda para situarmos a rede aqui focalizada como tendo determinada consciência de grupo ao compararmos com esse agrupamento tipo *network*.

Guimarães observa nova designação identitária, já apontada por Silva (2005[1957]), o “entendido”, correspondendo a indivíduos que não mais seguem os roteiros sexuais tradicionais que os separam em “bicha” e “bofe”; adotam outra conduta,

¹⁵ A autora estabelece diferença entre *network* e grupo: a primeira significa que pessoas (amigas e conhecidas) se encontravam para lazer e diversão, e grupo comportaria objetivo mais específico; “o conjunto de dados indica não haver uma ‘consciência de grupo’ ou de ação coletiva comum que justifique uso do termo” (Guimarães, 2004:24).

mais igualitária, que se dá na base da orientação sexual (interessa a direção do desejo sexual – se voltado para o mesmo sexo ou não –, classificando-os como homossexuais ou heterossexuais, respectivamente).

Nessa nova realidade social, há gradual minimização da distinção entre “passivo” e “ativo”, para alocá-los em identidades distintas; é nesse contexto de mudanças identitárias dos anos 60 que Fry (1982) também identifica a figura do "entendido", que se diferencia da “bicha” e do “bofe” por rituais sociais e sexuais associados a essa nova identidade. O “entendido” não necessita recorrer obrigatoriamente aos papéis femininos e às técnicas sexuais fixas (“ativo ou passivo”), posto que não determinariam sua posição diante do parceiro sexual.

Dentre outros estudos produzidos recentemente sobre o assunto, destaco Rodrigues (2006) por analisar os aspectos da sociabilidade *gay*/lésbica em um espaço muito peculiar.

A autora estuda as interações sociais de *gays* e lésbicas acontecidas na década de 1980 em um “reservado” – local protegido de um bar que, a partir de determinado horário acolhia esse público, que ali podia estabelecer interações homoafetivas. A autora conclui que “os espaços de sociabilidade de ‘homossexuais’ representam importante instrumento político-social, capaz de estimular não somente a consciência e a participação política, mas também o associativismo, as relações sociais baseadas na confiança recíproca e no apoio mútuo, constituindo formas estratégicas para elaboração e disseminação de políticas e projetos de proteção social” (2006:06).

A tese defendida por Terto (1997) nos traz boa explanação sobre a importância dos novos movimentos sociais para o processo de aceitação e conseqüentemente, de elevação da autoestima de determinados sujeitos envolvidos nos movimentos homossexuais, incluindo o de combate à Aids, podendo propiciar a conquista e a consolidação de direitos para essas minorias.

Green e Polito (2006) fornecem importantes referências e fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil entre 1870 e 1980. Green e Trindade (2005) disponibilizam um conjunto de artigos de vários autores abordando diversos aspectos da homosociabilidade.

Em James Green (1999) há um capítulo totalmente dedicado aos tipos de sociabilidade do período em estudo com forte destaque das congregações formadas por

amigos – as turmas –, que exemplificam um tipo de sociabilidade peculiar da época, favorecedora da integração de seus participantes na subcultura homossexual. Essas turmas se constituíam a partir da construção de redes sociais alternativas que podiam substituir a família tradicional, sobrepondo o isolamento social individualmente imposto a seus membros. Segundo o autor, as turmas eram quase sempre formadas, por homens que, como consequência de

sua marginalidade ou pelo distanciamento dos sistemas de apoio familiares tradicionais, construíram redes sociais alternativas ao tipo familiar e encontravam apoio econômico e psicológico com amigos que compartilhavam seus desejos sexuais. [...] Para muitos jovens que fugiram do controle e condenação da família, dos parentes e de uma cidade pequena em busca do anonimato das metrópoles, a amizade baseada numa identidade compartilhada e em experiências eróticas similares propiciou laços mais fortes que os sanguíneos. (Green, 1999:35)

O autor busca analisar, nesse capítulo, os vários empreendimentos que as subculturas homossexuais desenvolveram entre 1945 e 1970, enfatizando fortemente as turmas.

Os caminhos percorridos pelos homossexuais do Rio de Janeiro e de São Paulo remodelaram as identidades sexuais ligadas ao homoerotismo. Novos tipos de identificação homossexual foram construídos a partir da assunção de novos comportamentos que foram postos em prática. Essas “novas noções de identidades sexuais e de gênero surgiram, colocando em xeque a polaridade entre homens ‘verdadeiros’ e bichas efeminados” (Green, 1999:253).

A rede, por conseguinte, sociabilizava seus membros de acordo com certa visão de mundo, que não era, entretanto, necessariamente compartilhada por todos.

Green (1999) nos informa alguns lugares de sociabilidade, ainda que não exclusivos, que os homossexuais mantiveram nesse período e também aponta as perseguições que esses sujeitos sofriam quando eram presos por vadiagem ou outro termo que se adequasse à força repressiva da polícia.

No entanto,

apesar da vigilância da polícia e das prisões, os homossexuais não apenas mantiveram obstinadamente os pontos urbanos tão essenciais para sua sociabilidade pública, como expandiram esses espaços ao longo da década. Praias, bares, restaurantes e cafés tornaram-se “zonas liberadas”, onde os homens tinham um pouco mais de liberdade para interagir com amigos e novos conhecidos. Esses lugares tornaram-se cruciais para a formação de uma subcultura que se tornaria cada vez mais visível no desenrolar dos anos 50. (Green, 1999:266-267)

Como assinalam Silva (2005[1957]) e Guimarães (2004), as bases de sociabilidade se formavam através dos pequenos grupos de amigos (as turmas e/ou *networks*), em certa medida parecidos com os grupos que compõem a rede aqui examinada. Entretanto a dinâmica empreendida pelos grupos que estudamos é diferente daquela dos privilegiados nesses trabalhos. Aqueles “grupos” se formam como um “coletivo”,¹⁶ sujeitos atomizados que se encontram em determinado lugar e se dispersam; os grupos aqui focalizados, além de estabelecerem laços afetivos e/ou sexuais em convivência duradoura e de reconhecimento nominal, criam um modo de vida peculiar e com ação cultural própria, seja em suas atividades festivas domiciliares ou na produção dos jornais que compartilhavam, em que expressavam sua visão de mundo. Na crença de que formavam uma sociedade à parte, construíram laços de pertencimento, uma subcultura.

A sociabilidade homoerótica das turmas do Rio de Janeiro na década de 1960 dava-se nas ruas, em cinemas e teatros, nos bailes de carnaval, na praia, nos concursos de Miss Brasil e, principalmente, nas festas em domicílios, como apontam os relatos de Agildo Guimarães e de *O Snob*.

Nessa época, ainda que não pensadas como um movimento social, é possível identificar algumas manifestações isoladas que começam a aparecer na paisagem homossexual, politizando o tema.

Através de *O Snob* e em entrevistas pontuais, foi possível seguir as atuações dos grupos e as mudanças que ocorreram no período estudado. Para isso atentamos às demandas dessas pessoas, relatadas principalmente em *O Snob*.

Outro ponto a ser destacado e associado ao tipo de sociabilidade produzida diz respeito aos significados que esses indivíduos estabeleciam para suas expressões e comportamentos sexuais, ou seja, como se identificavam sexualmente e como lidavam com essa questão. Nessa perspectiva, será importante observar os tipos de relacionamentos afetivos e/ou sexuais estabelecidos, quais eram suas demandas sexuais, quem eram seus parceiros sexuais, como se designavam sexualmente.

Por ser fonte das ações socioculturais e sociossexuais, o jornal nos indica quais são os espaços de sociabilidade e os significados sexuais criados por essa rede.

¹⁶ “O ‘coletivo’ é a unidade passiva, constituída pela história objetivada de um conjunto de indivíduos. [Esses indivíduos] estão ligados uns aos outros (apesar de todas as diferenças, e talvez até por causa de todas as suas diferenças) pela mediação da relação vivida de cada um com a sociedade homófoba e que constitui cada *gay* como um ‘ser-fora-de-si-no-outro’, já que cada *gay* (como cada judeu) é aquilo que constitui para outro *gay* o excedente percebido como uma ameaça pela sociedade antissemita ou homófoba” (Eribon, 2008:163).

A análise desses pontos possibilita-nos estabelecer as intervenções que os grupos fizeram em nossa sociedade, indicando as mudanças que ocorreram nesse período e sublinhando os espaços de sociabilidade, que estão fortemente associados às identidades sexuais que constroem e compartilham.

Essas formas de experimentos de sociabilidade fortaleceram-se com a formação de grupos organizados,¹⁷ cujas reivindicações e/ou interesses se assemelham. Em decorrência da publicação longeva de *O Snob*, de certa maneira, ultrapassam os espaços privados em que se encontravam, dando maior visibilidade aos grupos, e ensaiam uma exposição à sociedade mais ampla.

Segundo Anuar Farah¹⁸ em entrevista a Lelia Miccolis,¹⁹ uma “das maiores contribuições nossas, em minha opinião, foi, sem dúvida, sairmos dos salões fechados, como chamávamos antigamente nossas casas, e nos apresentarmos em público”.

No início desta pesquisa pretendia estudar a organização da Turma OK,²⁰ abordando as várias formações desse grupo até os dias atuais; contudo ao deparar-me com a documentação jornalística produzida por *O Snob*, encantei-me com os relatos das experiências de sociabilidade homoerótica que envolveram os vários grupos que compunham a rede, na qual se incluía a Turma OK. Assim, resolvi estudá-los.

Dessa maneira, o jornal *O Snob* passou a ser minha fonte principal no novo projeto, o estudo de uma rede de sociabilidade homoerótica na década de 1960. A coleção desse jornal foi doada por Agildo Guimarães à Unicamp, depositada no Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) sob o tombo “Turma OK”. Logo percebi a riqueza do material, e sua leitura aprofundada deu-me a medida da capacidade dos grupos envolvidos na construção de espaços de sociabilidade exclusivos, bem como dos conflitos existentes.

¹⁷ Ver MacRae (1990), Câmara (2002) e Facchini (2005).

¹⁸ Remanescente dos grupos dos anos de 1960, participou do jornal *O Snob*. No final dos anos 60 editou o jornal *Le Femme* (“O” Mulher). Atuou na reorganização da Turma OK nos anos 80, tendo sido seu presidente.

¹⁹ Entrevista registrada em *Lampião da Esquina* (n.28, 1980:6-7).

²⁰ Um dos grupos que compunha a rede, considerado o primeiro grupo homossexual do Brasil. A Turma OK nasceu a partir de um grupo de convivência formado, em sua maioria, por homens homossexuais que mantinham encontros informais no apartamento de um de seus fundadores, Antônio Perez. Considera-se sua data de fundação o dia 13 de janeiro de 1961. No final de 1964 seus membros pararam de reunir-se. Reagrupam-se em 1984, já em outro contexto; em 1985 institucionalizaram-se e montaram sede – ainda hoje em atividade – no Centro da cidade do Rio de Janeiro, constituindo-se como “clube social”. Em 1989 foram criados novo Estatuto e Regulamento Interno sintonizado com os “direitos de livre orientação sexual”. Esses diferentes lugares de sociabilidade foram construídos como base para encontros em que as conversas, as festas e o lazer eram (e ainda são) a tônica dos eventos.

Esse tipo de sociabilidade pode parecer surpreendente para o senso comum; no entanto, exemplifica uma dinâmica social toda própria que esses pequenos grupos promoveram nessa época, propiciando laços de amizade e fortes sentimentos de pertencimento, a partir dos recursos e estratégias urbanas que uma metrópole proporciona, permitindo que esses sujeitos, por questões de sobrevivência, usufríssem do anonimato (e do silêncio) e, ao mesmo tempo, formassem e mantivessem uma rede de relacionamento.

Por conseguinte, acredito que estudar a trajetória peculiar desses grupos, associando-os aos movimentos identitários próprios de sua época, pode contribuir para discussões da história dos direitos individuais, mais especificamente da luta pela igualdade sexual, e para o debate sobre ocupação de espaços *gays*, a partir das mudanças promovidas nos significados identitários ao longo de sua existência.

Propus-me então a pesquisar os percursos desses grupos, chamando a atenção para o contexto eminentemente urbano da organização de seus espaços de sociabilidade e para sua marca identitária, a partir dos quais se desenvolveram.

Alguns autores auxiliam a compreensão do percurso identitário ocorrido na rede, ou seja, o movimento dos grupos que, em sua trajetória, vão modificando as “encenações” a partir da adoção de novas condutas sexuais – como “bicha”, “entendido” ou *gay*.

Há maneiras diferentes de abordar cientificamente as questões que denominamos sexuais; o próprio método leva-nos a fazer determinadas perguntas e não outras; Vance (1995) aponta três teorias divergentes para tratar o assunto, a saber: o essencialismo, o “modelo de influência cultural” e o construcionismo.

No final do século XIX e início do XX as teorias utilizadas para explicar a sexualidade humana tinham na reprodução a fonte que relacionava sexo e gênero (dois conceitos interligados à época), o que legitimava a subordinação vigente das mulheres em nossa sociedade, assim como entendia o “corpo do homossexual” como uma inversão de sexo. As duas posições eram tomadas por um viés naturalizante, um dado da natureza.

A autora nos informa que a entrada das feministas no debate científico produz novo entendimento da sexualidade, e o debate toma novas direções. De início as críticas desse grupo concentraram-se nas explicações científicas essencialistas, que tinham o viés teórico determinista como modelo explicativo da sexualidade. Nesse confronto as feministas utilizaram, a princípio, uma teoria calcada na cultura (mas ainda com base no biológico), que Vance (1995) chamou de “modelo de influência cultural”. Com o

desenvolvimento do debate, no entanto, esse modelo teórico também foi questionado, o que possibilitou a emergência de outro, o construcionismo social.

O questionamento desse grupo atingiu tal magnitude, que se estendeu à questão da neutralidade das ciências. Vance (1995:10) observa que a mediação que a ciência sofre pelas crenças dominantes sobre gênero sugere “conexão histórica entre a dominação masculina, a ideologia científica e o desenvolvimento da ciência e da biomedicina ocidentais”.

O primeiro passo desse movimento foi reavaliar por esse novo prisma o arcabouço teórico utilizado pelo determinismo biológico, questionando sua pretensa neutralidade e as correlações sexo/gênero, com a seguinte posição: “ser um corpo naturalmente marcado pelo gênero era, na verdade, um produto mediado socialmente em alto grau: a feminilidade e os atrativos sexuais eram alcançados por uma persistente socialização [...] A sexualidade e o gênero andavam juntos, ao que parecia, mas de uma forma que estava sujeita a mudanças” (Vance, 1995:11).

O contexto cultural, portanto, pode dar pistas sobre a interação e a conduta sexual de um período, com a criação de um novo tipo, no caso, o homossexual. Essa visão por si só é devedora de uma teoria, que crê não só na variabilidade sexual referente a uma cultura ou um período histórico, mas na própria variabilidade dos conceitos envolvidos, como a sexualidade, a orientação sexual e o desejo. Como essa guinada metodológica se dá? Qual seu contexto histórico?

Vários autores se contrapunham à questão elaborada no início do século XIX, cujos modelos procuravam as marcas ou consequências da homossexualidade no corpo dos sujeitos, e que é revisitada, de outra maneira, na segunda metade do século XX. Elaboram-se, então, no debate com o essencialismo e com o “modelo de influência cultural”, novos paradigmas.

Dois elementos são ponta de lança nesse debate que envolve o campo disciplinar da sexualidade, desestabilizando o frágil consenso determinista. Segundo Vance (1995), além do debate feminista, outro estímulo para o desenvolvimento da “teoria da construção social” veio através dos estudos críticos das teorias sobre a homossexualidade utilizadas do século XIX até metade do XX. “A primeira tentativa de enfrentar as questões de identidade social de um modo conhecido como construção social aparece no ensaio de Mary McIntosh, de 1968, sobre o papel homossexual na Inglaterra” (Vance, 1995:13). Só em

1975, contudo, surge uma abordagem reconhecidamente construcionista. São esses mesmos pesquisadores que, tendo iniciado suas análises a partir de categorias sexuais fixas, passam a considerar outras maneiras de analisar, formulando perguntas mais amplas.

Assim, novas questões são propostas: “[1] as categorias ‘homossexual’ e ‘lésbicas’ sempre existiram? e, se não existiram, [2] quais seriam os seus pontos de origens e suas conduções para o desenvolvimento? [3] se atos físicos idênticos tinham significados subjetivos diferentes, como era construído o significado sexual?” (Vance, 1995:14).

Se, para os teóricos do final do século XIX e meados do XX, sexo e gênero eram indissociáveis, posto que ligados constitucionalmente em um sistema inalterável, para os/as teóricos(as) feministas, influenciados(as) e estimulados(as) pelo “modelo de influência cultural”, esse sistema pode ser alterado pelo contexto cultural, pois o entendem como um “conjunto de medidas mediante o qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana e essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (Vance, 1995:11). O passo seguinte foi desvincular sexo e gênero, atribuindo a cada um estruturas explicativas próprias, mesmo que estejam vinculados em circunstâncias históricas específicas.

Sexo e gênero passam, então, a ser analisados como sistemas distintos, ainda que sejam vivenciados como unidade. Esses(as) autores(as) apontam que tal conexão varia tanto histórica quanto culturalmente.

Assim, esses novos paradigmas que divergem do “modelo essencialista” e do “modelo de influência cultural” criam uma disputa no campo do saber, que a concorrência transforma em área simbólica e política para grupos que lutam não só pela criação de plataformas sexuais, mas também pela alteração de modelos e ideologias sexuais.

Essa questão, porém, não é puramente teórica; a teoria tenta esclarecer, sendo ferramenta capaz de nos auxiliar a explicar uma dada realidade.

Nesse diálogo entre as teorias e as “encenações” identitárias cotidianas, nos subsidia a descrição de tipos de sociabilidades associados aos modos de atuação específicos e datados, que, por sua vez, são variáveis dependentes das referências identitárias homoeróticas ofertadas numa dada sociedade.

Sendo assim, antes de seguir para a descrição da rede de sociabilidade, é necessário examinar como o “tipo” homossexual foi construído, entre o final do século XIX e o final do XX. Isso nos leva a perceber que os sujeitos envolvidos na rede estão

impregnados de um saber popular e científico que influencia a tessitura de suas identidades.

Segundo Terry (1995), “desde o século XIX, o corpo ocupa posição central nas construções populares e científicas acerca da origem da homossexualidade”. A autora traça breve histórico da tentativa de correlacionar atributos físicos específicos à homossexualidade, demonstrando como os cientistas investigaram os corpos à procura de provas que atestassem alguma “deficiência constitucional” inata e/ou “inclinações anormais” a partir de práticas sexuais incomuns, ou seja, não orientadas para a reprodução.

Essa abordagem traz uma questão importante: “se é pelo corpo que reconhecemos a homossexualidade, as marcas encontradas são causa ou consequência?”, e a fim de responder a essa questão, Terry (1995) faz um percurso histórico através dos vários construtos teóricos que a ciência desenvolveu para descrever o homossexual:

- (a) 1869: “quando o homossexual foi singularizado pela ciência como um tipo específico de pessoa”;
- (b) década de 1930: marcada pelas teorias dos primeiros sexólogos americanos;
- (c) de 1935 a 1941: com os estudos promovidos pelo Committe for the Study of Sexual Variantes – CSSV; e
- (d) depois de 1945: com os estudos de Kinsey.

Os discursos médico-científicos gerados de 1869 a 1920 apresentavam uma série de teorias complexas e contraditórias em suas tentativas de explicar o homossexual, tendo em comum a compreensão de que o “instinto sexual contrário” residia no corpo. Pressupunham um corpo para o qual o desvio constitucional traria marcas (inatas) que o distinguiriam do corpo heterossexual.

Já na década de 1930, com o surgimento das teorias dos sexólogos americanos, havia duas maneiras de abordar a origem da homossexualidade, enfocando distintamente construções de corpo. A primeira postulava que a “homossexualidade era a sintomática de uma predisposição constitucional herdada e inata – as marcas inatas distinguem; a segunda, ser o corpo superfície sobre a qual os signos da homossexualidade apareciam como consequência, ao invés de causa, de certas práticas e tendências caracteriológicas” (Terry, 1995:130). As marcas, aqui, seriam decorrências de seus “desvios”.

Devemos levar em conta, a autora adverte, que os primeiros sexólogos não consideravam distintos os domínios biológicos e da psique. “No caso da homossexualidade, a tendência de um indivíduo a atos perversos era a evidência não só de inferioridade moral inata, como também de deficiência biológica” (Terry, 1995;131).

O corpo, portanto, ora era o suporte da homossexualidade, ora inclinava o indivíduo ao desregramento moral.

Em ambos os casos, associada à constituição do “invertido sexual”, constata-se uma degeneração moral, com duas caracterizações analíticas distintas.

(a) Como degeneração hereditária, a homossexualidade é entendida como sinal de perda de habilidade adaptativa. Os indivíduos assim caracterizados são defeituosos, sofreram uma involução, assemelhando-se ao “primitivo” em relação à “sociedade civilizada”. A justificativa se daria pela diminuição da diferenciação sexual (quanto mais indiscerníveis os sujeitos se constituem em relação aos gêneros feminino e masculino menos considerados são como pertencentes ao mundo civilizado), que seria causada por um processo evolutivo atrasado, cujos “limites de gênero – ou como mulheres masculinas ou como homens efeminados – eram considerados exemplares ‘inacabados’, de crescimento evolucionário interrompido, *status* partilhado com ‘selvagens’ e certos tipos de criminosos”. (Terry, 1995:135) Sofreriam de uma forma imatura de desenvolvimento, portadores de deficiência constitucional inata, localizando-se num patamar inferior do desenvolvimento evolutivo, pois tinham menor grau de dismorfismo sexual – *marca da inadaptabilidade*.

(b) Como deficiência constitucional, “reação patológica às demandas da civilização moderna, manifesta em suposta recusa à procriação” (Terry, 1995:132), é entendida como “efeito colateral” às exigências do refinamento cultural europeu, uma degradação patológica, portanto, e seu portador, um marginal por consequência de suas práticas desviantes. “Em vez de revelar sinais congênitos ou hereditários, ele veio a ser considerado em termos de superfícies ou zonas em que experiências e comportamentos haviam deixado marcas [...]. Especialistas se voltaram para o corpo através de estórias do comportamento e do desejo” (Terry, 1995;132) – *consequência dos desvios*.

Se no primeiro esquema o homossexual é o “degenerado-inadequado”, imaturo para viver na sociedade complexa, ser primitivo, indivíduo defeituoso marcado pela ambiguidade (entre o homem e a mulher), no segundo simboliza os que se desviam das

normas civilizadas, um “decadente” (subproduto indesejável da civilização). Os dois modelos, porém, pressupõem que o homossexual pertença a um sexo intermediário – o “terceiro sexo”, o que dificulta o entendimento dos casos de *gays* “masculinos” ou “ativos”, assim como de lésbicas “femininas” ou “passivas”. Os corpos, nesses casos, contêm a verdade – revelam quem se é.

De modo geral, os primeiros sexólogos acreditavam que a homossexualidade era condição inata, mas nem todos a consideravam patológica. Seu legado científico mais importante foi a ideia de que o homossexual era um tipo de pessoa inerentemente diferente, dotado de traços somáticos e caracterológicos que distinguiam essa criatura das pessoas normais. (Terry, 1995:137)

Outra fonte importante nessa análise da autora encontra-se nos trabalhos patrocinados pelo CSSV produzidos de 1935 a 1941, entre eles “um ambicioso estudo levado a efeito em Nova York para a obtenção de mais informações sobre os fatores psicogênicos e ambientais que ensejam a homossexualidade” (Terry, 1995:138); segundo a autora, esses estudos revelam transição do arcabouço teórico do século XIX, ao qual, de certa maneira, os primeiros sexólogos ainda estavam presos, para um modelo de “variância sexual”.

O contexto que propiciou essas pesquisas estava fortemente relacionado a um crescente “pânico sexual” de que os “pervertidos” e “invertidos” estivessem em toda parte, não identificáveis. Era, portanto, imperioso detectá-los antes que corrompessem a população.

A construção científica do homossexual estava integralmente relacionada a campanhas que encorajavam a heterossexualidade higiênica, praticada primordialmente entre pessoas brancas [...] O interesse do estudo CSSV era de detectar os sinais de homossexualidade, ligando-os às preocupações eugênicas mais amplas, como a manutenção do casamento e da reprodução entre “aptos”. Esperavam conceber uma lista de características visíveis que pudessem ajudar médicos a identificar os homossexuais e dissuadi-los do casamento. (Terry, 1995:139)

Esse estudo produziu uma verdadeira escopofilia científica na busca de sinais corpóreos da homossexualidade, uma “linha de montagem” com exames minuciosos visando à localização e à mensuração da masculinidade e da feminilidade nos corpos dos voluntários e também à descrição de práticas sexuais homossexuais. Dessa maneira,

o estudo do CSSV reiterou muitos aspectos do esquema constitucional proeminente do século XIX. Encarava a homossexualidade em termos de inversão sexual. Pensava-se, portanto, que variantes sexuais estivessem em meio a um *continuum* entre os pólos masculino e feminino, apresentando características físicas e psicosssexuais normalmente verificadas no sexo oposto. Excessiva masculinidade em mulheres e excessiva feminilidade em homens eram sinais marcantes de variância, e o comportamento sexual era considerado produto, e não causa dessa distribuição anômala de características de gênero [...] Pesquisadores afirmavam que tais características se verificavam quando todos os sujeitos eram tomados, estatisticamente, como um grupo, mas em muitos casos mal conseguiam encontrar duas ou três dessas qualidades em indivíduos. Portanto, numa tentativa de desenhar um corpo genérico de variante sexual, acabam construindo uma visão estereotipada da inversão sexual. (Terry, 1995:148)

A intenção era tornar o corpo homossexual “detectável” e, a partir daí, traçar um cordão sanitário em torno do corpo heterossexual “normal” ou sem mácula; como, porém, as pesquisas indicaram corpos indistintos, passou-se a pensar a “variância sexual” como produto do meio ambiente e do condicionamento do indivíduo.

Esses estudos sofreram críticas devastadoras de Alfred Kinsey, que pesquisou o comportamento sexual masculino (abrangendo homossexuais e heterossexuais) e definiu o comportamento homossexual com enfoque na variabilidade do comportamento sexual factual dos entrevistados e não como nos estudos do CSSV, que se limitou a voluntários homossexuais autodeclarados.

Apesar de não ser esse seu objetivo ou intenção, a crítica de Kinsey a respeito dos estudos que ligavam o comportamento homossexual a qualidades biológicas ou constitucionais franqueou, na verdade, um espaço para a articulação de explicação psicogênica [...] Com efeito, grande parte dos escritos psicanalíticos dos anos 40 até os anos 70 tinha o objetivo comum de não apenas prevenir a homossexualidade, mas de curar os indivíduos afligidos por esse desejo desviante [...] se a homossexualidade não era uma questão biológica, então as chances de curá-la eram maiores, pensavam os psicanalistas. (Terry, 1995:158)

O CSSV organizou as diferenças priorizando o corpo como fonte primordial da verdade e empregando técnicas de inspeção física com intuito de agrupar tipos de pessoas a partir de certos atributos particulares; por sua vez, Kinsey leva em consideração a variabilidade do comportamento sexual humano. Com isso obliterou de maneira contundente a distinção de um tipo específico de homossexual. “Efetivamente apagou a possibilidade de algo como um corpo homossexual distinto” (Terry, 1995:156).

Mais uma vez o medo de que o comportamento homossexual estivesse espreado na população é ativado. “Não intencionalmente, a evidência estatística de que a

homossexualidade era generalizada e de que os homossexuais eram imperceptíveis inflamou grande histeria entre os oficiais do governo” (Terry, 1995:158).

Com os estudos de Kinsey deu-se um passo adiante em relação aos modelos anteriores, desestabilizando as crenças de que a homossexualidade era atributo de um grupo de pessoas psicológica ou fisicamente distintas e borrando as fronteiras entre homossexualidade e heterossexualidade, tornando-a permeável e contingente.

“A procura da homossexualidade no corpo, entretanto, estava longe de cessar, tomando novas formas que enfocavam variabilidades do sistema hormonal e padrões de reação sexual” (Terry, 1995:160). A questão é então retomada: a homossexualidade é condição biológica ou prática cultural?

Há atualmente, implicação política na construção da homossexualidade: se adquirida ou socialmente produzida, ela poderia ser curada ou, no mínimo, passível de prevenção – arvoram-se os moralistas (cientistas ou não). Pode também, no entanto, ser pensada como diferença que deve ser salvaguardada pelo direito individual. Numa posição política de direitos, nesse caso, as diferenças são tomadas como algo positivo e patrimônio da própria condição humana.

Por sua vez, outra ação política pelos direitos civis pode ser justificada pela adoção de um pensamento essencialista: se a homossexualidade é biologicamente determinada, esses indivíduos não devem ser punidos, posto que se trataria de ação da natureza (e não “culpa” deles), legitimada pela variância sexual natural. Essa teoria essencializada, porém, abriria campo para que a condição fosse também entendida como patologia, evitável, no futuro, com exames pré-natais.

Atuais tentativas bem-intencionadas de localizar a homossexualidade no corpo têm em comum a tendência a crer que a diferença entre “nós” e “eles” é biologicamente determinada e politicamente útil.

Mais um vez, o corpo é simultaneamente considerado verdadeiro e determinante, atrelando o indivíduo a ele associado a um conjunto de capacidades, fraquezas e desejos. Como produto da ‘natureza’, o corpo governa o indivíduo que, por sua vez, se submete a suas demandas e, segundo leitura bastante peculiar da doutrina dos direitos civis, se encontra livre da pressão da reforma por não ter culpa. (Terry, 1995:162)

Há, em toda essa argumentação, feroz crítica à nova onda biologizante da homossexualidade, que toma como certo o fato de que os indivíduos se dividem, por força da natureza, entre homossexuais e heterossexuais, pensando que essas categorias

constituem dado a-histórico e não construto cultural, sendo conformadas em identidades políticas.

Seguindo esse percurso construcionista podemos perceber as mudanças que ocorreram na construção dos espaços de sociabilidade e nas maneiras de significar as identidades sexuais. Se a sociabilidade a princípio empreendida pelos grupos estudados estava diretamente ligada aos papéis de gênero e aos comportamentos sexuais associados – que os sujeitos assumem em diálogo com as normas estabelecidas por uma sociedade heterocentrada –, com o passar do tempo outros arranjos foram construídos para localizá-los como homossexuais.

Portanto, esse tipo de sociabilidade está diretamente ligado a certa construção social do sujeito e ao local em que a ação se dá. Uma e outro apartados da sociedade maior, embora por ela influenciados. Nesse caso, o espaço é indissociável da própria identidade do sujeito que o constrói e, ao mesmo tempo, se constrói.

As subculturas sexuais que tinham crescido em áreas urbanas foram campo especialmente fértil para esses experimentos. A abordagem construcionista mostra que essa tentativa de criar novos espaços parcialmente protegidos de elaboração e expressão de novas formas, comportamentos e sensibilidades sexuais, também faz parte de uma luta política mais abrangente para definir a sexualidade. As subculturas não só dão origem a novas maneiras de organizar o comportamento e a identidade, como também a novas formas de oposição e participação simbólica em relação à ordem dominante. (Vance, 1995:16)

Segundo Hall (2001) a construção dos sujeitos é historicamente localizada. Dessa maneira, o autor desestabiliza as certezas mais caras aos que acreditam em identidades fixas (a-históricas), coloca em descrédito a busca das essências das coisas ao enfatizar o caráter histórico às quais as construções identitárias estão submetidas, apontando que é importante analisar as mediações que os sujeitos fazem para se localizar no mundo, ou seja, entender que características serão relevantes para sua identificação e de que maneira elas são articuladas no cotidiano.

Desde o século XVIII, como aponta Foucault (1988), a sexualidade vem determinando em grande medida o modo como o sujeito é visto e como se vê. Conseqüentemente, o sexo do sujeito somado ao sexo do objeto de seu desejo determina a identidade dos sujeitos no mundo moderno, separando-os em heterossexuais e homossexuais.

Nessa lógica, para entender as ações dos sujeitos é fundamental compreender o que a sociedade percebe como sexual e como esses significados se articulam com as outras maneiras possíveis de classificar os sujeitos. É também necessário levar em consideração o contexto em que o sujeito se encontra para que os significados possam ser apreendidos e articulados, e, assim, construídas suas identidades.

O sujeito pode, portanto, identificar-se e/ou ser identificado como negro ou como homossexual, ou agenciar outros atributos que o aloquem em determinada classificação identitária (nem sempre a via é de mão dupla, nem a identidade, singular). Admite-se, dessa maneira, não só a fragmentação da política identitária, mas também sua possível descontinuidade.

Uso o termo “identidade” para significar o ponto de vista de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso. (Hall, 2000: 111-112)

Faço referência a Ingold (2005) para abordar a constituição de uma suposta descontinuidade identitária, os estranhos/excluídos/estigmatizados (os que “desviam”), tendo o espaço de sociabilidade como norte. O autor nos dá elementos para pensar nessa localização social do sujeito e para questionar como e onde essas mudanças ocorrem, quais são os movimentos de localização social dos sujeitos e em que lugar eles se dão, apontando que é no próprio caminhar que as relações e os sentidos das coisas vão sendo construídos. E é nesse “descobrir caminhos” que podemos modificar os lugares, transformando-os, destituindo-os de sentido ou instituindo novos sentidos, redescrivendo-os.

Assim sendo, tanto o estigmatizado quanto o “normal” conhecem sua posição, mas não pelo “mapa” (posicionamento do sujeito, um “roteiro”) que é reificado e dessa maneira se faz atuante para justificar a exclusão, e sim por experiências e conhecimentos de sua região, das jornadas que cumpriu e de certa maneira compartilhou. A metáfora do “descobrir caminhos” é capaz de fornecer uma posição aos sujeitos, ainda que provisória, posto que é indexada na história, e os sujeitos mapeiam a situação, localizando-a por narrativas que permitem a orientação, pelo “conhecer caminhando”. Esse descobrir é efetivado pelo relacionamento com o entorno; “o descobrir-caminho é entendido como

desempenho habilidoso pelo qual o viajante, cujos poderes de percepção e de ação foram afinados através de experiências anteriores, ‘sente seu caminho’ rumo a seu objetivo, ajustando em resposta ao monitoramento perceptivo contínuo do seu entorno” (Ingold, 2005:78).

Podemos estabelecer um paralelo entre as metáforas de Ingold (2005), “fazer mapa” (no sentido de ajustar os significados) e “descobrir caminho caminhando”, e as interfaces explicitadas por Gagnon (2006:226): “Na interface da cultura e da vida mental, o indivíduo é plateia, crítico e revisor, à medida que o material dos cenários culturais é importante para os roteiros intrapsíquicos. Na interface entre a interação e a vida mental, o indivíduo é ator, crítico e dramaturgo”. Se na primeira ele revisa o mapa, na segunda ele o constrói à medida que caminha.

CAPÍTULO 1

O SNOB: FONTE DE AFIRMAÇÃO DAS AÇÕES DOS GRUPOS

1.1. A rede: o público de *O Snob*

Ano de 1963. A cidade do Rio de Janeiro vive clima de efervescência cultural e política que prometia liberdade e ação. Sua imagem continha a promessa de se poder viver sem as amarras das cidades menores ou rurais, possibilitada por mais independência da família e do controle de vizinhanças. O “exílio” para muitos homossexuais era condição necessária para construir sua vida em outro cenário cultural, reescrevendo sua biografia.²¹ O controle social a que o campo ou as cidades pequenas submetem esses atores inviabiliza sua atuação coletiva, tornando extremamente difícil levar a cabo suas pretensões, sejam de parceria sexual ou de amizades.

Um “sujeito” sempre é produzido pela ordem social que organiza as “experiências” dos indivíduos num dado momento da história [...]. Um “sujeito” sempre é produzido em e pela “subordinação” a uma ordem, a regras, normas, leis... Isto é verdade para todos os “sujeitos”. Ser “sujeito” e estar subordinado a um sistema de constrangimentos são uma única e mesma coisa. Mas é ainda mais para os “sujeitos” aos quais num lugar “inferiorizado” é atribuído pela ordem social e sexual, como é o caso dos homossexuais. (Eribon, 2008:16)

Eribon sugere que a construção identitária em uma estrutura heterocentrada em que a imagem do “homossexual” se faz por intermédio da “injúria”²² irá impregnar as relações interpessoais e subjetivas dos sujeitos que sofrem esse tipo de tratamento. Segundo o autor, a “injúria” a que os *gays* estão submetidos os subordina a certas normas de atuação e de ocupação de território, mas não sem resistência. De fato, ele aponta, a ordem sexual que os sujeita também possibilita criar modos de vida e espaços de liberdade,

²¹ “assumimos que um indivíduo só pode, realmente, ter uma, o que é garantido muito mais pelas leis da física do que da sociedade. Entende-se que tudo o que alguém fez e pode, realmente, fazer é passível de ser incluído em sua biografia [...] os verdadeiros fatos de sua existência não podem ser contraditórios ou desarticulados. Note-se que essa unicidade inclusiva da linha de vida está em flagrante contraste com a multiplicidade de ‘eus’ que se descobrem no indivíduo ao encarná-lo sob a perspectiva do papel social onde, no caso de a segregação entre papel e audiência estar bem manipulada, ele poderá sustentar com bastante facilidade egos bem diversos e, até certo ponto, pretender que não é mais algo que já foi” (Goffman, 1988:73).

²² “A injúria é um enunciado performático: ela tem por função produzir efeitos e principalmente instituir, ou perpetuar o corte entre os ‘normais’ e aqueles que Goffman chama de ‘estigmatizados’, fazendo esse corte entrar na cabeça dos indivíduos. A injúria me diz o que sou na medida em que me faz o que sou” (Eribon, 2008:29).

que variarão em cada época, ou seja, as formas de resistência à dominação não são únicas nem tampouco universais, mas, produto do cenário que os envolve em função do tempo e do espaço.

O problema da “injúria”, portanto, será absorvido e negociado de maneira diferente no tempo e no espaço, podendo produzir ações diferentes para sua convivência ou resistência a ele. O autor trabalha com dois conceitos analíticos (goffmanianos) de identidade que se inter-relacionam: a identidade atribuída pela sociedade (o que é esperado) e a identidade pessoal, que é realizada a partir da primeira, possibilitando reinventar-se, “o que significa, por conseguinte, que o ato pelo qual a identidade é reinventada sempre é dependente da identidade tal qual é imposta pela ordem sexual”. (Eribon, 2008:17)

Essa reconstrução identitária é favorecida pelo modo de vida da metrópole, pois a dominação a que são submetidos nas cidades menores diminui a possibilidade de uma vida associativa. Isso, contudo, não quer dizer que eles não sejam perseguidos nos grandes centros, que todavia, comportam estratégias propiciadoras de que os sujeitos se estabeleçam de maneira mais fluida e com maior margem de negociação com a sociedade. Uma dessas estratégias é o anonimato, que no caso em estudo possibilitou a construção de espaços de sociabilidade à parte da sociedade estabelecida, – o “gueto”. Esses sujeitos muitas vezes ficam submetidos a “vida dupla”, de um lado reunindo suas atividades gerais, trabalho, família e moradia de outro incluindo o “gueto” em que se pode expressar livremente. Assim um dos componentes da rede justifica a manifestação dessa duplicidade: “uma [atuação] para o nosso meio, para os que pensam conosco, outra para o outro lado da vida onde figuramos como artistas, vivendo assim dupla personalidade”.²³

Segundo Eribon (2008:31) são essas condições que fazem com que os “homossexuais” sejam atraídos pela cidade e suas redes de sociabilidade: “São muitos os que procuram deixar o lugar onde nasceram e onde passaram a infância para vir se instalar em cidades mais acolhedoras [...] Esse movimento de fuga seguramente conduz os homossexuais para a cidade grande.” No caso em estudo, essa estratégia que busca o anonimato nas grandes cidades também comportou mudanças de bairros ou, então, criação de laços de amizade longe dos olhos vigilantes de vizinhos e familiares.

²³ *O Snob*, n.6, 1964.

A rede de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro no período focalizado incorporava esses sujeitos em “fuga”, compondo vários grupos em que eles criaram laços de amizade que remontam ao final dos anos 50.

O relato de dois participantes²⁴ da rede exemplifica o movimento de “fuga” empreendido em busca do anonimato para experimentar novos cenários culturais sem influência familiar e vigilância vicinal:

As pessoas não imaginam o que era naquela época sair da sua cidade e vir para o Rio. O Rio de Janeiro era como se fosse a redenção. A gente achava que vinha para o Rio, e seria tudo melhor, e em parte era; lá era uma perseguição muito pior do que no Rio, porque a gente não podia fazer nada. (AG)

No Rio de Janeiro eu podia crescer, me soltar, me conhecer melhor, não tinha muito claro estas idéias [...] o que eu tinha muito claro é que numa cidade pequena eu estaria condenado a ter que me casar logo [...] para salvar as aparências. Eu ia ser muito infeliz. No Rio de Janeiro, na cidade grande... A ideia do anonimato de uma cidade grande me atraía muito. No anonimato total, saber que poderia aprontar alguma, ninguém... Fazer o que quisesse, ser um anônimo na multidão era o maior atrativo. (J)

Contabilizei nove grupos nos dois primeiros anos de atuação do jornal *O Snob* (1963-1964), que assim se designavam: Turma do Catete, Turma de Copacabana, Turma da Zona Norte, Turma do Leme, Turma OK, Turma da Glória, Turma da Mafalda, Turma de Botafogo e o Grupo Snob.

O objetivo principal dessa rede era congregar amigos que não encontravam na cidade espaços de sociabilidade “homossexual” que pudessem desfrutar sem sofrer perseguição; uma espécie de “guetificação voluntária”, que tirava os indivíduos do isolamento.

Cada grupo tinha uma casa que abria sua porta para as reuniões. A casa de Edméa,²⁵ por exemplo, denominada *Chateau de Ville*, reunia a Turma do Catete, e para as suas festas eram convidados alguns participantes de outras turmas. As festas especiais nas residências demandavam várias reuniões para organização, mas as casas também promoviam jantares e outros tipos de confraternização mais intimistas.

O relato de Agildo Guimarães²⁶ aponta o espírito da época em relação à homossexualidade, que impregnava todos, incluindo os que sofriam a discriminação: “Era

²⁴ Entrevistas concedidas ao autor por Agildo Guimarães em 09/02/2008 e por Jair em 23/11/2009, ambas no Rio de Janeiro.

²⁵ Edméa é pseudônimo de um dos participantes da rede, que, como quase todas as “bichas”, escolhera um nome no feminino e assim era tratado.

²⁶ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 29/07/2007.

muita coragem sair comigo na rua [mostra uma foto com o “bofe” com quem saía na época, anos 60], pois eu era pintosa mesmo.” O ser “pintosa”²⁷ (muito efeminado) é o que justificaria a agressão (daí a constatação de que “era muita coragem”) tanto para o agressor quanto para o agredido, que, afrontado na rua, necessitava de um espaço em que pudesse viver sem as pressões externas.

As reuniões, segundo Agildo Guimarães,²⁸ eram “mais para se conversar para se encontrar, conversar, rir. Cada um levava algo para comer. Lógico que sempre tinha um bofe. Acho que era importante o prazer visual de ver um bofe bonito”. Esse relato parece-me fundamental para entender a construção desses grupos, cujos participantes, vivendo em uma grande cidade, eram agredidos e isolados socialmente em função de seu comportamento homossexual, que precisavam, na maioria das vezes, manter em segredo. Para superar essa maneira de viver característica dos anos 60, quando não podiam ser “eles mesmos”, procuraram promover agregação social com objetivo de “existir”.

O domicílio foi o local privilegiado por esses grupos para suas reuniões, posto que nesse espaço conseguiam filtrar e controlar a frequência. Esses encontros tinham seu ápice nas “festas temáticas”, que envolviam planejamento e produção, demandando vários encontros precedentes para escolher o tema, angariar recursos e montar estratégias para sua realização. Essas “festas temáticas” poderiam comportar concursos de misses e de Os melhores do ano, *shows*, teatros, jantares, configurando-se, assim, poderosos agentes de sociabilidade. Essas atividades foram tão importantes, que se tornou necessária a criação de um jornal, *O Snob*, que teve em seu início a tarefa de relatar esses encontros especiais, mas que logo começou também a divulgar outras notícias de interesses da rede, como, por exemplo, os arranjos de parceria afetivos e/ou sexuais e as atividades culturais da rede.

Nesse contexto, as reuniões em residências, ao mesmo tempo em que protegiam e facilitavam seus encontros de amizade e sexo-afetivos, produziam uma espécie de sociabilidade fortemente associada ao “estigma do passivo”.²⁹ Como forma de superar essa circunstância, promoviam a valorização das ações das “bichas”, enfatizando seu poder de ação e organização, bem como sua cultura literária, exposta no jornal mediante citações de

²⁷ Misse (1979:33) aponta como a construção de identidade sob o rótulo de “passivo” se transforma em identidade desacreditada, em que o atributo social desacreditador provém de função sexual ou de seu desempenho social. O “estigma do passivo”, segundo o autor, “não se reduz às relações interpessoais imediatas, mas, pelo contrário, só existe nelas porque está no discurso cotidiano e na ideologia dominante”.

²⁸ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 29/07/2007.

²⁹ Ver Misse, 1979.

autores clássicos e contemporâneos. Os grupos eram fortemente influenciados pela sociedade maior, havendo de fato a tentativa de reproduzir o que era a “alta sociedade” carioca; os componentes da rede buscavam em suas festas e concursos promover atmosfera³⁰ de “sofisticação” semelhante à desse segmento social, cujos valores apreendiam de longe, adequando-os a suas limitações financeiras.

Valorizando certo esnobismo – caricato, talvez –, essas tentativas demonstravam toda sua atividade social, pois as iniciativas partiam das “bichas” que organizavam, produziam e administravam as relações, imprimindo-lhes, assim, um “gosto”, de acordo com o qual suas atuações eram apreciadas por meio da exacerbação dos aspectos femininos que as caracterizavam. Em torno delas gravitava o “bofe”, sua contrapartida.

Nos relatos do jornal *O Snob* que nomeiam os participantes da rede, contabilizei 173 sujeitos nas edições de 1963, identifiquei a região de origem de 38 (22% do total), dos quais 89% não eram naturais da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1964 aumenta o afluxo de pessoas nas atividades da rede: 375, entre “bichas” e “bofes”. Desse total foi possível identificar a região de origem de 86 participantes (22% do total), o que apontou 95% não cariocas.

Esses números podem nos indicar uma “fuga” de suas origens regionais em busca de vida mais satisfatória, com o propósito provável de alcançar mais liberdade de atuação no que tange à sexualidade. Essa população, em todo o período estudado, busca lugares em que se possa expressar. Até 1965 os grupos que compunham a rede não encontravam lugares exclusivamente homossexuais.³¹ A procura de aproximação de seus “iguais”, leva-os à cidade grande, em busca da realização das promessas de vivenciar algo diferente da repressão imposta em seu local de origem (familiar e/ou regional); leva-os a encontrar “zonas morais” em que possam expressar suas demandas afetivas e/ou sexuais, criar lugares de encontro ou de sociabilidade.

A ocupação profissional dos participantes dessa rede relatado em *O Snob* – “bichas”, “bofes” e três mulheres (ao que tudo indica heterossexuais) – foi fracamente identificada, tendo, aparentemente pouca relevância para a aceitação na rede. Desse universo apenas 17% em 1963 e 7% em 1964 apareceram no jornal correlacionados à sua atividade profissional, cuja menção em geral se relaciona a eventual contribuição para o

³⁰ Uma mistura de deboche e admiração pela alta sociedade carioca.

³¹ Há vários relatos em *O Snob* (1963) de apenas um local exclusivo o “Banzai”, em Juiz de Fora. No Rio de Janeiro essa exclusividade só era alcançada pelos grupos nas reuniões e festas em residências.

grupo. Identifiquei esses profissionais num contexto de prestação de serviço ao grupo ou que justificasse ausências e preocupações. Por exemplo, a confecção ou venda de roupas para os participantes, a greve dos bancários e a possibilidade do desemprego, as decorações nos apartamentos e as atividades artísticas que um indivíduo desenvolvia no grupo ou sua valorização fora do grupo.

Quanto à distribuição dessa população entre “bichas” e “bofes”, foram utilizados dados encontrados nos exemplares do jornal de 63 e 64. Em 1963, 49% dos 173 participantes eram relatados como “bichas” (ou “bonecas”), e 32% como “bofes”. Dos 374 de 1964, 55% foram identificados como “bichas”, e 26% como “bofes”. Dos 17% restantes³² em cada ano não foi possível distinguir com clareza a “identidade de sexo”,³³ embora, na maioria das vezes, os depoimentos se assemelhem mais com o das “bichas”. Geralmente os “bofes” aparecem no jornal em função de seu relacionamento com uma “bicha”, como, por exemplo, o “Willian da Tatiana”;³⁴ ou nas colunas “Eles os bofes” ou “Falando deles”. Os não classificados foram quase sempre citados no jornal individualmente, como as “bichas” que identifiquei. Se assim for, os “bofes” configuravam produto escasso e, por isso, valorizado.

Percebo, também, a partir da leitura de *O Snob*, uma população flutuante, do tipo que Guimarães (2004) reporta em sua pesquisa como *network* atomizada. No entanto, os grupos aqui estudados tinham também personagens marcantes e público fiel a suas atividades, que consolidavam objetivos singulares (modo de agir, gostos) e lhes garantiam visão de mundo própria – eram, portanto, mais do que um “coletivo”. Uma parte substancial estabeleceu laços afetivos e/ou sexuais duradouros e de reconhecimento nominal dentro da rede. Dos participantes que encontramos mencionados em 1963 e 1964, pelo menos 127 tinham marcada assiduidade nos relatos do jornal.

Essa aproximação possibilitou, a meu ver, modo de vida peculiar, consolidando uma ação cultural própria, seja nas atividades festivas em que expressavam sua visão de

³² 2% eram mulheres.

³³ A identidade de sexo é reconhecida pela associação entre o sexo biológico (macho X fêmea) e os atributos de gênero (masculino X feminino) associados àquele por uma dada cultura. “A proposta política do Triângulo Rosa [grupo organizado por homossexuais, fundado em 1985, que se preocupa em minimizar a discriminação contra os *gays* dialogando com as instituições estabelecidas. Faz parte dos “novos movimentos sociais”, que trazem em seu bojo reivindicações ligadas aos direitos civis e sociais], ao diferenciar seus participantes dos travestis, pressupõe a relação não só entre dois homens, mas entre pessoas referidas pelo mesmo sexo e pelo mesmo gênero, ou para utilizar a expressão de Mathieu, referidas pela identidade de sexo” (Câmara, 2002:59).

³⁴ Tatiana é pseudônimo de um dos participantes da rede.

mundo ou por sua crença identitária, conformando-os em uma “subcultura”, posto que havia um sentimento de pertencimento àquele espaço social que construíram e a suas manifestações sociosexuais.

Os guetos têm importância grande para a sociabilidade destes indivíduos. No entanto, estes guetos não estavam livres dos ataques sócio-policiais. [Os] ataques periódicos ao gueto são especialmente nocivos ao bem-estar psíquico e social dos seus frequentadores porque é lá que normalmente as pressões sofridas no cotidiano são afastadas, novos valores são desenvolvidos e o homossexual tem mais condições de se “assumir” e testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto, que mais cedo ou mais tarde também acaba afetando outras áreas da sociedade, criando novos espaços de democracia sexual. (MacRae, 1990:50)

Até 1964, cada grupo compunha seu próprio esquema para “arregimentar” seus componentes, o que significava estreitar ou estabelecer laços de amizade.

Na Turma OK, havia hierarquia informal, liderança e divisão de tarefas. Seu jornal, *A terceira força*, servia como elo entre os participantes, informando sua “programação” e os interesses de seus componentes.

Na Turma da Zona Norte, essa integração se dava em seus bairros de origem. Longe do burburinho da Zona Sul, mas em contato permanente, estabeleciam seus encontros nas casas de seus participantes e nos bares locais, informando seus membros sobre as atividades e interesses por meio do jornal *O Vagalume* (antigo *Zona Norte*).

Nos grupos da Zona Sul as atividades giravam em torno das casas que promoviam a maioria das festas relatadas em *O Snob*. Por fim, temos o Grupo Snob, que produzia o jornal *O Snob*, ponto de integração de todos os grupos, promovendo sua maior aproximação. Seus participantes também pertenciam a outros grupos, como Agildo Guimarães, o editor, que também fazia parte da Turma OK.

Esses grupos mantinham forte coesão interna, promovida pelo contato intenso dos encontros cotidianos. Alguns dividiam apartamento, outros trabalhavam no mesmo local; frequentavam as mesmas festas e apresentavam iguais interesses pelos “bofes”. As afinidades produzidas por seus modos de vida “homossexual” os unem, o fato de serem excluídos os agrega, e a promoção dos espaços de sociabilidade que estabeleceram produz novas maneiras de interação.

No “exílio” da terra de origem e/ou familiar, os amigos tornam-se uma “família substituta”. Não podendo compartilhar suas apreensões e desejos com os parentes de origem, constroem com os amigos relações de afeto e confiança.

Ainda que fracamente, observei, como maneira peculiar de entrada nos grupos, a “adoção” do novato na “comunidade entendida”³⁵ utilizando a nomeação tradicional da família estendida: “filho”, “filha”, “sobrinha”, “madrinha”, “mãe”.

À “mãe” cabia a obrigação de introduzir o pupilo nos meandros desse “outro mundo”, de maneira que não infringisse as regras estabelecidas, soubesse aproveitar as oportunidades ofertadas pela rede e aprendesse a se portar e a conduzir suas aptidões. Não se esclareceu, contudo, se havia interesse sexual na adoção de um “filho”, mas tudo indica que sim.

A grande atração que sem dúvida esses grupos exerciam sobre os indivíduos, em todo o período estudado, dizia respeito às afinidades que os ligavam, primordialmente, às conformações identitárias e aos interesses que compartilham: literatura, cinema, teatro, concursos de misses, elegância na vestimenta, condições de vida, afastamento da família e/ou da terra natal e conquista de espaços de convivência em que se pudessem expressar. A partir de 1965 os “entendidos” também estão incluídos nesse cenário, o que os conformava a um espaço de atuação destacado da sociedade maior, mas sem com ela perder o vínculo.

Essas injunções possibilitaram e reforçaram seus laços, e moldaram maneira de atuação na rede fortalecedora das identidades específicas através da regulação das normas que possibilitaram sua existência.

As relações entre os vários participantes dessa rede de sociabilidade envolveram, todavia, também vários conflitos relacionados a modos de se comportar, se vestir, se expressar e manter as parcerias amorosas. A atualização desses padrões de procedimento era muitas vezes explicitada através da fofoca.

³⁵ Uso essa expressão para sintetizar várias outras encontradas em *O Snob*, como “mundo entendido” (n.14/63), “ambiente entendido” (n.16, 1963), “meios entendidos” (n.6, 1964), e como contraface do “público fora da comunidade” (n.4, 1964). Todas essas são empregadas com o mesmo significado de “sociedade bichal” (n.9, 1963), pois como veremos, até 1965 “entendido” designava todas as pessoas que “entendesse”, no sentido, de aceitar, valorizar e compartilhar o modo de vida das “bichas”. Dessa maneira, um heterossexual pode ser classificado como “entendido”, desde que compartilhe dessa “sociedade”, o que se assemelha ao que hoje chamamos de “simpatizantes”; adianto, porém, que os termos comportam diferenças importantes. Esse tema será desenvolvido no Capítulo 2.

Com a lenta desarticulação dessas turmas, ao longo de 1965 e 1966, novos grupos vão sendo criados a partir dos componentes dispersos: são aqueles formados em torno dos jornais que florescem nesses anos, muito influenciados pelo sucesso de *O Snob*.

A rede carioca vai-se consolidando em volta de seus respectivos jornais e construindo novos experimentos identitários com a acolhida de outros personagens. O Grupo Snob amplia sua rede de sociabilidade para além da cidade do Rio de Janeiro, fazendo contato permanente, através dos jornais e das viagens, com outras cidades do estado e outras espalhadas pelas regiões do Brasil, mas tendo sempre como ponto central o grupo que produz e sustenta *O Snob*.

Os principais atores do período 1963-1964 continuam em sua maioria atuando na elaboração do jornal, mas em 1965-1966 são incorporados outros. Alguns começam a questionar a função do periódico e seu modo de retratar os participantes da rede, gerando conflitos internos que são expostos em suas colunas, disputa que será sempre mediada pelo idealizador e principal realizador do jornal, Agildo Guimarães.

Essa nova dinâmica de agrupamento tem uma peculiaridade: os jornais e seus “associados” formavam um grupo que ia além de seus editores e redatores. Trata-se de um jornal/grupo, que não se limitava a seus realizadores, incluindo um rol de pessoas com ligações afetivas e classificadas *snobianas*. Outros jornais domésticos seguiram essa mesma trajetória (jornal/grupo) e foram produzidos com a mesma temática homoerótica.

As festas e os encontros são promovidos pelos componentes desses jornais/grupos acrescidos por algumas turmas que resistem. A de Bento Ribeiro, por exemplo, continua ativa, mas se associa a *O Snob*, produzindo uma coluna com os interesses de seu grupo. Os componentes da Turma de Niterói se integram completamente ao núcleo da Zona Sul carioca, que se fundira ao Grupo Snob, estreitando laços de amizade, realizando festas e concursos, e uma parte na feitura do jornal.

Outro grupo da Zona Norte tem seu próprio jornal, o *Subúrbio à Noite*, que também promove seus concursos e festas, congregando componentes a sua volta.

Em 1966, circulavam (com maior ou menor permanência e periodicidade) no estado do Rio de Janeiro: *Subúrbio à Noite*, *O Mito* (Niterói), *O Cacho* (Niterói), *O Estábulo*, *Le Sophistiqué* (Campos), *Newsbook* (antigo *A Terceira Força*). Em 1967, pelo menos, mais três são produzidos: *Os Felinos* (Niterói), *O Centro* e *O Grupo*.

Outra novidade foi a emergência de dois subgrupos, o Club 10 (C-10)³⁶ e Os Pelicanos.³⁷ Eles são peculiares e, no meu entender, reflexo dos questionamentos que parte dos novos componentes impõe ao grupo. Todos os membros desses dois pequenos grupos participavam ativamente de *O Snob*, mas sentiram necessidade de se diferenciar a partir dos roteiros sexuais que os orientavam; o C-10 era exclusivamente de “bonecas” e Os Pelicanos, formados apenas por “entendidos”. O primeiro, ao que tudo indica, parece ter-se distanciado de *O Snob* e se associado a *O Mito*.³⁸ A última notícia sobre o C-10 saiu no n.1 de 1969 e sobre Os Pelicanos no n.12 de 1967.

Seguindo a nova linha editorial de *O Snob*, que privilegiou a aproximação com outras cidades, foram incorporados ao Grupo Snob as turmas de Colatina, de Niterói, de Campos, de Barra do Piraí, de Salvador e de Manaus.

Alguns jornais florescem;³⁹ em 1967 circulavam no Rio de Janeiro: *O Snob*, *O Mito*, *O Estábulo*, *O Centro*, *O Grupo*, *Subúrbio à Noite*, *Os Felinos*, *O Núcleo*, *Vinte de Abril* e *Cinelândia à Noite*, os dois últimos não sendo mais comentados no exemplares seguintes. Em 1968, mais um periódico é relacionado, *O Centauro*.

Outros deixaram de circular: *O Vagalume* (Bangu), *O Chic* (Copacabana), *O Queridinho* (Copacabana), *O Charme* (Botafogo), *A Terceira Força* (Turma OK), *Le Carrilon* (Tijuca), *Le Sophistiqué* (Campos) – todos, ao que tudo indica, das antigas turmas, cujos interesses divulgavam.

Essa proliferação de jornais/grupos, porém, não foi pacífica. Em 1967 iniciou-se uma “guerra” entre eles, envolvendo seus editores e alguns de seus “associados”. Em meio a fofocas e autopromoções, nota-se a busca desenfreada para aparecer no jornal. Estabelece-se a luta por prestígio, e os desacordos quanto às condutas sexuais dos participantes eram exacerbados nas maledicências cotidianas. A “paz” é selada entre os jornais/grupos em 1969 com a entrada de *O Snob* na Associação Brasileira de Imprensa Gay – Abig, criada em 1968, cuja diretoria passou então a estabelecer critérios éticos na produção dos jornais a ela associados.

³⁶ *O Snob*, n.21, 1965.

³⁷ *O Snob*, n.11, 1966.

³⁸ Os dois patrocinam o Miss Brasil; esse título confere a seu detentor a tarefa de representar o jornal *O Mito* nos acontecimentos sociais.

³⁹ *O Snob*, edição especial – jul. 1967 e n.12, 1967.

Em 1968 estão em atividade no estado do Rio de Janeiro *O Snob*, *Darling*, *O Centro*, *O Centauro*, *La Saison*, *Subúrbio à Noite*, *O Vic*, *O Estábulo*, *Le Femme*, *O Star*, *Opinião*, *O Mito*.

Em contraposição à ação da Abig um grupo liderado por antiga participante de *O Centro*, promete lançar *O Vômito*, com muita intriga.

No período estudado, o “exílio” continua sendo uma forma de esses atores livrarem-se do jugo familiar e de vizinhança. Por conseguinte, o afluxo de pessoas de outras regiões permanece, e a acolhida dos grupos ainda é um atrativo para elas. O contexto profissional ainda influencia pouco sua entrada, interessando mais o fato de estarem em situação de conflito com as normas sexuais da sociedade maior. A aceitação, porém não era irrestrita, e a submissão a algumas normas estabelecidas pela rede tornava-se primordial, como demonstra uma das colunistas, fazendo retrospectiva dos três anos de circulação do jornal:

O Snob deixou de ser um clã fechado e restrito para tornar-se uma grande sociedade. São “snobs” todos aqueles que queiram se equilibrar dentro de certo gabarito que é norteado pelo jornal onde as pessoas se encontram se conhecem e trocam impressões sobre qualquer assunto e passam a existir num clima [ilegível] que dá manchetes e promoções a pequenos acontecimentos importantes na nossa vida alienados dos problemas humanos cognominados de “normais” nesta civilização que caminha vertiginosamente para um paroxismo. (*O Snob*, n.11, 1965)

É através dos periódicos e do cotidiano que esses personagens atuam na rede, na qual produziram e usufruíram *O Snob* (assim como os demais jornais), cuja marca indelével estava nos temas voltados para as “bichas” (ou “bonecas”), ainda que de 1965 em diante os “entendidos” tenham introduzido suas questões, abrindo espaço para imprimir essa nova perspectiva identitária e ocasionando conflitos internos.

1.2. *O Snob*: o jornal e seus aspectos gráficos e editoriais

De 1963 a 1969 *O Snob* totalizou 100 edições, em que se incluem duas extras e uma especial. A distribuição, de início entre amigos, com o passar dos anos ganhou repercussão na “comunidade entendida”, estando disponível nos pontos de encontro das “bichas”. A única informação sobre sua circulação foi encontrada no n.8 de 1964, que registra a distribuição de 30 exemplares.

De produção doméstica, mimeografado em papel ofício, veiculava fofocas, informações sobre locais de encontros sexuais, notícias de pessoas da rede e parcerias amorosas. Cinema, teatro e poesia também eram alvo de comentários e troças, bem como o que lhe deu origem:⁴⁰ relatos de festas e concursos.

Com periodicidade razoavelmente estável começou como um pequeno panfleto de duas páginas. Teve periodicidades distintas no decorrer de sua existência. No início foi um jornal semanal de poucas páginas, passando por um período quinzenal e outro mensal. A partir do número três de 1964 circula com capa na qual eram impressos desenhos de figuras femininas representando pessoas ilustres da rede; “Edméa, é a moça da capa” (ver Fig. 3, pág. 51).

É interessante notar como as fotos de capa das revistas da época (*Manchete*, *O Cruzeiro*), com modelos e artistas em poses singulares, eram semelhantes aos desenhos encontrados nas capas de *O Snob* (figuras abaixo).



Figuras 1 e 2: capas de *O Snob*, n.5, 1964 e *Manchete*, n.592, 1963

⁴⁰ Ver *O Snob*, n.1, 1964

Suas capas retratavam personagens autodesignadas VIBs (*Very important bichas*) – as VIPs (*Very important persons*) da “sociedade bichal”, sempre representadas como mulheres elegantes, em poses delicadas e impostadas. Esses desenhos eram chamados de fotografia, ilusão desmascarada ao primeiro olhar, nosso e deles. Havia, porém, uma cumplicidade tácita para encobrir as duas “inverdades”: não eram fotos, mas desenhos, e não eram mulheres, mas homens. Nessa “ilusão” coletiva, a “verdade” era relativizada. A “comunidade” tinha sua própria noção de realidade⁴¹ e agia dentro da rede para dar veracidade a suas representações.

Antes de *O Snob*, pelo menos dois jornais⁴² de temática homossexual circularam na cidade do Rio de Janeiro: *O Taradinho*, produzido pela Turma OK e editado por Itamar⁴³ em 1961,⁴⁴ e o *Glamour*, que em 1963 se fundiram, dando origem a *A Terceira Força*,⁴⁵ que noticiava as atividades da Turma OK.

Diferença importante entre *O Snob* e *A Terceira Força* é que o primeiro circulava em circuito público, sendo oferecido em locais de sociabilidade “homossexual”; o outro era “privado”, de circulação interna, com o objetivo específico de divulgar notícias relevantes para a Turma OK, em cujas reuniões era lido. Às vezes exemplar único circulava entre as pessoas.

Em tom de segredo e desabafo, Agildo Guimarães⁴⁶ informa que o nome do jornal foi inspirado por letreiro de loja em uma galeria de antiguidade; nada especial, portanto. Por seu relato intuo a dissimulação de que fizeram uso para desvincular essa origem banal do requinte que queriam atribuir ao título do jornal, evocando o incomum, em contraposição à visão geral que deles se tinha, como pessoas vulgares e socialmente desajustadas. Investem, portanto, no oposto dessa imagem, provocam de maneira deliberada certo elitismo, sugerindo pessoas especiais e que não se misturavam – literalmente, sujeitos esnobes,⁴⁷ exacerbando o sentimento de superioridade e, ao mesmo

⁴¹ Em várias ocasiões, os relatos de *O Snob* manifestam que eles vivem um mundo de fantasias.

⁴² *O Snob*, n.1, 1964.

⁴³ Um dos fundadores da Turma OK.

⁴⁴ *O Snob*, n.6, 1964.

⁴⁵ Interessante o nome, fortemente associado à maneira como seus participantes ressignificam suas condições sexuais a partir da sociedade maior, como “terceiro sexo” – constroem suas identidades sobre expectativas externas, mas as reorganizam a sua maneira.

⁴⁶ Entrevista filmada de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 12/09/2009.

⁴⁷ Em entrevista ao autor, em 02/09/2008, Agildo Guimarães desmente essa afirmativa com relação ao Grupo Snob, do qual era líder, mas declara que alguns grupos agiam dessa maneira.

tempo, forte ligação com o caráter mundano da existência (moda, festas, elegância, sofisticação, luxo).

Nos primeiros anos as colunas eram elaboradas pelos vários grupos que compunham a rede; entre 1965 e 1966 começam a se estruturar de maneira diferente, até porque muitas “turmas” se desfizeram,⁴⁸ e se consolidam as colaborações regionais, prestigiadas com colunas fixas. As “agências” de notícia e suas respectivas “correspondentes” são as seguintes: Manaus (AM): Laura Bell. Salvador (BA): Paulette Godiva; Colatina (ES): Babette; Estância (SE): Aloá; Niterói (RJ): Pantera; Campos (RJ): Liz França; Juiz de Fora (MG): Zezé; São Paulo (SP): Ada Portugal; S. Fidelis (RJ): Tainá; S. Luiz Gonzaga (RS): Gigi Bryant; Barbacena (MG): Irmã; Nova York (EUA): Nora Kovak.

Com algumas variações, ao longo dos dois primeiros anos, as colunas assim se conformaram: “Falando sobre pessoas”, “Mesa de Pinta” (Juliete), “Pelos ruas de meu bairro”, “A snobante Candinha”, “Porta de livraria” (Gigi Bryant), “A teia de renda negra” (Madame X – Turma OK), “Carrousel” (Nini – Turma OK), “Raio X”, “Fatos que valem manchetes” (Edméa), “Patrulha da cidade”, todas girando em torno de fofocas, acontecimentos sociais, ausências e presenças, enlaces e desenlaces, e lugares de atuação. Nos dois anos subsequentes esses temas não perdem a relevância, sendo-lhes, porém, acrescentado o da “homossexualidade” abrangente, em contraposição à visão hegemônica “bicha/bofe”. A coluna “Lancha Cor de Rosa”, do colunista niteroiense Pantera Cor de Rosa (Pantera), inicia esse debate com abordagem que se diferencia dos demais: trata os mesmos assuntos, mas por outro viés, colocando em questão a possibilidade de outro tipo de encontros sexuais e afetivos distintos da dicotomia “bicha/bofe”.

Nessa nova linha editorial destacam-se as colunas regionais, abordando assuntos referentes às respectivas regiões, em diálogo com a “matriz”; as colunas de fofocas e sociais; as crônicas e contos; e, principalmente, a coluna do Pantera, com fofocas “bichais” e “entendidas”, além de histórias fictícias (denominadas série) cujos personagens eram os participantes da rede. Pantera introduziu em sua coluna o debate sobre os comportamentos sexuais dos componentes da rede, e que hoje pode ser entendido sob a perspectiva das identidades de gênero, a partir de confrontos com outros colunistas e em textos originais

⁴⁸ Em *O Snob* (n.9, 1964) tem-se a notícia do processo de desestruturação da Turma OK.

versando sobre o cotidiano da rede. Seu questionamento gerou muita controvérsia e indagações sobre sua própria sexualidade.

Portanto, ainda que continuem relacionadas aos encontros sociais de vários grupos e às fofocas, encontramos novidades nas colunas, entre elas sua constante reorganização, tornando-as mais consistentes.

Nesse segundo período (1965-1966), as mais constantes são “Bazar de potins” ou “Potins Bazar”, uma coluna de fofocas e acontecimentos sociais; “Snobada da Candinha”, fofocas; “Pelas ruas de meu bairro”, crônica sobre o cotidiano da colunista em Copacabana; “Gente snob é notícia”, coluna social; “Bazar das pedrarias”, coluna social e “O invisível de Bento Ribeiro”, notícias suburbanas; e, relacionadas a outras regiões, “Lancha cor de rosa”, “Campos é notícia” ou “Campos é sucesso no Snob”, “Bahia society”, “Manaus em foco”, “Colatina em Hi Fi”.

Em 1967 e 1968 *O Snob* torna-se a arena privilegiada de exposição de divergências de várias ordens, como pano de fundo um modo de expressão sexual distinto do anterior. Essa disputa travada entre participantes, bem como, aliás, entre jornais, iniciada em 1965 com o Pantera, culmina com o estabelecimento de linha editorial bastante diversa da vigente até então e que toma corpo nas edições de 1968.

Em 1967 as colunas de fofocas permanecem, mas surgem outras, de cunho mais cultural, como a que focaliza cinema. As regionais também se mantêm, bem como a do Gato Preto (ex Pantera), agora intitulada “Bruxarias”. No ano seguinte, uma reestruturação na diretoria reflete-se nas páginas e nos assuntos abordados. Além de colunas sociais sem fofocas, abrem-se espaços (seções e entrevistas) voltados para o debate das condutas sexuais, novas e antigas.

Em seu último ano de circulação, 1969, em março e abril *O Snob* mais parece uma revista, com 54 e 60 páginas, respectivamente, com espaço significativo para poesia, contos, crônicas, artigos e comentários sobre cinema. Lança ainda breves diálogos com propósitos de encenação produzidos por participantes do Grupo Snob. Duas ou três colunas sociais e várias páginas são dedicadas a escritos dos componentes do núcleo de outros periódicos. Os editores assim descrevem a nova linha editorial:⁴⁹

1969 parece ser o ano das novidades, pelo menos para nós do SNOB, muita coisa nova acontecerá no decorrer desse ano. Iniciamos com um jornal mais adulto (diário oficial

⁴⁹ *O Snob*, n.1, 1969.

de contos), onde crônicas, poesias, artigos de real interesse, contos e colunismo social sadio, sem fofquinhas, aliás abandonadas há muito por nossos cronistas, e [suprimidos os] desenhos de figuras femininas indicando rapazes que chegam a dar um ar de gozação, mostrarão nossos propósitos de atingirmos uma realidade do que realmente somos.

1.3. *O Snob: seu conteúdo e seus propósitos*

Esse jornal influenciou de maneira marcante os indivíduos envolvidos nessa rede, ao relatar as maneiras e os modos de atuação de seus participantes, indicando o que a “comunidade” considerava relevante em determinado momento, informando sobre comportamentos adequados, valorizando suas atuações e controlando a formação de casais. Muitas vezes as críticas a certas atuações eram severas, ainda que usando de ironias e humor. Por exemplo, ao noticiar roubos (“suadores”) que alguns participantes sofriam de parceiros ocasionais, tenta desvalorizar esse tipo de comportamento, bem como desestimulava a prática do pagamento por relações sexuais; seus comentários irônicos, me parecem, sugerem que os indivíduos que assim agiam eram incompetentes em estabelecer relação por atração sexual que não envolvesse troca monetária. Valorizava, portanto, as relações endógenas como a forma mais adequada para a formação de casais, prática que controlava pela “exigência” de que os parceiros fossem oficialmente apresentados ao grupo de origem e/ou divulgados para a rede via jornal, havendo, ainda que não conscientemente, uma “supervisão” de seus integrantes, o que favorecia certa proteção contra a violência externa. Como a formação de casal atribuía *status* relevante aos participantes, esse tipo de coerção não era sentido.

Outra estratégia para minorar os riscos das relações extrarrede foi divulgar as zonas de “pegação” e seus perigos por meio da coluna “Da arte de caçar”. O veículo mais eficiente, contudo, ainda era a fofoca. As colunistas intimidavam as “bichas” “casadas” relatando suas “escapadas”, os vexames que porventura qualquer “bicha” vivenciasse nos encontros casuais, os roubos sofridos, os pagamentos por relações sexuais, envergonhando-as por desqualificar suas habilidades de “caçadoras”. Também controlavam as relações internas, sinalizando trocas de casais e a solidão de alguns membros, e repreendendo os “desvios” identitários de outros.

Tudo isso demonstra o forte controle que a rede exercia nas atuações de parceria de seus membros, o que, entretanto, não impediu comportamentos pontuais ou, melhor, atuações “desviantes” no interior de seu próprio universo, que aconteciam à revelia do que

a rede preconizava como relações sexo-afetivas entre homens, abrindo espaço para a possibilidade de novos arranjos sociosexuais. No Capítulo 4 discorro sobre esses supostos “desvios”.

Na coluna “Da arte de caçar” o jornal também “ensinava” como e onde arrumar parceiro com fim sexual. Informava locais e perigos que envolviam essa incursão e as “manhas” para abordar alguém potencialmente afeito ao intercuro sexual com indivíduos do mesmo sexo. O olhar e a maneira de se aproximar faziam parte das artimanhas para seduzir o potencial parceiro, insinuando a intenção sexual da aproximação sem ser explícito na abordagem, pois do “engano” na escolha do indivíduo poderia resultar recusa sob a forma de violência física e/ou moral. Se se tratasse de local explícito de engate sexual, como o banheiro da Central do Brasil, o perigo fazia parte da “pegação”, e a aproximação era mais aberta.

“Pegação” é termo que tem para o grupo significado relacionado tanto ao ato quanto ao local. Em local de “pegação” há “permissão” para exprimir com mais objetividade a intenção sexual das ações ali praticadas. É onde se “caça”, e o “caçador”, no caso, é a “bicha”, que “pega o bofe” metáfora imediatamente associada a objeto exposto e acessível para ser usado sexualmente, o que denota relação sem apego afetivo, encontro casual. Exemplo exacerbado da transformação do “bofe” em objeto foi sua colocação como um dos itens a serem arrematados em leilão promovido numa reunião que visava angariar dinheiro para um concurso de *miss*.

Cabe, no entanto, observar que na maioria das vezes a opinião do jornal, valorizava o “casamento”, mas, posto que a “pegação” fazia parte do modo de vida de seus participantes, abria em suas páginas, espaço para essa “tendência”:

No capítulo anterior, focalizamos a praia. Hoje o assunto é futebol [...] Se você não fez a conquista desejada na praia [...] o dia não está perdido. Aproveite a tarde e vá ao Maracanã [...]

Máxima discricão ao agir no estádio; o mínimo de pinta que você deixar transparecer poderá ocasionar o massacre de sua frágil figurinha.

Tudo o que você tem a fazer é postar-se nos banheiros do estádio [...] É um expediente baixo que muitas não adotarão (eu também não adoto), mas é o mais prudente.

[Quando o jogo começa] até o policiamento vai para o estádio assistir a partida [...]

Tudo [sic] que não estiver assistindo ou é “bofe”, ou é “tia”. Afaste-se das “tias”, aproxime-se dos “bofes”, faça suas abordagens e fique a vontade, porque a tarde é sua, minha CARA LEITORA. (*O Snob*, n.9, 1964)

Recapitulando, nos dois primeiros anos de existência, os valores que a rede constituiu eram explicitados visando ao fortalecimento da autoestima, à transformação de espaços e ao controle das atuações dos “atores” envolvidos na rede de sociabilidade.

Em 1965 a coluna do Pantera propôs em sua estreia a discussão do “homossexualismo”,⁵⁰ e surgem discordâncias quanto às atuações tanto no nível jornalístico quanto no ideológico.

Essa discussão vai-se estender ao longo de 1966 e 1967. Gato Preto consolida a temática lançando a série: “Homossexualismo, esse desconhecido”⁵¹ (depois de anunciá-la um ano antes, ainda como Pantera), relatando a história de dois meninos que se relacionaram sexualmente no colégio interno e anos depois, já homens, casualmente se encontraram. O que fora “passivo” na relação juvenil era heterossexual e estava casado e bem ajustado nessa condição; o que fora “ativo” tornara-se homossexual. Com base nessa história, questiona atitudes e comportamentos sexuais dos membros da rede.

Assim, pouco a pouco a ideia de discutir a “homossexualidade” no jornal foi sendo estabelecida, espaços significativos foram abertos para o debate e esclarecimento sobre o assunto: transcrições de textos jornalísticos sobre o tema, crônicas e contos também foram reproduzidos dos jornais de grande circulação do Rio de Janeiro (excetuando trechos de duas crônicas de Stanislaw Ponte Preta, todos os artigos extraídos invocavam o “problema” do “homossexualismo” descrevendo seus praticantes como detentores de desvio moral ou patológico, fosse biológico ou psíquico).

Em 1967, toma força a discussão sobre a função do jornal, com a seguinte proposta de Os Pelicanos,⁵² apoiadas por Gilka (Agildo Guimarães):

O jornalismo entendido deve ser feito para o esclarecimento das pessoas, mesmo os homossexuais, a respeito do homossexualismo. Pouquíssimas pessoas, mesmo os leitores do snob, conseguem debater este tema com respeito, conhecimento e seriedade.

As colunas assinadas que nos tragam depoimentos honestos de pessoas entendidas; sobram colunas que nos trazem fofocas, escritas por pessoas que não sabem realmente o que é homossexualismo, do qual só [ilegível] a prática. Ressalta-se que as honrosas exceções confirmam a regra.

Se algum dia chegasse a diretor desse jornal, procuraria [ilegível] apresentando inteligentes páginas sobre o homossexualismo, trabalhos de pesquisa, estatísticas, comentários sobre artes e outros trabalhos que trouxessem realmente cultura e esclarecimento. Enquanto não chega esse dia, vou lendo atentamente o Snob, que ainda é o expoente máximo da imprensa entendida.

⁵⁰ A escolha desse termo decorre dos relatos do jornal.

⁵¹ *O Snob*, n.3, 1966. A promessa de transformar o assunto em série não se concretiza.

⁵² *O Snob*, n.12, 1967.

A partir de 1968, verifica-se mais uma reestruturação na linha editorial de *O Snob* para contemplar esses novos assuntos. E, em contraposição aos outros jornais, repudia as fofocas (muito importante na primeira fase até 1965) publicando-as raramente. Gilka abdica da direção, tornando-se presidente de honra e abre o primeiro número de 1968 com editorial expondo o objetivo do jornal, ligado ao “ideal recreativo e literário” e em sintonia com novos pensamentos e ideias trazidos pelos componentes mais novos.

A coluna social de Claudia Renoir passa a incluir prólogo de um ou dois parágrafos com panorâmica dos acontecimentos nacionais e internacionais.

Nota-se, porém, “silêncio” também em relação às “novas identidades”. Por outro lado, é veemente a crítica à guerra por prestígio desencadeada entre os componentes. Todos querem ser notícia, semeando intrigas em meio aos vários grupos com o objetivo de aparecer nos jornais; concursos de misses e de Melhores do Ano são também objeto de desejo e de intrigas; ganhá-los tornou-se o obstinado propósito para grande parte da rede, pois gera prestígio e conseqüente destaque em relação aos outros participantes que não receberam nenhum “título”.

A paz tem sido cantada, falada, badalada de boca em boca, mas na hora em que abrimos os jornais o que assistimos é uma coleção de Nina Chaves subdesenvolvidas usando um jornalismo ultrapassado disfarçado em fofocas que se repete parecendo novidades. De repente aparece um jornal povoado de crônicas e pequenas notas sociais. Escândalo. Elas fizeram tudo para ser notícia e no fim *O Snob* esqueceu de mencionar seus nomes.

Nessa “guerra de vaidades”, o assunto dos “entendidos” jogava mais “lenha na fogueira”, cujo estopim se instalava nas acusações de “falso bofe”.

De maneira geral os “bofes” (os “maridos de nossa sociedade”), em contraposição aos “entendidos”, gravitavam como satélites em torno das “bichas”; em 1968, porém, ganham “voz” no jornal, em nova coluna de entrevista “Eles têm a palavra”.⁵³ Também nesse ano a direção de *Subúrbio à Noite* é assumida por um “bofe”,⁵⁴ o que, segundo os relatos de *O Snob*, gerou controvérsias entre algumas “bichas”, ainda que tenha mantido a mesma linha editorial: um jornal para e sobre as “bichas”.

Esse embate identitário vai ganhando força, e mudanças na linha editorial introduzidas em 1968 vêm em etapas: nos primeiros três números a coluna do Gato Preto passa a ser recreativa, com raras oportunidades de trocas de ideias.

⁵³ *O Snob*, n.2, 1968.

⁵⁴ Frank Casparelli “casado” com Christine Casparelli, que também fazia parte da diretoria.

Ainda nesse primeiro semestre, porém, reeditam “Bruxarias”,⁵⁵ em que Gato Preto tem mais espaço para expor seus argumentos. No segundo semestre é lançada mais uma coluna que se adequava à noção hegemônica de conformação de casal entre “bicha/mulher” e “bofe/homem”, “Diário de uma mulher casada”.⁵⁶ Também se publicam, entretanto, várias entrevistas que versavam sobre as possibilidades de relações entre dois homens, bem como artigos e contos sobre atuações homoeróticas transcritos de jornais e revistas de grande circulação na sociedade maior. Esse material retoma ou a dicotomia “bicha/bofe”, ou a discussão do “homossexualismo” como patologia a ser estudada e mais bem definida.

Ainda nesse segundo semestre o jornal começa, de maneira mais contundente, a debater a questão das identidades em disputa. Notórios componentes da rede desde antes de 1963 e colaboradores desde o nascedouro do jornal que se haviam afastado de sua elaboração no início de 1968, embora continuassem a atuar no grupo, tornam-se então notícia: “K. Offenbach mais Ceeme prometeram voltar às páginas d’O SNOB caso ele continue apresentando algo mais elevado do que notinhas de mulherzinha [...] e ainda acrescentou que homossexualismo tem um campo tão vasto e interessante a ser explorado para perdemos tempo em algo ultrapassado e sujo”.⁵⁷

Em 1969 os editores lançam colunas que consideram de “real interesse” para a rede, contemplando-as com poesias que tomaram três páginas; paralelamente, as colunas estaduais ou municipais ficaram reduzidas às de Salvador e de Manaus. Mais de 15 páginas foram dedicadas a contos e crônicas, com a participação de outros jornais, tentando maior integração com a rede. Adiante se explicitam os propósitos do jornal e como seus membros pretendem ser compreendidos:⁵⁸

assuntos diversos que interessam os HOMÓFILOS. A fase é de politizar culturalmente. [...] o que nos leva a todos nessa projeção é um ideal comum de humanos a humanos mostrar que nos insurgimos contra uma marginalização que procuram nos impor que o homossexualismo seja apenas uma fome escusa e degradantes de vielas noturnas, ou de luzes coloridas sob o burlesco fantasioso dos palcos de teatros onde alguns travestidos lantejoulam sua realidade, ou de um comportamento sexual exótico, ou ainda uma passividade mórbida.

Talvez a natureza não nos tenha dado uma opção, mas a vida nos oferece uma atitude de escolha e podemos numa catarse romper esses liames que nos sufoca e assumir na vida

⁵⁵ *O Snob*, n.4, 1968.

⁵⁶ *O Snob*, n.7, 1968.

⁵⁷ *O Snob*, n.4, 1968.

⁵⁸ *O Snob*, n. 1, 1969.

um comportamento lúcido e descontraído evoluindo num sentido positivo e racional do que realmente somos, do que pretendemos.

Observo que nesse ano o núcleo do jornal foi fortemente influenciado por dois livros:⁵⁹

O primeiro é o romance *A vida na pele*,⁶⁰ a estória de um grupo de jovens tendo como tema de fundo o embate entre um modelo de solidariedade cristã (e às vezes deísta) em oposição ao que a narradora supõe ser uma maneira de viver o “existencialismo”.

Um grupo de jovens dos anos 60 vive a noite paulistana nos bares da região central da cidade em um mundo *underground*, anônimo. Os personagens se digladiam verbalmente de maneira feroz e estão prontos a atacar-se mutuamente. A fim de escapar ao turbilhão amoral a que o grupo a submete, uma personagem dele se afasta e, junto com a narradora, estabelece o padrão moral “correto”, sendo os outros personagens imorais, amorais, perdidos ou ingênuos. O personagem “homossexual” da narrativa é descrito como devorador da “inocência” dos jovens que ele seduz, manipulando-os até conseguir possuí-los. Sua nova “vítima” é descrita como um jovem de poucos atrativos e com dificuldade de conquistar as mulheres e que pretende, no futuro, casar e ter filhos. Por julgar-se pouco atraente, encanta-se com as atenções daquele, porém resiste a suas investidas, condicionando sua “submissão” à possibilidade de que o outro também se deixe possuir; o “jogo jogado”, entretanto, não é de igualdade, mas de submissão.

O outro livro, *A revolta dos homossexuais*,⁶¹ tem pretensão científica. Em entrevista, vários homossexuais contam fragmentos de suas histórias de vida, que o autor então analisa pelo viés psicanalítico, apontando para a causa do “homossexualismo” de cada um, assim como associando-a à técnica sexual que prevalece em suas atuações. O autor afirma a possibilidade de cura pela psicanálise, mas vê como impedimento maior para esse procedimento a maneira como os “doentes” encaram sua condição: adaptados a sua maneira de vida, eles não a percebem como algo patológico. O autor conclui que só resta à sociedade aceitar os homossexuais, pois com a progressão dos direitos civis nos EUA eles fatalmente alcançariam os homossexuais, e a sociedade deveria estar preparada para recebê-los. E para que essa conquista seja mais rápida e sem muito conflito, acrescenta, os homossexuais devem fazer sua parte, insistir em sua integração à sociedade,

⁵⁹ *O Snob*, n.21, 1965 e n.1, 1969.

⁶⁰ Mogilka (1965).

⁶¹ Winski (1969).

abdicando de seus guetos e de particularidades ligadas ao “homossexualismo”, bem como cuidando para que suas reivindicações não sejam impróprias⁶² e que sua vertente mais doentia ligada à representação feminina seja definitivamente superada. Aponta que a maioria dos homossexuais não se enquadra nessa categoria, posto que é indiscernível em meio à população geral, e que os efeminados (a minoria) os representam de maneira negativa, dificultando sua aceitação.

Influenciados ou não por esses autores, fato é que o Grupo Snob passa a ter preocupação com a imagem que transmite aos “de fora”; parte de seus membros não quer ser “representada” nem como pessoas exóticas ou marginais, nem pelos afeminados e percebe que suas atuações serão ridicularizadas na sociedade maior enquanto se preservarem essas condutas.⁶³ “O SNOB vai ser uma revista homossexual e humana [...] garantimos que em pouco tempo quando um leigo no assunto pegar em nossas folhas não será preciso aderir para ver que existe pessoas que não querem debochar da sociedade, mas querem ser aceitos e compreendidos.” E o primeiro passo foi dado pelo grupo de *O Snob*: a mudança das nomenclaturas pessoais para o masculino (ver item 2.2).

Gato Preto pensa então na visibilidade e aceitação externa⁶⁴ imaginando uma futura organização para “quem sabe lutar pelos nossos direitos junto a sociedade... e de saída não é com nome de Mariazinha de Souza que conseguiremos”.⁶⁵

Imbuídos desse pensamento, os editores de *O Snob* em sua última edição estampam na capa, em vez das tradicionais figuras femininas, o desenho de dois rapazes nus deitados se beijando (Fig. 4). Vários argumentos justificam essa capa; o primeiro

⁶² De acordo com o autor “Seria tão injusto e irracional o homossexual reivindicar todos os privilégios legais de que gozam as relações masculinas/femininas quanto o é continuarem as autoridades a manter em vigor uma legislação contra o sexo entre dois homens [...] Naturalmente, o que resultaria da legislação de casamentos homossexuais seria coisa de manicômio – com um dos cônjuges alegando a existência do outro para isenção de impostos –, assim como o seriam o direito de aparecer livremente em sociedade vestido de mulher, ou o direito [...] de adotar bebês e criá-los como homossexuais” (Winski, 1969:159).

Concluindo, “se a lei reconhecesse todas as reivindicações pelas quais combatem atualmente o terceiro sexo – e muitas delas são patentemente absurdas –, por ilação tal ato equivaleria a admitir a lei [segundo a qual] o homossexualismo é fenômeno natural e, portanto, legal, e não uma condição consequente de circunstâncias psíquicas” (Winski, 1969:160).

⁶³ *O Snob*, n.2, 1969.

⁶⁴ Outro exemplo dessa preocupação está na frase: “quando um jornal entendido cai em mãos de pessoas fora do ‘nosso mundo’, elas gostam... dão grandes gargalhadas, mas fica tudo no deboche. Falamos mal da sociedade, mas qual sociedade vai aceitar pessoas que cismam em dizer que são Marias? E nós no lugar de lutar buscando respeito, propagamos em nossos jornais muito mais o nosso lado negativo do que as virtudes imensas que cada um tem dentro de si” (*O Snob*, n.2, 1969).

⁶⁵ *O Snob*, n2, 1969.

defendia a ideia de que as figuras passadas não os representavam em sua totalidade⁶⁶ nem constituíam o tipo de imagem que desejam passar. O segundo observava que é mais agradável para um “homossexual” apreciar um corpo masculino do que mulheres em poses.



Figuras 3 e 4: Primeira e última capa de *O Snob*, n.3, 1964 e n.2, 1969, respectivamente

1.4. A centralidade da fofoca

Na conformação desses grupos a fofoca foi peça fundamental para a distribuição de informações sobre as atuações sociais e sexuais dos sujeitos envolvidos na “comunidade”. Foi também um dos fatores que levaram à renúncia de Agildo Guimarães da direção do jornal no início de 1968.

A fofoca tornou-se poderoso instrumento de regulação das atividades que a rede tentava estabelecer. Duas vertentes possibilitavam esse controle interno das condutas dos participantes. A primeira pode ser exemplificada pela coluna “Sobre pessoas”, que descreve em cada edição uma pessoa ligada à rede – descrição breve, mas que fornece os atributos observados (bons ou ruins) do focalizado. Esses atributos são apreendidos no cotidiano, na convivência entre o colunista e o sujeito, configurando, portanto, opinião pessoal, passível de ser rebatida. O objetivo era difundir as qualidades e estabelecer a

⁶⁶ “se o homossexualismo fosse só frescura, ótimo... mas também está provado que as pintosas é a minoria, mas parecem ser numerosas exatamente por se tornarem caricaturas e chamarem atenções diversas” (*O Snob*, n. 2, 1969).

importância que determinado predicado toma na vida dos que compõem a rede. Na segunda vertente esse controle se fazia divulgando os atributos negativos ou difamando os participantes, sem lhes dar oportunidade de defesa; cada estória já nascia como verdade, introduzida por expressões como “eu vi”, “me contaram”, “dizem” e concluída por exclamações do tipo com “como pode”, “que coisa”, “é ultrajante”.

A veracidade desses relatos não interessa para fundamentar esta análise, mas sim seu conteúdo normatizador. Nesse jogo de constrangimento entre as ações dos indivíduos e um suposto desvio, demonstra-se a maneira adequada que tentam promover.

As matérias produzidas seguindo essa segunda vertente trazem em seu bojo uma “verdade” sobre os outros e, muitas vezes, foram utilizadas para fazer julgamentos com virulência acachapante; mas também foram capazes de leveza e sarcasmo na descrição das festas e das relações de amizade entre esses homens (“bichas”, “bofes” e “entendidos”).

Em 1965, porém, essa prática começa a tornar-se problemática com relação às identidades divergentes do roteiro sexual estabelecido, que prestigia a relação “bicha/bofe”. A noção de “entendido” vinha sendo elaborada para referenciar esses sujeitos que se apresentam ao Grupo Snob e que não são classificáveis nem como “bicha”, nem como “bofe”. As atuações desses componentes transformavam-se imediatamente em motivo de comentários com a circulação de informações injuriosas. Os “entendidos” sofrem pressão extra, pois, nessa época e nessa rede, precisavam manter sob sigilo seu comportamento sexual para que não fossem classificados como “bicha”.

E é justamente essa preocupação que chama atenção das “Candinhas”.⁶⁷ Porém, se nos primeiros anos a fofoca foi usada como controle de casais, de seus comportamentos e sua circulação, em 1966 e 1967 serve também como uma tentativa de adequar os “falsos bofes” (os “entendidos”), que se “infiltraram” na rede, no campo classificatório das “bichas”. Assim, a fofoca foi usada como instrumento de pressão, na tentativa de impedir que esses sujeitos formassem um novo roteiro sexual, que já vinha, aliás, sendo posto em prática fora da rede. Não foi, porém, tão eficiente quanto nos primeiros anos: se a rede foi constituída inicialmente pelas “bichas”, os “entendidos” passaram a usufruir desse espaço de sociabilidade sem abrir mão de seus próprios roteiros.

⁶⁷ Como são chamadas popularmente as fofoqueiras; havia, aliás, uma coluna com esse título.

Até os concursos, que serviam para solidificar certas atuações cotidianas, são destituídos de valor pelas fofocas, que puseram em dúvida sua lisura – tornam-se vazios de sentido, servindo apenas para obter prestígio.

Nos últimos dois anos a fofoca perde a força como instrumento editorial de *O Snob*, cuja entrada na Abig reforçou a impropriedade da notícia maledicente como informação jornalística.

CAPÍTULO 2

AS DISPUTAS IDENTITÁRIAS: REFLEXÕES PRODUZIDAS POR *O SNOB*

2.1. As “bichas” e os ‘bofes’

O Snob apresenta grupos cuja maioria dos componentes inicialmente se autodenominava “bicha” (ou “boneca”) e não encarava seus parceiros sexuais como homossexuais. Essa atitude pode ser explicada por um contexto em que a conduta sexual era fortemente associada à dicotomia dos comportamentos sexuais ligados compulsoriamente a cada sexo, reproduzindo os papéis instituídos para cada gênero de maneira muito rígida (papéis de gênero): o macho ativo equivale ao homem, e a fêmea passiva, à mulher, denominados na “encenação” produzida pelos atores dessa rede o “bofe” e a “bicha”. Essa oposição binária tem correlação direta com as categorias de gênero definidas pelas normas heterossexuais, de acordo com as quais os atributos “diferentes e desiguais” indicam hierarquização de gênero em que o feminino está em “desvantagem” perante o masculino.⁶⁸

Esses tipos de narrativas estão presos a determinados cenários culturais e não a uma verdade universal. A divisão simbólica dos gêneros advinda de um tipo de cenário que separa os sujeitos entre penetradores (“ativos”) e penetrados (“passivos”), sendo aqueles “homens”, e estes “mulheres”, mostra a rigidez que pode envolver os roteiros sexuais, segundo a qual a correlação entre papéis de gênero e técnicas sexuais fornece significados identitários. Entretanto, se o ambiente se modificar, é possível haver uma mudança ideológica no que concerne à identificação desses indivíduos. A citação exemplifica essa mudança: “A nova ideologia [dos anos 70] dizia que os *gays* eram homens, antes de mais nada, e que os atos sexuais preferidos por eles não reduziam sua masculinidade. Por conseguinte, a inibição do sexo anal era apenas pessoal e preferencial, em vez de ter uma base ideológica e nas condições materiais” (Gagnon, 2006:245-246).

Dessa maneira, à medida que novos cenários culturais vão sendo construídos, as interações vão sendo modificadas e, por sua vez, modificando o cenário, mudando alguns pontos da estrutura preestabelecida. Segundo Gagnon,

⁶⁸ Ver Misse (1979).

à medida que se reduziram os preconceitos de gênero, raciais, etários, religiosos e étnicos, o mesmo se deu com os preconceitos contra as *variações de conduta sexual*. Assim, as mudanças no campo da sexualidade foram impulsionadas não apenas pelas teorias sobre o sexo e os fatores sexuais, mas também por *mudanças culturais* mais amplas, particularmente no campo da teoria e da prática concernente ao gênero. (Gagnon, 2006:246) [grifos meus]

Do ponto de vista do autor, podemos explicar a conformação dos sujeitos em determinados “papéis de gênero”, a partir da “teoria da roteirização sexual”, a defesa, no plano da cultura, de um modo de refletir a sexualidade.

Nessa perspectiva todas as relações são dinâmicas e contextualizadas, isto é, todos os comportamentos sociais são roteirizados pela cultura e, sendo assim, a sexualidade é apreendida como algo que ultrapassa o comportamento individual, pois os fenômenos a ela associados são frutos da cultura e da estrutura de oportunidades sexuais e não sexuais preexistentes (trata-se de construção coletiva e historicamente datada).

Dessa maneira, os “roteiros sexuais” (Gagnon, 2006) serão peças-chave para entender as condutas dos indivíduos. O autor concebe esses roteiros em três níveis: intrapsíquico, interpessoal e panorama cultural. Observa, porém, que se podem considerar esses níveis de duas maneiras: ou estaticamente, ou pelo exame das “relações dinâmicas e interativa entre os níveis relativamente distintos, podemos pensar nos cenários culturais como guias [ou mapas] de instruções que existem no plano da vida coletiva” (Gagnon, 2006:225).

Seguindo a consideração dinâmica da roteirização apresentada por Gagnon (2006), o desempenho dos atores, no que concerne aos atos sexuais, divide-se em três níveis⁶⁹ e pode variar de acordo com mudanças em qualquer um desses níveis:

As instruções para a conduta não se isolam como ‘regras’ ou ‘normas’, porém se inserem, antes, em narrativas do bom e do mau comportamento, das coisas a serem feitas e das coisas a serem evitadas. As mudanças dos cenários culturais são mudanças nos sistemas de instrução sobre a conduta. Essas mudanças proporcionam aos indivíduos a oportunidade de reorganizar o que pensam sobre a sexualidade e lhes oferecem metas diferentes, quando elas se engajam na atividade sexual. (Gagnon, 2006:264)

Sendo assim, o significado identitário atribuído, nos anos 60, no Brasil, aos “bofes”, na maioria das vezes, era o de heterossexuais, visto que não perdiam sua condição

⁶⁹ “Além dos níveis de roteirização nos planos intrapsíquico e interpessoal, os trabalhos mais recentes têm se concentrado na necessidade de identificar os roteiros no nível cultural como parte da perspectiva da roteirização” (Gagnon, 2006:222).

masculina, enquanto as “bichas” eram diretamente associadas ao campo feminino. Nesse sistema, “os papéis sexuais [na cultura brasileira] são significativamente mais importantes do que o parceiro sexual que alguém possa ter. Os termos *homem* e *bicha*, baseados em papéis, definem esse universo sexual” (Green,1999:28).

Com o tempo, esse significado vai perdendo força dentro do grupo. Já em 1965 alguns componentes do Grupo Snob questionam essa posição rígida. Em 1966 Gato Preto faz uma enquete⁷⁰ com alguns participantes perguntando sobre a ligação das condutas sexuais com os papéis de gênero visando à determinação de uma identidade. Em seu derradeiro número, *O Snob*⁷¹ indica que, pouco a pouco, mudanças do significado do que é ser homossexual vêm ocorrendo; pelo menos a diversificação desse significado é apontada. Nesse sentido, o jornal ajuda a entender a evolução dos conceitos.

Gagnon (2006:220) explica essa variação de significado para a mesma ação através da roteirização de uma conduta:

Os roteiros estão implicados na aprendizagem do significado dos estados internos, na organização das sequências de atos especificamente sexuais, na decodificação das situações novas, no estabelecimento de limites para as respostas sexuais e na vinculação de sentidos provenientes de aspectos não sexuais da vida à experiência especificamente sexual.

Sendo o roteiro mais do que uma propriedade cognitiva (intrapísica), faz parte da própria estrutura social; deve, portanto, ser percebido como organização de convenções compartilhadas por dois ou mais atores, em dependência recíproca.

Dessa maneira, o roteiro reúne os sentimentos prazerosos e desejáveis e aqueles repulsivos aos atos corporais que associamos ao contato físico e aos sinais de excitação.

Considerando que a sexualidade não é “função exemplar” nem tampouco fenômeno universal que atravessa todas as épocas históricas e todos os espaços culturais, os arranjos culturais não são simples resposta à demanda biológica. Trata-se de rejeitar a

ideia largamente sustentada de que a condição humana se define por uma luta inevitável entre as necessidades individuais e as proibições sociais, luta essa de aceitação sumamente comum como o que caracteriza a arena sexual. Contrariando essas visões, afirma-se que a vida sexual se assemelha a toda vida social: é uma atividade provocada pelas circunstâncias sociais e culturais, e uma atividade que difere de uma era histórica para outra ou de uma cultura para outra. (Gagnon, 2006:215)

⁷⁰ *O Snob*, n.3, 1966. Enquete realizada a partir do único episódio da série prometida “Homossexualismo: esse desconhecido”.

⁷¹ N.2, 1969.

As relações dinâmicas e interativas entre aqueles três níveis (intrap síquico, interpessoal e cultural) nos oferecem, portanto, um “cenário cultural” que serve como guia ou mapa (provisório) para nossas interações. Analisando as ações dos indivíduos relatadas em *O Snob* por esse viés, podemos explicar as variações dos significados identitários observados nos relatos e as transformações que ocorrem em seu cotidiano.

2.2. As nomações no feminino

No tipo de sociabilidade relatado por *O Snob*, os casais aparentemente reproduziam as relações heterossexuais, e, para isso, as “bichas” se “batizavam” com nomes femininos, criados quase sempre, mas não necessariamente, mediante alguma variação de seu nome masculino; por exemplo, Agildo Guimarães era Gilka, Henrique era Henriete. Na realidade escolhiam os nomes que mais lhes conviessem e podiam até “rebatizar-se” várias vezes.⁷² Só assim, entretanto, como um ser no feminino, poderiam consumir suas aspirações românticas e sexuais sem colocar os “bofes” sob suspeita de “ser um igual”. A diferença era marcada e necessária para os tipos de relação que pretendiam estabelecer.

Essas nomações no feminino têm a ver com crença, tanto popular quanto de pesquisadores da área médico-científica, acerca da existência do “terceiro sexo”, ao qual a maioria dos participantes de nosso estudo acreditava pertencer. Não se sentindo nem homens, nem mulheres, esses indivíduos eram outra “coisa”, “um homem com alma de mulher” ou “invertido”. Reconheciam os homens (“bofes”) por sua postura viril e pela posição sexual que assumem no ato de penetrar (“ativo”), e as mulheres, assim como as “bichas”, pelo caráter feminino, sensível e “passivo” (as que são penetradas).

Dessa maneira, a maioria só conseguia classificar-se como “invertido”, nomeando-se, por apropriação do repertório dos “dominadores”, como “bicha” ou “boneca”. No entanto, em seus espaços de sociabilidade retiravam o sentido negativo dado pela sociedade maior, como “desajuste” social ou patológico, ressignificando-o como um produto da natureza, o “terceiro sexo”, com demandas próprias e legítimas. Eram “homens-mulheres” em busca de realização sexoafetiva com um “homem-homem”,

⁷² Há registro de um “batizado” em *O Snob*, n.14, 1963.

impregnados pelo modelo da inversão sexual, não buscando o mesmo sexo ou gênero, mas “outro” sexo e gênero (identidade de sexo).

Essa afirmativa fica mais interessante ao se observar, na leitura de *O Snob*, que em quase 70 páginas, referentes às edições de 1963, a palavra homossexual (ou homossexualismo) não aparece, e nas mais de 300 páginas de 1964 só quatro vezes e em condições não favoráveis. Destaco trecho do jornal⁷³ que exemplifica como a questão era tratada e como esse debate era custoso para sua autoimagem:

Homossexualismo é uma anomalia sexual que transformou numa bem organizada e maravilhosa sociedade onde as criaturas que pertencem ao terceiro sexo vivem de maneira fantasiosa, mesmo etérea, crendo e sentindo beleza nas mínimas coisas que [as] cercam [e] que são vistas de maneira impressionantemente diversas das pessoas comuns. Vivem a versão moderna dos tempos áureos da Roma e da Grécia antiga.

O termo *gay* foi registrado em 1963, destacando a diferença em relação a travesti, mas era usado como sinônimo de “terceiro sexo”. Conotação mais ampla decorre desta frase de Carlos Miranda (CM ou Ceeme), em 1964, depois de viagem aos EUA, ao comentar a ação e o sucesso dos *gays* estadunidenses: “Seja realmente *gay* (nisso consiste o sucesso)”⁷⁴ (ver item 3.4).

Em relação à palavra homossexual, Agildo Guimarães⁷⁵ assim se manifesta: “nós até sabíamos da homossexualidade, mas preferíamos bicha”. As explicações posteriores dadas pelo entrevistado vêm através de memória “contaminada” pelo presente, em que ele ressignifica as identidades e “esquece” os impedimentos do contexto sociocultural que os levava a agir de determinada maneira, e afirmar ser uma “bobagem” essa definição de papéis tão rígida que se impunham.

Por sua vez, Jair⁷⁶ informa: “Nem homossexual, nem *gay* eram muito usadas [...] porque era muito formal dizer-se homossexual, muito formalismo [...]. Para os amigos você não dizia ‘sou homossexual’ parecia muito pedante”.

Homossexual, observo, não tem a preferência do grupo por ser percebida como palavra “alienígena”, por isso “formal”; “de fora”, sempre associado à patologia ou a algum desvio moral, que os classificava à revelia de seus ideais homoeróticos.

⁷³ *O Snob*, n.17, 1964.

⁷⁴ *O Snob*, n.11, 1963 e n.6, 1964.

⁷⁵ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro 09/02/2008.

⁷⁶ Entrevista de Jair (nome fictício) ao autor. Rio de Janeiro 23/11/2009.

Nos anos subsequentes, lembremos, um novo sujeito observado no grupo não se atribui a ideia hegemônica do “terceiro sexo”. Com isso, uma nova dinâmica de interesses se estabelece no jornal. Se nos dois primeiros anos os assuntos eram totalmente voltados para as “bichas”, em 1965, 1966 e 1967 foi preciso abrir espaço para os assuntos relacionados aos “entendidos”, que reivindicavam identidade homossexual distinta da predominante, recusavam nomear-se no feminino ou reproduzir o modelo feminino e classificar-se como “bicha”. Mas essas mudanças não ocorreram sem conflitos.

Exemplo marcante dessa questão foi a disputa interna quanto ao modo de se representarem entre eles: com nomes masculinos ou femininos, que era a praxe. “Precisávamos sair do armário; então houve um conflito entre os participantes, mas nós ganhamos. Devíamos nos apresentar com nomes masculinos, pois era chato, às vezes, não sabíamos nem o nome do outro, só sabíamos o nome feminino.”⁷⁷ O “sair do armário”, nessa situação, é apresentar-se por inteiro com nome masculino, sem subterfúgios das nomações femininas, que marca o início de um movimento para assumirem-se como homens e poderem relacionar-se sexualmente com outros homens sem perder essa condição.

O debate gerado pelas ações cotidianas dos “entendidos” dentro da rede acabou por criar um novo cenário possível para eles se identificarem de modo diferente do que faziam nos anos iniciais. Parte dos antigos atores ressignificaram suas identidades começando por adotar nomes masculinos; precisavam, entretanto, negociar a cada momento sua posição em relação aos acontecimentos cotidianos. Em 1968 parte da diretoria do jornal muda seus nomes para o masculino;⁷⁸ Gilka Dantas, por exemplo, passa a ser Gilk Dantas, Claudia Renoir, Clau (ou Claude) Renoir⁷⁹ e Carla Miranda já se “rebatizara” anos antes para CM ou Ceeme.

Transcrevo trecho de entrevista⁸⁰ concedida por Gilk que, acredito, resume o debate e mostra a flexibilidade que eram capazes de engendrar:

⁷⁷ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro 29/07/2007.

⁷⁸ Assim se apresentava a diretoria no n.5 de 1968: Diretoria de honra: Presidente: Gilka Dantas. Diretores: Henriët, Karla Marie, Ceeme, Althea Gibson, Tina Antonela. Diretoria interina: Diretora: Claudia Renoir, secretária: Andrea Kuler, Finanças: Gato Preto, Publicidade: Schartzê Maniquim, Rel. Públicas: Ana Paula Ramalhete, Material: Gigi D’Mason.

A maioria passou a apresentar-se com nomes masculinos no n.6 de 1968: Gik Dantas, Henry, K. Offenbach, Joe Gibson, Tin Antonela, Clau Renoir, Ramalhete; os demais se mantiveram.

⁷⁹ “Claudia Renoir mudou seu nome pra CLAU porque é muito feminino... audácia do bofé”. (*O Snob*, n.7, 1968)

⁸⁰ *O Snob*, n.8, 1968.

[P] Acha essencial a distinção de sexo entre dois homossexuais, no ato da cópula?

[R] Não, não é essencial. O essencial é se a outra parte não concebe e vc gosta daquela pessoa, então vc a aceita assim como ele [é]. Eu estimo uma pessoa que não aceita esta igualdade. Eu o aceito. Mas se assim não fosse, eu o estimaria e o consideraria da mesma forma.

[P] É necessário terminologia e trejeitos femininos para se firmar no ambiente *gay*?

[R] Não é bem essencial esta terminologia e trejeitos femininos. Tudo é questão de fase. Acontece que os trejeitos é natural em certas pessoas. A terminologia é quase sempre uma gíria, todo setor social a tem. Eu não condeno uma pessoa só porque eu não gosto mais de usar termos femininos em excesso e nem abusar dos trejeitos. Procuo estar neutro, isto é, num equilíbrio. Aquela fase já passou.

Além dos nomes, passaram a questionar os trejeitos excessivamente femininos, os modos de vestir, e a própria aparência física foi “remodelada”; alguns passaram a usar barba e bigode, apresentando-se visualmente mais másculos independente do comportamento sexual que mantivessem. Esses atores readequaram suas condutas sexuais, “capturados” pelos novos roteiros sexuais. É interessante notar que apesar das mudanças dos nomes para o masculino, as colunistas continuavam adjetivando-os no feminino tanto nesses anos quanto em 1969, quando já estavam bem mais conscientes de tal “transformação”.

Em 1969 *O Snob* expõe o resultado das discussões anteriores sobre as nomações no feminino, resumidas na coluna de um dos diretores do jornal, mostrando os conflitos, as razões e os objetivos de tal processo:⁸¹

apesar do choque à primeira vista muitos aderiram aos pseudos masculinos, uma vez que não temos nenhuma identificação com o sexo feminino a não ser em desejos sexuais, pela vontade de sentirmo-nos possuídos o que também já esta ficando ultrapassado: o que do feminino possamos ter não passa de uma berrante satirizarão, pois ridículo é tremendos homens musculosos e de corpos cabeludos quererem passar “condessa”, “misses”, “senhoras”, “senhoritas”, “ladies”, etc... de ridículo e debilóides somos chamados por havermos despertados da terrível ilusão em que vivíamos, para uma realidade adulta interplanetária: não temos nada que ver com quem queira viver com o mesmo pensamento de há vinte anos. Não queremos e nem podemos impingir reformas de costumes em ninguém, nem tampouco os estamos obrigando a nos copiar, queremos, isso sim, que respeitem nossa vontade para que respeitemos a sua. A radical transformação em nossos pseudo nomes causou polêmicas mesmo entre muito de nosso clã havendo várias pessoas feito a troca, conquanto muitos se mantenham irredutíveis em seguir-nos.

Ao que parece, entretanto, os “bofes” continuam sendo considerados “homens verdadeiros”. Para entendermos essa contradição, nesse cenário em transição, é necessário

⁸¹ *O Snob*, n.2, 1969.

observar como essa “comunidade” foi construída e as mudanças por que passou (os cenários culturais que construíram e que vão sendo modificados).

2.3. A “Comunidade entendida”

Green (1999:324) localiza a expressão “entendido” em cartas trocadas entre homossexuais na década de 1940, observando que a usavam como código, com o intuito de confundir um leitor não autorizado. No entanto, o autor observa que a “maioria dos antropólogos que escreve sobre homossexualidade no Brasil data o uso do termo em 1960”.

Guimarães (2004) compreende o “entendido” como aquele homossexual que, diferentemente da “bicha”, busca igualdade entre os parceiros com relação aos papéis sexuais; perde importância a questão do “passivo/ativo” que os qualificaria como “bicha” ou “bofe”; também para MacRae (1990) os “entendidos” não reproduzem essa díade⁸² e adotam comportamento sexual mais igualitário, análogo ao do *gay*, embora dessa categoria se distanciem pelo menor grau de visibilidade que propõem dar a sua identidade.

Desde sua criação o jornal *O Snob* apresentava os arranjos sociais de seus participantes como uma “comunidade entendida” (ou “sociedade bichal”). Essa “comunidade” envolvia todos os indivíduos que participavam ativamente dos encontros e que se adequassem às referências e aos interesses das “bichas”; desse ponto de vista, aliás, “elas” não tinham nada de passivas, articulavam suas parcerias e movimentavam a “sociedade bichal”, produzindo as festas, fornecendo as casas para os encontros, escolhendo os “bofes”, criando, assim, as regras de convivência. Pelo que pude perceber nos relatos do jornal, essa “comunidade” era composta por “entendidos”, assim designados independente de posição assumida no ato sexual ou dos papéis de gênero estabelecidos, fossem “bichas”, “bofes” ou mesmo as três mulheres (heterossexuais) que participavam da rede, pois valorizavam o modo de vida “bichal”.

⁸² “a sociedade tem dividido os indivíduos em dois tipos: o ativo (homem), e o passivo (mulher). Essa categorização está extremamente arraigada na nossa cultura e não surpreende que se encontre reproduzida nas relações homossexuais, com os homens classificando-se como ‘bofe’ e ‘bicha’, e as mulheres como ‘fanchona’ e ‘lady’. Em ambos os casos, os primeiros seriam ‘ativos’ e os segundos ‘passivos’, reproduzindo as relações de dominação vigente entre homens e mulheres” (MacRae, 1990:51).

Exemplo desse roteiro está impresso nos tipos de prêmio que a rede concedia aos melhores do ano,⁸³ em suas várias categorias – “O mais entendido” era concedido a um “bofe”. *O Snob*⁸⁴ informa que o “entendido” compreendia “quatro sexos”; não informados quais seriam, suponho que correspondessem a homem, mulher, bichas e se estas forma o terceiro, as lésbicas seriam o “quarto sexo”.

A rede de sociabilidade aqui estudada, portanto, emprega a palavra “entendido” de maneira abrangente, embora logo venha a ter que readequar sua visão e o uso do vocábulo. A eventual semelhança com os “simpatizantes” de hoje logo se esvai pela exigência da “comunidade” de participação ativa em suas atividades; não basta a “tolerância” dos “simpatizantes” com relação às diferenças existentes entre eles, é preciso ser um “deles”. Os “entendidos”, portanto, são aqueles que comungam de igual ponto de vista e, no caso dos “bofes”, têm também participação ativa no “mercado” sexual. Para os “simpatizantes” os *gays* continuam sendo o “outro”.

Goffman (1988:37) faz referência à categoria “informados”, que explica parcialmente essa atuação. Esse conceito engloba “os que são normais, mas cuja situação especial levou a privar intimamente da vida secreta do indivíduo estigmatizado e a simpatizar com ela [...] Os ‘informados’ são os homens marginais diante dos quais o indivíduo que tem um defeito não precisa se envergonhar nem se autocontrolar, porque sabe que será considerado como uma pessoa comum”. Dessa maneira, os sujeitos que carregam esse atributo são considerados “de dentro”, ainda que não participem das condutas sexuais estabelecidas. A rede em estudo compreende dessa maneira as mulheres que participavam de suas atividades cotidianas (seriam as “informadas”); os “bofes” considerados “entendidos”, entretanto, além de ser “informados” devem participar efetivamente do “mercado sexual” que a rede promove. Isso não quer dizer que em seu meio não possam ter existido “informados”, conforme Goffman sugeriu, mas esses não eram considerados “entendidos” pela rede.

Essa “comunidade entendida” estabelece um modo de vida que inclui os encontros afetivos/sexuais de “bicha” e “bofe”, seus interesses em concursos de misses, seus modos peculiares de autorrepresentação com características femininas, delicadas, elegantes e a preocupação em preservar esses valores em sua “sociedade”.

⁸³ *O Snob*, n.18, 1963.

⁸⁴ *O Snob*, n.1, 1964.

Assim do ponto de vista das “bichas” – agentes articuladores dessa rede –, a categoria “entendido” tem um significado distinto daquele encontrado na *network* pesquisada por Guimarães (2004) nos anos 1970, na qual a autora aponta a emergência de uma nova identidade, que se distingue da “bicha” e do “bofe”.

Nesse momento (1963-1964), os encontros amorosos e/ou sexuais dos participantes da rede envolviam dois personagens distintos, a “bicha” e o “bofe”. Conformados a uma “subcultura”, não eram, no entanto, sujeitos isolados; compartilhavam com a sociedade maior a crença na divisão rígida de papéis comportamentais segundo o gênero. Alguns relatos, no entanto, sinalizavam condutas dentro do próprio grupo que não seguiam o roteiro preestabelecido. No Capítulo 4 discorro sobre esses “desvios”.

Com o tempo novos personagens surgem no grupo e são fortemente contestados. Constroem significado distinto para caracterizar o “entendido”, num processo de disputa identitária.

Como dito, “entendido” era conceito generalizado que compreendia todos os participantes da rede, que, portanto, sentiu dificuldades em apreender o “novo” significado que vinha sendo atribuído, externa e internamente, a essa categoria. Posto que dividiam suas parcerias com base na dicotomia feminino/masculino, ligada a rígidos papéis de gêneros, tiveram que negociar seu estabelecimento.

Dessa maneira, em 1965 e 1966, novas atuações identitárias são manifestadas de maneira contundente dentro da rede, tendo o recém-chegado colunista Pantera como porta-voz. Com atuação diferente da maioria dos componentes das turmas, ele não se considera “bicha”, mas só se relaciona sexual e afetivamente com homens, o que, naquele cenário, colocava em xeque sua identidade masculina e a de seu parceiro também. Em defesa de seu “caso”, Pantera responde a uma colunista: “Não me consta que o Ed seja boneca, pois foi meu caso durante muito tempo e jamais desconfiei (ou falei) isto dele. Eu é que tenho muitas vezes passado como tal, exatamente por ter tido um ‘caso’ com uma pessoa que não deixa dúvidas.”

A palavra “caso” passa a substituir “casamento” (ou “noivado”) que designava frequentemente a parceria afetivo-sexual entre uma “bicha” e um “bofe”; os novos sujeitos do grupo não aceitam designações absorvidas daqueles vigentes na sociedade maior – sua parceria e parceiro agora eram “caso”. Essa denominação já era usada em 1963, mas com pouquíssima frequência, preferindo-se então “casamento”, “noiva”, “marido” e correlatos.

Esses “novos atores” procuram outros “iguais” em oposição às “bichas”, que procuram o “diferente”. São homens que não se conformam em ter que se adequar aos modos e maneiras femininas das “bichas”, gerando uma crise de significação identitária na “comunidade”, que tem dificuldade em assimilá-los.

Para minimizar esse impasse, inventou-se a categoria “entendido passado a ferro” ou seu correlato “bofe passado a ferro” com que se procurava diferenciá-los do “homem de verdade”. “Bicha” faz par com “bofe”, e aqueles, em princípio, entre si. Nada, porém, era simples, e acusações de manipulação identitária⁸⁵ ocorreram, sendo imediatamente comunicadas a todos – o controle de informação sobre si era fundamental para preservar a impressão identitária que queriam passar. Alguns exemplos de circulação de informação (verdadeiras ou falsas) sobre a atuação dos atores que os conformavam a essa nova identidade aparecem nas colunas de *O Snob*:

Valdir e o Guilherme, dois “bofes” passados a ferro se aborreceram, porque um queria comer o outro. O Guilherme não fez segredo disso, por isso o Valdir passou todo o picnic aborrecido. (n.21, 1965)

Dizem a boca pequena que existe um bofe caso de uma amiga que é passado a ferro. Será que está virando moda? (n.21, 1965)

A COMÉDIA DOS EQUÍVOCOS – Ailton e Mario, tiveram um ligeiro “affair” durante dois dias de carnaval. Quem era quem, perguntavam um ao outro, quando no 3º dia, descobriram que todos os dois tinham as mesmas intenções. O caso foi desfeito... (n.2, 1966)

NOVO CASO – Valdir e a Pantera estão de caso e é com surpresa geral que todos comentam. Muitos querem saber finalmente em que ferro o Valdir passa a sua roupa, pois quando vai dançar sempre prefere os BOFES... (n.2, 1966)

Não sabemos o certo, mas que ainda vai acontecer algo entre dois famosos bofes, lá isso vai. Eles se olham tanto. (n.4, 1965)

⁸⁵ “Quando há uma discrepância entre a identidade social real de um indivíduo e sua identidade virtual, é possível que nós, normais, tenhamos conhecimento desse fato antes de entrarmos em contato com ele ou, então, que essa discrepância se torne evidente no momento em que ele nos é apresentado. Esse indivíduo é uma pessoa desacreditada [...].

Entretanto, quando a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio [...], quando, na verdade, ela é uma pessoa desacreditável, e não desacreditada, nesse momento é que aparece a segunda possibilidade fundamental em sua vida. A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e em cada caso, para quem, como, quando e onde” (Goffman, 1988:51).

Ainda que de maneira obscura, Pantera tenta compreender e explicar essa nova modalidade.⁸⁶

O ENTENDIDO PASSADO A FERRO (E.P.F.) é o assunto mais vasto no mundo homossexual. O ativo e o passivo encontram aí o estágio de qual caminho deve seguir: bofe? bofeca? Boneca? ... e as vezes pensam tanto que nascem, vivem e morrem dentro desse estágio quase que preocupado, porque ele só tem uma preocupação quando vai para uma cama: NÃO SER POSSUIDO DE JEITO NENHUM, mesmo se um desejo repentino apareça não se sabe de onde. Alguns (se não conseguem possuir o seu acompanhante) topam a brincadeira (quebração) dentro de suas normas e leis, sendo que muitas vezes abrem algumas exceções.

Outra colunista (Bianca Marie), sua maior opositora, expõe seu ponto de vista de maneira clara: “o meu objetivo é ser mulher de um homem só, jamais pretendi ser o homem do ano, porque sou pintosa demais e não acredito em homens passados à ferro, ou vulgarmente como se comenta por aí – ENTENDIDOS.”⁸⁷

As retaliações que a rede promoveu aos “entendidos” foram severas; seus atributos sexuais foram desacreditados internamente conformando-os a uma identidade desacreditável. Essa violenta resposta a suas atuações seguiu o roteiro preestabelecido pela sociedade maior: duvidava de sua masculinidade, associava o ato de ser penetrado à condição de mulher (por isso, os “entendidos passados a ferro” manipulam a informação dessa condição), chamava-os no feminino, tudo isso mediante fofocas noticiadas no jornal e disseminadas em suas relações cotidianas.

É óbvio, não foi só dentro da rede que esse novo personagem se apresentou; nas “pegações”, um antigo problema agora agravado impunha-se às “bichas”: não serem “enganadas” pelos “falsos bofes”; a maneira como a rede respondeu a essa manifestação, entretanto, foi singular. Várias situações pitorescas foram relatadas no jornal, como por exemplo, a do conto anedótico em que Pantera nos revela a situação de uma “bicha” que na “caça” ao “bofe” só se depara com sujeitos que, mais rápidos do que “ela”, na primeira oportunidade viram-se de bruços para ser penetrados. “Ela estava com muita pressa, pois há muito tempo não encontrava nada, ou melhor, encontrava, mas era para fazer papel de bofe”, ele conclui.

Em outra trincheira estavam os “bofes” que viviam, agora internamente, uma identidade desacreditável não só pelas “bichas”, mas principalmente, pelos “entendidos”.

⁸⁶ *O Snob*, n.1, 1965.

⁸⁷ *O Snob*, n.12, 1966.

Exemplifico numa fofoca lançada por Pantera: “Existe um bofe famoso que está andando com umas calças tão justas, que já está recebendo apelidos adoráveis: Maria Felix e Magali são os mais recentes. Se a esposa dele sabe disso... vão voar penas.”⁸⁸

Nessa nova classificação em que a aparência externa não denota a posição sexual do “outro”, em que os comportamentos sexuais vão-se dissociando dos papéis de gênero, deixa, pouco a pouco, de ter relevância a atuação sexual “passiva” ou “ativa” para determinar a identidade do sujeito. A homossexualidade começa a ser compreendida como “encontro” entre iguais, independente do papel sexual “ativo” ou “passivo”: se dois indivíduos do mesmo sexo se relacionam sexualmente são ambos considerados homossexuais, independente das técnicas sexuais (penetrar ou ser penetrado) de que façam uso ou do papel de gênero que possam assumir. Na rede, porém, isso não é consensual.

A prática sexual de ser penetrado tem significados que deterioram essa conduta, compreendida como pouco máscula. Era corrente a associação dessa técnica sexual à categoria “feminino”.

Os componentes da rede ainda estão fortemente influenciados por essa perspectiva, pois, ao que tudo indica, o papel que estabelecem no ato sexual poderia desmoralizar perante a rede tanto o “entendido passado a ferro” quanto o “bofe”, levando-os a serem definitivamente alocados como “bichas”. Os novos atores tentam ao máximo preservar seus “bastidores”, controlando as informações pessoais. Pantera, ao anunciar seu “entendimento” com outro homem, assim se expressa: “HÉLIO [Pantera] E EDSON completaram no dia 7 mais um ano de entendimento. Não podemos noticiar Sr. e Sra. porque até hoje ninguém sabe como os dois se entendem [...] Agora Niterói está esperando um sair de bolsinha para resolver de vez esta questão.”⁸⁹

Observo que nesse início do debate interno eles se classificavam como “bicha”, “bofe” e “entendido”, com características distintas, diferentemente de 1963-1964 quando todos eram considerados “entendidos” (quando essa classificação significava que os indivíduos comungavam do modo de vida das “bichas”, partilhavam os roteiros sexuais expressos na “comunidade”). O jogo “passivo/ativo”, entretanto, ainda os confunde. Ora é o comportamento sexual, ora são os papéis de gênero que os distinguem. Como bem noticia uma colunista: “ele ou ela, como vocês quiserem, é no momento uma das maiores historiadoras e perigosas colunista desse jornal”. A colunista, na realidade, não tem dúvida

⁸⁸ *O Snob*, n.11. 1965.

⁸⁹ *O Snob*, n.4, 1965.

quanto ao gênero a que Pantera pertence, pois os adjetivos posteriores estão todos no feminino.

Em contraposição a esse cenário de dúvidas e contestações, Pantera no segundo exemplar de janeiro⁹⁰ (sua estreia) e no n.2, ambos de 1965, promete abrir a discussão em sua coluna a partir de uma série intitulada “Homossexualismo, esse desconhecido”, proposta que não se concretiza nesse ano, voltando a reclame na edição n.21 de dezembro daquele ano.

Aguardem a nova série cor de rosa onde o HOMOSSEXUALISMO será mostrado de um modo que talvez você não conheça. Não sou psicólogo e não apresentarei resultados para os problemas, porém comentarei *vários tipos de entendidos* com o intuito de quebrar o tabu de passivo e ativo ou de bofe e boneca. Esperem e é bem provável que o seu caso venha nesta nova série. [grifos meus]

O debate gerado tanto por Pantera quanto pelos casos dos “entendidos passados a ferro” relatados em *O Snob*, somado aos “enganos” a que as “bichas” estão submetidas em suas parcerias sexuais, gerou uma disputa pela hegemonia de representação identitária, com o propósito de se restabelecerem os roteiros anteriores.

As “bichas” tentam levar para seu campo de atuação os “desviantes” tentando reenquadrá-los na dicotomia “bicha/bofe”; por sua vez, os “entendidos” tentam levar para seu campo de atuação os “bofes”, questionando sua atuação. Dois adágios, muito usados internamente, exemplificam essa última situação: “Em terra de bicha, quem tem bofe tem dúvida” ou “O bofe de hoje é a boneca de amanhã”.

Ainda que perdendo um parceiro em potencial, a maioria das “bichas” prefere que aquele tipo se enquadre como “bicha” e comece a se comportar como tal, pois preserva sua atuação e a do “bofe”, que teria então sua identidade restabelecida, sem risco de ser “confundido” com um portador de identidade desacreditável.

Apesar da contestação quanto à atuação dos “entendidos”, entretanto, a rede mostrava-se ambígua ao classificá-los: se nos prêmios de melhores do ano eram alocados na ala masculina, volta e meia, eram caracterizados como “mulheres” e/ou nominados no feminino nas notícias. E quando Pantera resolve misturar todos em sua lista dos mais elegantes, não distinguindo as “bichas” dos “entendidos”, provoca a ira de uma colunista, da qual se defende: “não tenho culpa que os chamados Homens de Verdade se vistam

⁹⁰ Em janeiro de 1965 foram editados dois exemplares do jornal, ambos identificados como n.1.

cafonamente ou percam a sua elegância em se preocupar demais nas suas poses para que não haja dúvidas sobre suas masculinidades”.⁹¹ E complementa que não vê muita diferença nos modos de vestir de “bichas” e “entendidos”.

A princípio, porém, a rede distingue esses atores conformando-os em três espécies distintas: a “bicha”, o “entendido passado a ferro” e o “bofe”, sem abdicar totalmente da expressão “entendido” para classificar todos.

Inferi essas distinções e disputa pela categoria “entendido” também na modificação do lema do jornal, que fora adotado em setembro de 1964. *O Snob*⁹² tomou como mote de afirmação de um modo de vida sintetizado na frase: “Um jornal informativo para gente entendida. Um jornal para gente bem. Um jornal para você que é de bom gosto.” Esse lema acompanhou a publicação até o n.6 de 1967; nas edições posteriores ele não aparece à exceção do n.11 de 1967. No entanto, o mais significativo, no meu entender, foi a reincorporação da frase no n.2 de 1968, mas com importante mudança: a supressão da expressão “gente entendida” do *slogan* original, que, até o último número, passou a ser: “Um jornal informativo para gente bem. Um jornal para você que é de bom gosto”. Suponho que essa alteração seja resultado do embate de significados que durou de 1965 a 67 e ao longo do qual a categoria “entendido” deixou de representar a totalidade dos componentes da rede e conseqüentemente perde sua força.

Nos dois últimos anos evidencia-se a dificuldade do Grupo Snob no uso da palavra “entendido”, que apareceu muito fracamente nos dois números de 1969, só empregada pelo “representante” dos “entendidos” (Gato Preto) ou nos relatos de antigos participantes, nostálgicos do significado original.

O primeiro passo para a ressignificação identitária, lembremos, foi dado com a mudança das nomações no feminino; apesar dessa “transformação”, entretanto, ainda havia distinção em relação aos “bofes”; de qualquer forma desse movimento inicial decorreu forte aproximação com os “entendidos”, à revelia das diferenças entre eles, como sugere a argumentação de uma “bicha”:

não quer dizer que queiramos ‘virar’ homens, apenas encaramos a realidade de nossa homossexualidade, pois mulher nós também não somos: temos um órgão genital masculino que, a revelia de alguns, funciona plenamente, embora com pessoa do mesmo sexo: vestimo-nos com trajas masculinos [...] temos o que é mais importante, a

⁹¹ *O Snob*, n.1, 1965.

⁹² N.12, 1964.

aparência física masculina, porque então tratarmo-nos por Christines, Denizes, Pauletes etc.

Eles, portanto, ainda não se colocam no plano masculino, como os “entendidos”, posto que a homossexualidade não era considerada atributo de “homem”; estão a meio caminho entre a ideia do “terceiro sexo” e as classificações do homossexual, que não o vinculariam à “inversão.

Corroborando essa observação o fato de que eles continuam oferecendo os prêmios no masculino para “bofes” e “entendidos” e no feminino para “elas”(?), criando uma incongruência – não são mulheres, não são homens, não são “entendidos”, não são “bichas”; o que são? Reportam-se como *gays*, cujo significado na rede, porém, ora engloba os “entendidos” e as “bichas”, ora apenas estas últimas. Como as “bichas” não abdicavam por completo da ideia do “terceiro sexo”, nesse momento elas se distanciam dos “entendidos” e, nesse contexto, só “elas” são inseridas na categoria *gay*.

Resumindo, a “comunidade entendida”, em crise, não pode mais representar todos os seus componentes da mesma maneira, pois a categoria “entendido” estava sendo apropriada por um grupo específico; como estratégia para restituir o significado anterior, formula nova categoria que todos represente: a “sociedade gay”, excluindo definitivamente os “bofes”, a fim de que a atuação da “bicha” não perdesse seu significado.

2.4. O debate : “bichas” X “entendidos”

Recapitulando, o processo de mudanças que a rede sofreu entre 1965 e 1967 foi gerado por grande embate interno. *O Snob* expõe as divergências entre seus colunistas (e entre jornais) sobre a nova identidade emergente. Nessa disputa, entrincheiravam-se os “entendidos” e as “bichas” em campos opostos, e a estes últimos se somavam os “bofes”.

Os roteiros sexuais preconizavam certos papéis de gênero e certas práticas sexuais que passam a ser questionados por parte da rede. Agildo Guimarães⁹³ assim expõe essas diferenças e as mudanças por que passaram as relações “bicha/bofe”:

Na nossa época era bicha e bofe; a diferença do bofe naquela época é que [...] nosso pênis não era tocado [...]. Na época, “bicha” era mulher.

⁹³ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro, 29/07/2007.

Nós tínhamos o cuidado de não encostar o nosso pênis nos bofes. Se o bofe desse para [o parceiro], ele terminava [...]

Tinha um casal [...] eles realmente eram *gays*; um era noivo, o outro era o “amigo” do noivo. Influência americana. Eram motivo de comentários esses meninos, que eram *gays* [...] Na época eles eram considerados bofes.

Na nossa cabeça tinha a diferença entre bofe e bicha. Isso [Os novos arranjos de gênero] no início nos assustou.

Na época não tinham duas bichas... Podiam até ter relações, mas nunca foi...

Quando conheci Jair [nome fictício], era o tipo de bofe entre aspas [o próprio entrevistado solicita aspas, pois, hoje, sabe que Jair é *gay*], era o bofe que considerava a gente. Na época era o “bofe” perfeito. Quando eu soube que estava namorando um bofinho eu fiquei não horrorizado, mas surpreso. Na realidade ele não queria uma bicha, ele queria um *gay*.

Desliguei-me daquela coisa de bicha.

Os relatos de *O Snob* nos mostram essas mudanças e os conflitos que elas geraram. Em entrevista,⁹⁴ um “homem verdadeiro” e uma “boneca” expõem suas posições sobre essa nova maneira, mais “igualitária” de se conceberem as relações entre dois homens. A pergunta da entrevistadora recai sobre a veracidade do adágio que circula pela rede: “O bofe de hoje é a boneca de amanhã.”

O “bofe” entrevistado era “casado” com uma “bicha”; defendendo sua posição de “homem verdadeiro” explica que não existe meio termo, pois “quando um homem é homem... é homem mesmo”, e que exemplos do contrário seriam casos de assunção tardia daqueles que sempre foram “bonecas”. Prosseguindo, expõe a situação por que passou ao ser “pego” por um sujeito e com quem foi ter relações sexuais; ambos se revelam então “homens” (isto é, “ativos”), e o “jogo acabou zero a zero”, porque ele não aceitava “quebração”⁹⁵ nem com a “esposa”. Esse ator acredita que algumas técnicas sexuais empregadas com o parceiro separam os sujeitos em categorias identitárias distintas e antagônicas. Com as referências que ainda traz dos primeiros anos sobre o que é ser “entendido”, ele argumenta: “mesmo assim, gostaria de receber o prêmio de O mais entendido do ano”. Lembremos que até 1964, o significado de “entendido” abrangia todos aqueles que participavam da “comunidade”.

A “boneca” entrevistada também não concorda com o ditado, usando argumentação semelhante à do primeiro entrevistado. E para confirmar a raridade, da

⁹⁴ *O Snob*, n.11, 1967.

⁹⁵ O significado de “quebração” não se revela muito claro pela leitura dos jornais; de qualquer maneira, seria algo entre a troca de posição sexual dos parceiros e, o que acho mais provável, o uso de técnicas sexuais diversas (de acordo com a “sensibilidade” de um ou outro), excluindo a penetração. Em entrevista de 18/01/2010, Jair informa que tem a ver com a expressão “quebrar louça” quando dois “entendidos” ou “bichas” saem para “transar”.

situação, “ela” afirma que nunca teve “a desdita de pegar uma boneca pensando que fosse bofe”.

Na realidade, os dois entrevistados associavam a identidade sexual aos comportamentos sexuais: o primeiro chegou a ir para a cama com um homem que procurava um parceiro masculino (como o entrevistado), mas que fosse “passivo”. E o segundo informava a possibilidade de encontrar um homem masculino que pudesse ser “passivo”. Para ambos esses dois seres masculinos, quando encontrados, por serem “passivos”, seriam “bichas”.

Gato Preto em entrevista concedida ao jornal⁹⁶ sobre o mesmo adágio também se contrapõe à essa ideia, mas com argumentação diferente: “não creio nesta história porque conheço muita gente (por experiência própria) que nada tem de boneca e na cama são mais passivas que muitas”. Em sua opinião o sujeito seria “entendido” e não “bicha”.

Têm-se aqui, portanto, duas posições antagônicas, uma justificando as diferenças identitárias como produto de seu comportamento sexual, “ativo” ou “passivo”, outra associando-as aos papéis de gênero disponíveis, independentes da posição assumida sexualmente.

Essa divergência de concepção identitária perpassa várias colunas do jornal, com muitos comentários que desacreditavam as ações dos sujeitos que se apresentavam como “entendidos”; a dúvida (ou discórdia), porém, foi implantada na rede de maneira irremediável, acentuada pela entrada de novos participantes que se identificam com a nova noção de “entendido”, perturbando os refratários.

Em outra entrevista⁹⁷ esse dilema é explorado nos seguintes termos: “É necessária e autêntica uma terminologia e maneiras femininas para se afirmar como personagem no ambiente ‘gay’?” E “No ‘sexo’ é preciso um ativo e um passivo, ou uma homogeneidade”?

Exemplifico esse debate com mais um relato que demonstra as “injúrias” sofridas internamente por esses atores no cotidiano; mais uma vez, Gato Preto, em sua coluna, vem em auxílio de seu “caso”:⁹⁸

nota zero para Viviane (concorrente a Miss Inverno) que chamou meu caso (Leão Dourado) de senhora Gato sem tentar ver que nós fugimos aos costumes tradicionais e normas (?) dentro do homossexualismo. Viviane, se você o chamou de senhora Gato,

⁹⁶ *O Snob*, n.6, 1968.

⁹⁷ *O Snob*, n.7, 1967.

⁹⁸ *O Snob*, n.8, 1967.

tem que me chamar de senhora Leão, pois entre nós não existe o homem e a mulher, e sim duas pessoas que se gostam, se satisfazem e se respeitam igualmente.

Sublinha, assim, que fica cada vez mais evidente para parte da rede que determinadas práticas lhes atribuem uma nova condição, designada “entendido” no sentido que Fry (1982), Guimarães (2004) e MacRae (1990) capturaram em suas pesquisas.

Esses novos personagens, diferente da maioria dos participantes, buscavam relação mais “igualitária”, da qual o “novo” conceito de “entendido” emerge com significado diferente daquele que a rede produzia em 1963 e 1964.

Entretanto, até 1968, a postura do jornal diante dessa questão é pendular (ou cuidadosa). É nesse ano que a nova direção retira a expressão “gente entendida” de seu *slogan*, tentando apaziguar as relações entre seus componentes. Além dessa disputa pela hegemonia de representação identitária, há outra “guerra” na rede, cujas trincheiras são os diversos jornais, envolvendo muitas fofocas a respeito da direção dos jornais e forte disputa de prestígio.

Há então a radicalização de posições por meio de “contra-ataque” – as acusações dirigidas aos efeminados tornaram-se mais agressivas, e a aceitação pela sociedade maior passa a ser a moeda de troca para justificar certa postura. Em entrevista⁹⁹ ao jornal, Gato Preto afirma que a aceitação dos homossexuais pela sociedade seria mais plena se não fosse “esse negócio de homossexual querer agir como mulher numa frescura excessiva. Como diz Stanislaw P. Preta (e na maioria dos casos tem razão): o homossexualismo é um problema que merece ser melhor encarado, mas a frescura é falta de pancada”.

No final dessa entrevista, contudo, a figura de Gato Preto é representada pelo desenho de um gato (ou gata?) fumando numa longa piteira. Sendo o espaço franqueado às novas ideias sobre a sexualidade e a linha editorial não comportando maledicências, usou-se o artifício do detalhe dúbio na figura do gato.

Ao longo dos anos em que esse debate foi travado, Gilk¹⁰⁰ posicionou-se como mediador, mas não deixou de se opor à rigidez de identidade que todos englobesse. A versatilidade para ele era a chave, buscando “naturalidade” sem exibicionismo.

Vários personagens da rede foram entrevistados ou escreviam textos em que discorriam sobre a homossexualidade; dois deles me chamaram atenção: um pela

⁹⁹ *O Snob*, n.6, 1968.

¹⁰⁰ Agildo Guimarães, que tinha como pseudônimo feminino Gilka, passa a adotar uma nomenclatura no masculino, Gilk.

conotação social (moral), o outro por apoiar-se na ordem médica; nos dois casos, no entanto, o “homossexualismo” é tratado como problema.

Na época atual, não se combate [o homossexualismo] como algo vergonhoso, mas sim aceita-se como um problema que não tem solução. (*O Snob*, n.7, 1968)

Dentro de uma definição médica mais ampla, o homossexualismo pode significar o contato físico entre duas pessoas do mesmo sexo ou uma reação psicológica, produzida sem o contato físico. Esta reação pode ocorrer em pensamentos, olhares, lembranças de experiências passadas ou antecipações de futuras. É frequente que as duas reações se deem juntas, mas há casos em que ocorrem separadamente. Há homens que não teriam coragem de consumir o ato físico com outro homem, mas em pensamento comprometem seriamente sua heterossexualidade. (*O Snob*, n.7, 1968)

Dessa maneira, na rede, as distinções entre “bicha” e “entendido” vão sendo “apagadas” pelo vocábulo “homossexual” (“homossexualismo”), ao qual no início era-lhes tão difícil identificarem-se.

Seguindo os relatos de *O Snob* a partir de 1968, observa-se que essas duas identidades, até então distintas, vão ganhando novo significado e percebe-se a produção de um discurso de unificação na categoria “homossexual”, que comportaria os dois tipos de sujeito (excluindo os “bofes”): os que eram identificáveis pela rede como aqueles que faziam “distinção de sexo”¹⁰¹ (a “bicha” e o “bofe”, sendo só primeiro qualificado como homossexual), e os que “não faziam essa distinção” na formação de pares sexuais, classificados pelos grupos como “entendidos passados a ferro” (EPF) e também considerados homossexuais.

No meu entender, fez-se todo esse percurso semântico para que estes últimos, os “EPF”, não tivessem a exclusividade da categoria de “entendido”, o que sinaliza que essa classificação ainda estava em disputa dentro da rede. O fiel da balança, porém, já se estabilizava para a consolidação das relações “igualitárias”, expressa pela categoria “entendido”.

Em 1969 os integrantes da rede centram as disputas nas nomeações masculinas,¹⁰² deixando o embate entre “entendidos” e “bichas” em segundo plano, ainda

¹⁰¹ *O Snob*, n.8, 1968.

¹⁰² “Dentro de uma sociedade restrita e condicionada por um sem número de fatores marginalizantes [...] numa sociedade que se constrói do medo e da revolta e por si mesma eivada de preconceitos e recalques, de uma agressividade mal canalizada e assim sendo toma uma forma antropofágica, canibal. Ao não aceitarmos mais o homossexualismo como uma caricatura do feminino, porque estamos consciente que isto não passa de uma falta de informações e a necessidade de uma melhor conscientização” (*O Snob*, n. 2, 1969).

que expressões usadas no jornal apontem que a categoria “entendido” ainda era motivo de disputa, escolhendo-se o termo *gay* para a designação identitária.

Gay tornou-se a expressão desse momento e nos dois últimos números de *O Snob*¹⁰³ apareceu associada a “mundo”, “sociedade”, “movimento”, “jornalismo”, “união”, “imprensa”, “social” e “clã”, ainda que também fossem usados “homossexual”, “homossexualismo” e “homossexualidade”. Como já mencionado, a palavra “entendido” só foi empregada por Gato Preto ou por antigos participantes com o significado original.

Essas mudanças refletiram-se nas parcerias sexuais já estabelecidas, bem como no surgimento de outro tipo, convivendo todos no mesmo espaço de sociabilidade.

2.5. As parcerias sexuais

Os relatos indicam que a rede, além das relações de amizade, também propiciava arranjos sociais distintos, viabilizando diferentes formas de encontros sexuais (afetivos ou não).

Em 1963 e 1964 privilegiava-se a divulgação interna de empreendimentos sexuais e/ou afetivos entre dois homens, ou seja, a socialização junto a todos os envolvidos na rede, sobretudo os “bofes”, das possibilidades de engate sexual, neutralizando, assim, o risco de mal-entendido a que estavam sujeitos fora da rede, apontando, portanto, que, além de “informados”, os “bofes” participavam dos arranjos sexuais/afetivos.

Essa visibilidade interna era tão importante, que, em uma festa em que os “bofes” desconheciam o tipo de sociabilidade empreendida, estranharam a aproximação franca das “bichas”, o que gerou conflito de quase agressão, semelhante àqueles encontrados na sociedade maior.

A anfitriã foi devidamente censurada no jornal por trazer pessoas estranhas ao meio:¹⁰⁴

muita gente numa mistura de classes.¹⁰⁵ Os convidados [as “bichas”] pareciam que estavam lidando com pessoas estranhas ao ambiente de ENTENDIDO. Andréa, quase apanha. Zazá, Vovó, foram ofendidas. Quase todas tiveram aborrecimentos. [...]. D.

¹⁰³ *O Snob*, n.1 e 2, 1969.

¹⁰⁴ *O Snob*, n. 16, 1963.

¹⁰⁵ Classe, para o grupo, não tem a ver com poder econômico e, muito menos, com luta de classes (proletário x burguesia); classe reúne pessoas “de dentro” (“entendida”) ou “de fora”. O conceito é usado para diferenciar grupos por afinidades particulares.

Edméa [a *hostess*] deve pensar ou melhor deixar de pensar que nós somos verdadeiras solteironas loucas por homens.

Os locais de encontro estabelecidos serviam, portanto, como espaços de desinibição, em que podiam atuar, longe dos constrangimentos que a sociedade maior lhes impunha; não eram, entretanto, locais de desregramento – apenas funcionavam de acordo com suas próprias regras de convivência e estratégias de estabelecimento de pares sexuais. No caso da festa mencionada parte dos convidados não era “entendida”; dessa maneira, a comunicação não foi estabelecida, e a festa não serviu aos propósitos da rede, demonstrando que o ambiente construído por “elas”, com seus códigos de atuação, serve como proteção física e moral. Na “mistura”, essas referências se perdem, sobrepondo-se as normas da sociedade maior. Os atores “de fora” hostilizaram os “de dentro” porque as estratégias de proteção não foram adequadas para a cena que se estabeleceu.

A formação de “casais” era valorizada pela rede; o incentivo que lhe atestavam fica patente nos relatos de *O Snob*, na premiação do Casal do ano e nas desilusões referidas por ocasião do desfecho de um “casamento”. Mas, também encontramos no jornal depoimentos que não davam importância a esse tipo de união.

As nomeações dessas relações eram tomadas da sociedade maior – casamento, marido, noivado –, assim como as normas de fidelidade e monogamia, ainda que não fossem seguidas pela maioria. Ciúmes, brigas amorosas e disputas de parcerias eram corriqueiras de ambas as partes. A possessividade do “bofe” era considerada característica viril, mas não a agressividade da “bicha” na busca de parceiro. Existia inversão de papéis em relação ao que se via na sociedade maior, a “bicha” (feminino) é a “caçadora” e o “bofe” (masculino) é a “caça” que deve ser conquistada.

Conforme Gagnon (2006), procuro analisar esses arranjos como nova forma de produzir as relações e de colocar-se no mundo, tendo como suporte um cenário cultural estabelecido, pois nada nasce do zero. Observo, assim, que uma ação pode ter significados diferentes, dos quais emergem novos roteiros, cujas instituições agora servem para outros propósitos.

Primeiro nos socializamos como espectadores ou aprendizes dos cenários culturais, mas, à medida que somos solicitados a encenar esses roteiros, temos de modificá-los, para atender às exigências das situações concretas em que nos encontramos, o que inclui as exigências das outras pessoas presentes nessas situações e nossas demais relações com elas. Nessas circunstâncias, passamos de atores puros, que leem seu texto, a improvisadores com certos componentes de dramaturgos. Tais modificações podem ser

mínimas, com um alto nível de congruência entre o que a cultura espera e o que a situação concreta requer, mas é possível que sejam necessários vários graus de improvisação. Nas situações radicalmente inéditas, somos solicitados a inventar conforme avançamos, mas vamos inventando com o material roteirizado previamente disponível, e não de forma inédita. (Gagnon, 2006:227)

Nos grupos aqui estudados o “casamento” não serve para a reprodução, mas para a consolidação de identidade que busca legitimar-se pela construção de parcerias possíveis entre dois “tipos” de homem. O “marido” não é o chefe da casa, muito pelo contrário, já que costuma, como no caso em estudo, ser dependente da “bicha”. O casal não se estabelece pela estratégia de cortejo masculino, mas pela agressividade sexual da “bicha”. A fidelidade que se estabelece não diz respeito ao casal, ainda que pareça, mas ao “bofe” frente à rede: na ciranda de casais, ele se compromete com a “comunidade”.

Este último ponto é crucial para entendermos o objetivo oculto da rede com relação aos “bofes”. Ainda que haja amplo destaque à formação de casais (prêmio Casal do ano, figuras de casais estampadas no jornal, homenagens aos casais mais duradouros), verifica-se alta rotatividade dos parceiros, o que indica a não concretização da visão idealizada do casamento. A monogamia é temporária, e a troca de pares acaba por promover a circulação dos “bofes” (um “bem escasso”) entre as “bichas”, resultando, na maioria das vezes, na exclusividade dos “bofes” à rede e não a uma “bicha” específica, embora se encontrem relatos de pares duradouros.

Em 1963 registram-se mais de 40 notificações de enlances e desenlances de casais, e, em 1964, mais de 65, sugerindo que, na realidade, a estratégia era manter os “bofes” dentro da rede para usufruto da “comunidade”, sem o constrangimento ou os perigos encontrados fora dela.

De qualquer forma, o “casamento” era um ideal para quase todas, e a renovação dos “votos”, estimulada. A “pegação” ou “caça aos bofes”, entretanto, era o “esporte” preferido das “bichas”, segundo um colunista de *O Snob*.¹⁰⁶

Sendo essa prática tão prestigiada, os porta-vozes da rede encontravam dificuldades para regular seus participantes. A estratégia de valorização dos casais encontrava barreiras na escassez de “bofes”, na volatilidade dos “casamentos” e nas ofertas sexuais mais abundantes encontradas na “rua”.

¹⁰⁶ N.14, 1964.

Alguns “bofes” afirmavam que as relações tinham por base interesses materiais. Várias insinuações de pagamento em dinheiro ou presentes pontuavam as páginas do jornal, na maioria das vezes, entretanto, refutadas pelas “bichas”. Uma coisa, no entanto, era voz corrente: pagar por serviços sexuais não era de bom tom, pois diminuía a “bicha” diante de seus pares.

Como dito, a partir de 1965 esse tipo de roteiro sexual começa a ser questionado por uma pequena parcela da rede. O grupo, aliás crescente, de indivíduos que não buscam mais as relações sexuais e/ou afetivas espelhadas na dicotomia “bicha/bofe”, cultiva relacionamentos com homens que não se identifiquem como “mulheres”. A dicotomia “passivo/ativo”, no entanto, continua sendo um entrave para o estabelecimento desse tipo de relação, pois, na concepção da rede, seria voltar ao modelo anterior, em que um deles fatalmente seria a “fêmea”.

As relações sexuais entre os “entendidos” eram envoltas em silêncio e apreensão: mantinha-se controle rigoroso sobre informações que pudessem expor eventual posição “passiva”.

A “nova” conduta sexual traz mudanças para o tratamento cotidiano entre os pares, que não aceitam ser descritos ou chamados no feminino. As nomações capturadas da sociedade maior – casamento, noivado, marido, esposa são recusadas e substituídos por “caso”. Esses novos arranjos, contudo, também são tratados com desconfiança, e seus praticantes acusados de se desviar de uma conduta apropriada, pois estariam atuando como “falso-bofe”.

Em 1968 as parcerias em grande parte ainda se mantinham no modelo tradicional, resistindo ao novo roteiro que, todavia, pouco a pouco foi-se impondo aos grupos. Exemplo corriqueiro que expressa essa tensão pode ser observado no relato¹⁰⁷ da separação de dois “entendidos”: enquanto as colunistas “conservadoras” anunciam o “divórcio”, o próprio envolvido refere-se como “término de caso”. É importante perceber a recusa desses “novos atores” a fazer usos de expressões retiradas das relações heterossexuais, que na realidade, os aproximariam dos roteiros anteriores. Sua distinção não é em oposição à sociedade maior, mas ao que ela significa quando transportada para as relações sexuais e/ou afetivas entre dois homens.

¹⁰⁷ *O Snob*, n.2, 1968.

É fundamental, porém, salientar que esses novos sujeitos também usufruíram dos cenários anteriores – foi nesse espaço de sociabilidade que eles montaram suas estratégias identitárias e estabeleceram parcerias. A rede lhes possibilitou, portanto, transmitir (pela conduta cotidiana ou por meio das fofocas) aos outros participantes sua maneira de atuar e, assim, formar “casos” ou parcerias sexuais ocasionais.

Todos esses “dramas” foram vividos e possibilitados pelos vários empreendimentos de sociabilidade que a rede criou e que todos usufruíram de diferentes modos.

CAPÍTULO 3

SOCIABILIDADE HOMOERÓTICA NOS ANOS 60

3.1. Os concursos de misses

Os encontros promovidos pelos grupos davam relevância crucial aos concursos de beleza, que informam seus gostos, sinalizam como esses participantes se interconectavam com a sociedade maior e insinuam algumas atuações relacionadas ao travestismo.

Esses certames configuravam oportunidade de encontro e expressão de suas experiências homoeróticas, em torno de manifestação socializante que reproduzia de maneira *sui generis* os concursos de misses presentes na sociedade maior. Sua reelaboração pela rede torna-se um importante exemplo de mudança do roteiro previamente definido, mostrando a relação entre o esperado e o real.

Nos anos 60 os concursos de beleza tinham destaque na imprensa, sendo capa de importantes revistas de variedade da época (*Manchete*, *O Cruzeiro* e *Revista do Rádio*).



Figuras 5 e 6: Capas de *O Snob*, n.10, 1965, e da revista *Manchete*, n.645, 1964

O Miss Brasil, no Maracanãzinho, atraía grande público (os grupos em estudo incluídos) e era símbolo do espaço feminino fora do lar. A mulher era admirada por sua beleza e *savoir faire* social (um verniz civilizatório), além, naturalmente, dos predicados de futura esposa e mãe. Apesar da já forte presença feminina no mercado de trabalho, no ambiente festivo dos concursos era valorizada sua função tradicional – a “mulher do lar”.

Assim, a beleza e as posturas refinadas, refletidas em poses estudadas e nas roupas de desfile, lhes conferiam *glamour*.

Os membros da comunidade em estudo não só participavam desses eventos, indo em caravana assistir aos desfiles oficiais, como promoviam os seus, que demandavam várias reuniões preparatórias e investimentos financeiros e emocionais.

Na mesma época, outra “comunidade” minoritária compartilhava desse mesmo fascínio. A pesquisa de Giacomini (2006:16) apresenta uma comunidade negra de classe média, no Rio de Janeiro, que, impedida de frequentar os clubes reservados aos brancos de mesma condição socioeconômica,¹⁰⁸ constituiu seu próprio espaço de sociabilidade: o Clube Renascença, no qual “homens e mulheres negros se encontravam e fruía do contato social num ambiente festivo”. Mas também criaram a categoria mulata para representar a beleza negra, promovendo em seu espaço o concurso de Miss Renascença. A autora sugere três possibilidades de caracterização desse lócus: academia de mulatas, espaço de sociabilidade, organização do movimento negro.

A perspectiva que aqui nos interessa, entretanto, é a da festividade do concurso de beleza como fonte de valorização dos participantes. Através do certame, os associados tentam maior integração com a cidade, o que, porém, não se realiza: “o almejado contato dos associados do Renascença com esses segmentos sociais [o espaço do branco] ficava, portanto, incompleto, indireto, mediatizado pelos salões de festa de hotéis e clubes” (Giacomini, 2006:96).

Os componentes da rede privilegiada em nosso estudo sabiam que a integração não seria possível através dos concursos que promoviam, mas sua realização era importante para que se sentissem “normais”, participando dos interesses da sociedade maior. No entanto, nesse fazer “conformista” produziam uma “resistência” às normas estabelecidas: improvisando a partir de uma dada realidade, criavam ações e significados valorizados internamente e referentes a suas expectativas sociais quanto ao modo de vida a que aspiram, à revelia da pressão externa, que os ridicularizava.

¹⁰⁸ “Esse pequeno grupo [dos fundadores], composto majoritariamente por negros diplomados e ‘bem de vida’, idealizou um clube social que fosse à imagem dos grupos sociais brancos da cidade, aos quais não tinham acesso, e no qual pudessem programar e vivenciar as atividades consideradas condizentes com a sua posição econômica, com seu *status*, assim como adequadas ao estilo de vida ao qual aspiravam”. (Giacomini, 2006:24).

Alguns participantes da rede também frequentavam os concursos de Miss Renascença. Em *O Snob*¹⁰⁹ um colunista, embora se afirmando negro, tece críticas à organização e à seleção das representantes com viés racista. A rede acaba montando seu concurso de Miss Escurinha.

Seus membros, portanto, não viviam essas manifestações apenas como observadores; como “atores-dramaturgos”, produziram seus próprios concursos de beleza, sempre associados aos modos e vestimentas, e classificavam as “candidatas” segundo critérios que incluíam a desenvoltura na passarela (andar, gestos e adequação da vestimenta).

Nos primeiros anos, todavia, eram fortemente influenciados pelos concursos oficiais, e as candidatas proclamavam em sua inscrição os estados que defendiam (miss Pernambuco, miss Guanabara etc.) ou se apresentavam como representantes de algum clube.

Os organizadores estruturavam esses concursos em torno de dois tipos: “em travesti” e “gay” (como “terceiro sexo”), relacionados, o primeiro, à vestimenta feminina e aos aparatos de maquiagem (Miss luxo, Miss elegância, por exemplo), o segundo, à trajes masculinos, valorizando a elegância cotidiana das “bichas” (Miss Praiana, Concurso de camisa, entre outros).

Esta distinção torna-se importante em nossa análise por trazer à tona o que eles entendiam como travesti, visão, aliás, bastante diversa da que temos hoje. Para a rede, o travestismo não traz componente identitário, seus elementos não se consideravam nem se nomeavam travestis, nem mesmo quando paramentados com vestimentas femininas (“montadas”), como ilustram estes relatos: “Tratando-se de um desfile ‘GAY’ e não em travesti, apareceram algumas delas, totalmente depiladas e maquiadas”; “recorreu a traje feminino, o que como outras candidatas, quebrou um pouco a ética do desfile”.¹¹⁰

Havia, como podemos observar, forte crítica aos participantes que “confundiam” os dois estilos de concurso. As “bichas” que se maquiavam como mulheres, se depilavam e vestiam-se em trajes femininos para o concurso “gay” eram desclassificadas.

Na comunidade então se expressava a atividade de se travestir com as expressões “*meu travesti*”, “*seu travesti*”, “*em travesti*”, “o travesti *de*”, sinalizando um tipo de ação momentânea e pontual ou externa (uma incorporação): “Althea vai comprar sapato alto

¹⁰⁹ N.6, 1964.

¹¹⁰ *O Snob*, n.11, 1963.

para treinar em casa. Pois a mesma pretende *botar* travesti. Viva! Na Festa das Rosas”¹¹¹ [grifo meu].

Portanto, ao se travestirem, os sujeitos “incorporavam” personagens distintos deles mesmos. Segundo os relatos contidos de *O Snob*, não eram travestis; acreditavam que “tinham” um travesti. O travestismo, para a rede, era, portanto, uma ação pontual e não uma condição que lhes conferisse identidade.

A produção dos desfiles envolvia várias estratégias de arrecadação de dinheiro para a realização do concurso: leilões de objetos doados pelos participantes, jantares de organização, entre outros encontros. A própria organização produzia assunto durante meses, e tudo virava notícia em *O Snob*. As “bonecas” concorrentes tinham considerável despesa extra, incluindo produção das roupas de desfile, contratação de maquiladores e cabeleireiros, aluguel de perucas; o alto custo da produção para “elas”, era largamente compensado, pois as vencedoras eram destaques em várias edições do jornal, tendo até a possibilidade de ser capa; ademais como relata um participante da festa na qual ocorreu o certame de Miss Praiana, “não foi apenas um concurso de traje típico ou de plástica. Foi além de tudo isso um encontro de amigos, com bate-papo variados entre um *drink* e um cigarro”.¹¹² A solidariedade entre os membros, era ponto relevante desses eventos, com a afirmação de afinidades compartilháveis.

Em 1963 três concursos foram relatados em *O Snob*:¹¹³ Miss Traje Típico, Miss Inverno e Miss Elegância. Foi, aliás, justamente o desacordo quanto ao resultado do Miss Traje Típico que desencadeou a elaboração do primeiro número do jornal. Em 1964 foi organizado o Miss Snob e em 1966 o Miss Imprensa. Muitos concursos foram patrocinados pelos vários jornais “entendidos”, e até hoje existem concursos similares que são realizados sob o comando da Turma OK, reestruturada em 1984.

Em 1965 e 1966 a atividade continuava significativa para a interação no grupo e entre grupos, mas, como a dinâmica da rede mudou com a extinção de muitos grupos, a ascensão dos grupos regionais e o fortalecimento dos jornais, esses concursos passaram a vincular-se muito fortemente aos periódicos. Dessa maneira, as denominações das misses não mais se relacionavam às encontradas na sociedade maior, cujas candidatas representavam uma cidade ou estado do Brasil, mas privilegiaram suas próprias

¹¹¹ *O Snob*, n.15, 1963.

¹¹² *O Snob*, n.11, 1963.

¹¹³ *O Snob*, edição extra de julho de 1967.

designações, relacionadas, principalmente, à representação de seu jornal/grupo ou de um de seus setores (colunas).

Esses eventos arregimentavam pessoas para organizá-los e apoiá-los, desde a preparação até o desfile, sendo tudo isso motivo de reuniões e festas que ocorriam na casa de um dos participantes da rede (por exemplo, o concurso de Miss Snob de 1965 foi realizado na casa de um dos membros da Turma de Bento Ribeiro), embora organizadas e “patrocinadas” por *O Snob*. Os outros jornais agiam da mesma forma, cada qual produzindo seus concursos, por exemplo, Miss Subúrbio à Noite, Miss Fatos e Fofocas (BA) entre outros. Havia também os que congregavam todos os grupos como, Miss Imprensa, Miss Objetiva e Miss Inverno. Cada concurso tinha regras próprias; no Miss imprensa, por exemplo, cada candidata era escolhida por um jornal, que ela representava.

O título de Miss Snob era considerado a maior premiação que esse jornal concedia; seguia os moldes de sua linha editorial, sendo as candidatas indicadas pelas colunas (inclusive as regionais), representando-as no concurso. Momento em que se “esqueciam” as diferenças, era evento muito movimentado e prestigiado pela “comunidade entendida”, e restrito às “bichas; os “entendidos” participavam da organização ou/e no corpo de jurados, assim como alguns “bofes”.

A profusão dos concursos de misses realizados na rede era observada nas colunas do jornal; por exemplo, Gato Preto, em uma de suas séries bem-humoradas, relata a conspiração de algumas “bichas” sugerindo um “atentado” para acabar com determinado concurso, e a desistência do plano por saberem que Gilka, com suas “espiãs” que tudo lhe contam, jamais permitiria.

Isso não quer dizer que Gato Preto não apreciasse ou não prestigiasse esse tipo de manifestação, pelo contrário, era notícia de sua coluna, assim como indicava candidata e comentava em detalhes a atuação das concorrentes. Seu jornal, *Os Felinos*, fundado em 1967, também elegeia sua representante, que levava o nome do jornal a todos os eventos sociais em que tivesse presente.

Em 1967 contabilizei os seguintes concursos: Miss Snob e Miss Inverno (patrocinados pelo *O Snob*), Miss Subúrbio à Noite, Miss Fatos e Fofocas (BA), Miss Objetiva, Miss Imprensa (patrocinado pelos jornais), Miss Brasil¹¹⁴ (patrocinado por *O*

¹¹⁴ Único concurso que ainda referia nomeações de misses nos moldes da sociedade maior.

Mito e pelo grupo C-10), Miss Felinos, Favorita dos Pelicanos (eleita pelo grupo formado só por “entendidos”) e Miss Festival.¹¹⁵

Em 1967 e 1968 esses títulos são disputados de maneira ferrenha, com brigas entre jornais e fofocas atingindo suas representantes, o que paralelamente, porém, lhes confere grande prestígio na “comunidade”. As acusações variam, de manipulação a não legitimidade, em especial no Miss Imprensa, extremamente concorrido e comentado.

O surgimento de novos jornais em 1968 instaura outros concursos: Miss Centauro, Miss O Grupo, Miss Elegância (da Turma da Zona Norte) e Miss Passarela, realizado de improviso numa festa.

No último ano de existência de *O Snob* os concursos de misses perdem seu prestígio; o único comentário encontrado nos dois exemplares é sobre o Miss Bahia. A *persona* da *miss* deixa de representar o jornal e não tem mais força para propiciar uma sociabilidade festiva. Essa mudança radical vincula-se à força ideológica que projetaram as novas maneiras de expressar a homossexualidade.

3.2. Os prêmios de *Melhores do Ano*

Outro tipo de manifestação típica de classe média da época reproduzida pela rede foi a eleição de Os melhores do ano,¹¹⁶ que valorizava os modos e maneiras de sociabilidade dos grupos, atributos¹¹⁷ incentivados em seus componentes e que classifiquei em quatro blocos: (1) os que configuram exigências para as relações cotidianas; (2) os que diziam respeito à aparência, (3) aqueles voltados para a “caça” e (4) os referentas às situações festivas:

As “bichas” concorriam aos seguintes prêmios:

Bloco (1): Melhor amiga, Revelação de amiga, Mais simpática e Mais boneca.

Bloco (2): Mais fresca, Mais glamourosa, Mais elegante, Mais sofisticada e Mais bem despida.

¹¹⁵ Muitos participantes eram aficionados pelo Festival Internacional da Canção (FIC) realizado no Rio de Janeiro; montavam caravanas para assistir (torcer e vaiar) a seus cantores e músicas preferidos, e algumas colunas comentavam os festivais.

¹¹⁶ A primeira lista de *O Snob* é de 1963, mencionada em seus números 17 e 18. Antes os grupos realizavam Os melhores do mês.

¹¹⁷ Os atributos valorizados impulsionavam seus participantes a se aproximar (ou afastar-se) de um ideal e reafirmavam a diferença entre “bichas” e “bofes”, exprimindo-a em categorias semelhantes, mas separadas por gênero. As “bichas” concorrem aos prêmios no feminino reafirmando a sua oposição ao “bofe”.

Bloco (3): Mais perigosa, Mais pegadeira.

Bloco (4): Melhor *hostess*, Melhor dançarina e Melhor festa.

Os “bofes” concorriam aos seguintes:

Bloco (1): Melhor amigo, Revelação, Mais simpático, Mais entendido.

Bloco (2): Mais bonito, Mais elegante.

Bloco (4): Melhor dançarino.

As três mulheres (heterossexuais) que participavam da rede nesse ano foram contempladas com as seguintes distinções: Mais solicitada, Mais entendida e Mais jovial.

Essas categorias distribuídas por blocos indicam que as exigências quanto às relações cotidianas eram correlatas para “bichas” e “bofes” – de umas e outros demandavam-se predicados que contribuíssem para as ligações fraternais. Distinguiam-se, porém, de ser “boneca” ou “entendido” para que houvesse a possibilidade da criação de pares sexuais, e para estimular esse arranjo havia o “prêmio” de Casal do ano. Observei que não se “premiava” nenhuma atitude de “caçador” para os “bofes”. Exigências com relação à aparência eram muito maiores para as “bichas, assim como as relacionadas às festas, que incluíam os predicados de organização, sofisticação e elegância para receber os convidados; dos “bofes” esperava-se que se divertissem, dançassem e se mostrassem disponíveis. Mais duas distinções foram oferecidas por *O Snob* nesse ano: Personalidade do ano e Prêmio artístico.

Em 1964 atualizaram-se os valores difundidos pela rede, os atributos de “caçador” não são mais exigidos, e instituem-se as categorias o mais querido e a mais querida, fortalecendo o bloco de relações interpessoais, e os atributos que distinguem “bichas” e “bofes” continuam sendo os referentes à organização das festas e à aparência.

Instituiu-se o Prêmio Snobel de jornalismo, com as seguintes categorias: literatura, coluna social, coluna dos estados, coluna especializada e cronista revelação.

Todos esses concursos eram marcados por festas – uma verdadeira sociabilidade festiva, justificando a importância das anfitriãs que concorriam ao prêmio de Melhor *hostess* –, que eram produzidas em “segredo”, com cuidado para não infringir as normas de suscetibilidade dos “normais”. Verdadeiras estratégias de invisibilidade e “manipulação identitária” eram postas à prova: deviam chegar ao prédio em que a festa ocorreria com “comportamento adequado”, que não deixasse transparecer, para o porteiro e vizinhos, a identidade homossexual e, muito menos, o tipo de evento que iria acontecer. Não

poderiam, portanto, entrar “montadas”, devendo nos dias anteriores ou bem antes da festa levar as roupas de *seu* travesti. Exigia-se o controle de suas atuações; as manifestações “bichais” deveriam ser “encobertas” diante do “outro” e exacerbadas na “comunidade”, o que, aliás, era exigido em outras ocasiões; cito um exemplo em que esse “controle de informação” dos atributos identitários não foram respeitados, tendo sido devidamente repreendido, não pela comunidade externa, mas por um dos envolvidos na interação e assim noticiado: “Mirabel foi no aniversário da minha prima e lá chegando deu de cantar o hino das misses,¹¹⁸ chamando Carlos de Carlota e eu de Edméa. Toma jeito querida.”¹¹⁹

Outra estratégia empreendida no *Chateau de Ville* foi cooptar o síndico e sua mulher, convidando-os para as festas e para participar do júri de alguns concursos,¹²⁰ bem como lhes atribuindo depois o prêmio de Personalidade do ano.

Assim, a organização dos concursos e sua realização exemplificam como tomaram a regência de suas atuações dos roteiros preestabelecidos pela sociedade maior, desenvolvendo novas atuações e novo “panorama cultural”.

Em 1965 *O Snob*,¹²¹ como parte de sua política de aproximação e congregação de vários grupos, promove o Snobel-ZN e distribui menção honrosa a pessoas ou instituições que produziram manifestações de interesses dos grupos, o jornal *Fotos e fofocas* (BA) e o líder da Turma de Bento Ribeiro, entre outros. Nesse ano também institui o Snobel de literatura e o I Concurso de Contos.

Nas premiações de 1966 houve esvaziamento das categorias que contemplam os “bofes” – justamente quando se consolida a participação dos “entendidos” na rede. As seguintes categorias foram contempladas nesse ano: Melhor amiga, Melhor amigo, A benemérita, A mais simpática, O mais simpático, A mais Snob, A personalidade (fem.), A personalidade (masc.), A mais elegante, A Hostess, A revelação artística, A mais bem despida, A mais comentada, A mais sofisticada, O melhor casal. Benemérita seria a pessoa que se destaca pela ajuda material para a produção do jornal.

¹¹⁸ Música de abertura dos concursos de misses.

¹¹⁹ *O Snob*, n.9, 1963.

¹²⁰ Com dificuldades de continuar a abrigar festas em seu apartamento no Catete, o *Chateau de Ville*, por causa das reclamações dos vizinhos, Edméa estabelece relação de amizade com o síndico e sua mulher, que advoga junto ao condomínio em favor das festas.

¹²¹ N.2, 1966.

Nos prêmios de jornalismo em 1966, o Snobel contemplou as seguintes categorias: Snobel de literatura, Destaque na Imprensa Entendida, Melhor colunista social, Melhor coluna de fofocas, Melhor coluna dos Estados e Revelação literária.

No ano seguinte o fortalecimento dos jornais, destacando-se *O Snob*,¹²² dá ênfase aos prêmios literários: Snobel de Literatura, Melhor crônica, Melhor reportagem, Revelação colunista, Melhor coluna, Melhor coluna estadual, Melhor coluna de outro jornal, Melhor poesia, Destaque na imprensa entendida e Melhor jornal entendido.

Dessa maneira o Grupo Snob tenta a aproximação com os jornais do Rio de Janeiro, bem como fortalece sua aliança com os colunistas de outros estados, além de prestigiar também seus colunistas; ao prêmio de Melhor jornal entendido, entretanto, para evitar polêmica, *O Snob* não concorre, posto que era seu promotor.

Nesse ano instituem-se novas regras para a escolha dos candidatos. “Para se ganhar estatueta¹²³ no fim do ano, uma comissão elege os melhores. Este ano, faremos a eleição nos moldes do Oscar. Será distribuída uma cartela aos colunistas, repórteres, representante nos estados, que fará de 1 a 3 indicações dos melhores do ano em cada categoria”.¹²⁴ E, assim, os três elementos mais indicados concorreram aos prêmios de Melhor amiga, Melhor amigo, Revelação de amiga, Mais simpático, Mais simpática, mais elegante (M) e (F), A mais sofisticada, A mais bem despida, A melhor Hostess, Personalidade (M) e (F), A mais comentada, Popularidade, A benemérita, O prêmio artístico e O melhor casal.

Voltam a ser privilegiadas as categorias masculinas, e outras duas se incorporam A mais comentada, e popularidade; não por acaso, é a força do jornal que divulga e dá fama a alguns componentes, o que gerou, ainda que não intencionalmente, uma disputa por prestígio entre os participantes dos vários jornais, assim como entre os periódicos propriamente.

Em 1968 a produção de um filme (amador) reeditando texto já encenado (1964) como peça teatral – dirigido por Gato Preto e interpretado por componentes do grupo –, *Se os homens jogassem cartas como as mulheres*, provoca grande repercussão e movimentação a rede, dando margem à instituição do prêmio de Melhor “atriz”.

¹²² N.13, 1967.

¹²³ “Só um ano antes do aparecimento do jornal [1963] foi instituída a Vênus de Milo como símbolo da turma e posteriormente do jornal” (*O Snob*, n.4, 1967).

¹²⁴ *O Snob*, n.4, 1967.

A comparação das categorias usadas de 1964 até 1968, aponta algumas diferenças: a dança, que fora privilegiada nos dois primeiros anos, não aparece a partir de 1965; as várias categorias relativas à aparência não mudam para as “bichas”, mantendo-se para os “bofes e entendidos” no aspecto elegância. De 1965 em diante, as categorias “boneca” e “entendido” não são mais requisitos para as relações cotidianas, permanecendo a amizade e simpatia. Entre 1966 e 1967, o grande diferencial consistiu nas categorias ligadas ao que considere como reflexo da situação de “prestígio” que os prêmios promoviam – passa-se a valorizar e premiar a Mais popular e A mais comentada, escolhidas entre aquelas que se destacavam como notícia nos jornais; “bofes” e “entendidos” não eram prestigiados nessas categorias.

A cada ano pequenas novidades dão nova cor aos prêmios. É importante lembrar que em 1965 entraram novos personagens que não se identificam com os arranjos sociosexuais promovido pela rede, e, em meio a algumas celeumas, eles são categorizados na ala masculina. Em 1969 desmonta-se o jornal e não há os Melhores do ano de *O Snob*, que ainda divulga os resultados dos concursos do ano anterior, e outros prêmios são estabelecidos pela rede.

3.3. Cultura, lazer e pontos de encontros

Além dos domicílios, outros espaços foram conquistados por esses sujeitos. O cinema e o teatro eram fontes de lazer e cultura, o primeiro tanto como diversão quanto como local de “paquera”. Vários relatos são encontrados em *O Snob* sobre filmes, na forma de comentários ou brincadeiras com o nome do filme, relacionando-o a características dos membros da rede ou situação que estivessem vivendo.

Alguns participantes realizavam atividades amadoras ligadas à dança e ao teatro. Sendo a festa em domicílio seu “lema”, o teatro também era levado para lá. As paródias que faziam com as peças em cartaz na cidade, as peças da autoria de um dos participantes e *pocket shows* originais eram motivos de encontros festivos que tinha como ponto culminante a encenação da manifestação artística. Duas peças foram destaque: *My fair bicha* e *Se os homens jogassem cartas como as mulheres*.

Essas incursões demandavam mais reuniões e mais contato entre eles, gerando uma ciranda social que fortalecia suas relações, através de afinidades eletivas.

Além das festas e incursões culturais, outro tipo de atividade os mobilizava: a “pegação”. No entanto, as ações promovidas na “pegação”, além de prazer e diversão, também traziam consequências adversas, como chantagem e roubo. Foram registrados roubos envolvendo alguns participantes da rede. Os principais locais relatados foram cinemas (Cineac, Iris, São José, Marrocos, Presidente, Capitólio e Rex), Cinelândia, banheiro da Central do Brasil, aterro da Glória, Buraco da Maysa, Aeroporto e Capelinha.

Encontro com os “bofes”, entretanto, não necessariamente aconteciam em locais de “pegação” ou domicílios. Locais públicos como a praia ou o *foyer* dos cinemas, ou mesmo as salas de projeção, promoviam situações propícias à “paquera” mais velada.

Agildo¹²⁵ revela que foi assediado por um belo rapaz no *foyer* do cinema; alegando timidez, foi para a sala de projeção, e o rapaz continuou investindo. Jair¹²⁶ relata as “paqueras” que aconteciam no cinema, o burburinho que acontecia na entrada e os olhares que trocavam, revelando que uma de suas relações mais duradouras foi estabelecida no cinema.

No carnaval as atividades “bichais” são mais solicitadas pela sociedade geral. Os bailes à fantasia e a organização de eventos carnavalescos costumavam demandar alguns dos predicados “bichais”. No Rio de Janeiro, caravanas de “bichas” brincavam na festa momesca. Os bailes no Cinema São José e no Teatro República eram o ápice da “pegação”, em que “todos” se encontravam, os do Teatro João Caetano destinavam-se aos mais “endinheirados”. Para a rede era momento de grande euforia, e seus componentes se envolviam com as fantasias e programavam-se para os bailes e para as possibilidades de encontros sexuais. Ali encontravam novos “bofes” e se divertiam fora dos domicílios.

A praia era outro espaço privilegiado pelos grupos, que se encontravam em ponto específico da praia de Copacabana, denominado “bolsa de valores”, onde avaliavam os “bofes” e se divertiam em local, literalmente, aberto. Nem sempre, porém: “Tínhamos muitos problemas com os bofes; eu e Farah e um amigo, passeando pela Atlântica, às vezes éramos recebidos com laranjas podres que os bofes jogavam. Íamos embora, mas éramos persistentes; passava um dia, e lá estávamos de volta; éramos perseverantes.”¹²⁷ Identifico na primeira sentença uma justificativa para o coletivo que construíram e na segunda os conflitos existentes entre eles e os bofes (objeto de desejo ao mesmo tempo agressor), e a

¹²⁵ Entrevista filmada de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 12/09/2009.

¹²⁶ Entrevista de Jair ao autor. Rio de Janeiro, 23/11/2009.

¹²⁷ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 29/07/2007.

persistência como característica que moldou o caráter dos primeiros participantes. Também a praia de Icaraí, em Niterói, torna-se ponto de encontro de um pequeno grupo.

Com o passar dos anos novos espaços fora dos domicílios são conquistados, como o Alfredão, a Boate Cangaceiro e o Café Amarelinho na Cinelândia, que no carnaval, entretanto, se ampliam sobremaneira: a Praça XI, o Cine colonial, os bailes do Quitandinha, o Teatro Recreio, o Elite Club, o Club Cassino de Bangu. Quanto às “pegações”, o Cine Rio Branco, as ruas dos Ministérios e o banheiro das barcas Rio-Niterói são outros locais apontados como propícios a engates sexuais fortuitos.

Nos anos subsequentes alguns lugares foram noticiados em *O Snob*, como as boates Sun-set e L'École; os pontos de “pegação” são cada vez menos divulgados na linha editorial implementada a partir de 1968; apenas dois comentários foram observados, relatando a Central do Brasil, o Campo de Santana e a Cinelândia –, esta última na realidade servia também para encontros de amigos e de “casos”: “A avenida Central, Teatro Municipal e tantos outros lugares que tantas oportunidades oferecem aos entendidos de traçarem novos conhecimentos, adquirirem novas amizades, as vezes para um programa apenas ou para realizar um caso”.

Em 1968 Gato Preto começa a filmar *Se os homens jogassem cartas como as mulheres*, curta-metragem de 15 minutos que gerou reuniões e conversas durante vários meses. Com equipamento precário, ele se dispôs a divertir e movimentar as pessoas do Grupo Snob que, segundo seu relato, andava sem reuniões. Terminadas as filmagens, houve apresentação para os vários grupos da rede. Com a promessa de novas filmagens, solicitava que mandassem roteiros, mas que evitassem “escrever cenas amorosas entre homens, pois o filme é revelado em laboratórios ignorados”. Mais uma vez percebem-se as restrições que os envolviam, sendo a “dissimulação” a estratégia de que dispunham.

No último ano do jornal há relatos discordantes sobre as festas, que continuaram sendo realizadas; as de misses deixaram de ser prestigiadas e, se ocorreram, não foram relatadas pelo *O Snob*.

Um novo empreendimento, entretanto, foi produzido por Agildo Guimarães, que aluga uma casa nas imediações de Petrópolis e cria uma espécie de “clubes social gay”, arregimentando associados que dividiam as despesas e iam aos finais de semana ou produziam festas, o Shangri-lá, mais um local de sociabilidade festiva.

Simultaneamente às menções a várias festas, um antigo participante, em tom saudosista, expressa sua insatisfação com as que vinham ocorrendo na Abig e no Shangri-lá. Ao que parece, a reunião domiciliar que os participantes da rede produziram nos primeiros anos, inicialmente patrocinada pelas antigas turmas e depois pelos jornais/grupo, foram substituídas pelas que contavam com a chancela dessas duas “instituições”.

3.4. As conexões regionais: as viagens

A rede formada na cidade do Rio de Janeiro interagiu com diversas outras existentes no interior do estado e em vários estados do Brasil, que, através da circulação de exemplares de *O Snob*, trocavam informações acerca de suas viagens e hospedagens.

*O Snob*¹²⁸ noticia o Departamento de Turismo de Entendido (DTE) para levar as “bichas” a cidades vizinhas ao Rio de Janeiro – as duas “caravanas” descritas foram empreendidas para Juiz de Fora e Barra do Piráí.

Por sua vez, um dos grupos participantes da rede, a Turma OK, noticia no final de 1964 uma “agência especializada para turistas entendidos (dos 4 sexos)” estimulando que “entendidos” de outros estados visitem a cidade do Rio de Janeiro. Essa experiência foi compartilhada com *O Snob* através de anúncios que promovem a vinda de turistas “entendidos” para o Rio de Janeiro durante os festejos do IV Centenário. O grupo carioca se propôs a ciceronear os visitantes, estabelecendo os locais a serem visitados, promovendo *tour* “entendido”.¹²⁹

Eram rotineiras as viagens a Juiz de Fora e às capitais do Nordeste, ocasiões em que os participantes da rede entravam em contato com os grupos “homossexuais” locais, informando e sendo informados sobre espaços e a situação das “bichas” no cenário nacional.

O Grupo Real, de Juiz de Fora, tinha forte interação com os grupos do Rio de Janeiro; frequentavam-se com regularidade e recebiam com atenção. Os visitantes tinham oportunidade de estabelecer e fortalecer amizades com “bichas”, e também havia trocas sexuais com os “bofes” da região. Os relatos de *O Snob* a respeito não apontam diferenças significativas nas relações de “bicha” e “bofe” nas duas cidades: as “bichas” eram passivas

¹²⁸ N.1, 1964.

¹²⁹ *O Snob*, n.19, 1964.

e delicadas, e os “bofes” ativos e viris, aquelas articulando os encontros, estes circulando a sua volta.

Em Juiz de Fora havia um local exclusivo para os encontros, o Banzai, fechado em 1964; logo depois, todavia, outros dois se instalaram na região, sendo um deles o Bar do Anastácio.¹³⁰

O Nordeste também era destino para essas viagens de reconhecimento e divulgação, que, de maneira geral, se sobrepunham ao caráter de visitas familiares, de respiro saudoso. Alguns não voltavam, estabelecendo-se geralmente na capital de seu estado. Aponto como hipótese que esse retorno dos “exilados” só se faz possível devido ao aprendizado adquirido na rede, pois, com a afirmação e aceitação de sua identidade, tornam-se mais fortes, mais articulados e mais aptos para enfrentar as agruras de uma cidade menor. Conseguem, então, quando necessário, manipular de maneira mais eficiente sua identidade num ambiente mais repressivo e caminhar nesse cenário de modo mais consciente, usufruindo suas possibilidades e também criando articulações semelhantes às que os ajudaram a se estabelecer na cidade de “exílio”.

Essas viagens possibilitaram que vários grupos de outras cidades do Brasil entrassem em contato com experiências de sociabilidade realizadas no Rio de Janeiro. Essa articulação culminou com a absorção de representantes desses grupos na rede carioca através dos espaços aberto a eles em *O Snob*, na forma de colunas (fixas ou esporádicas) que passaram a assinar e, usando o jargão jornalístico, chamavam de “agências”. Essas colunas “regionais” noticiavam as atividades sociais de sua cidade e os intercâmbios que mantinham com os componentes do Rio de Janeiro, dinâmica que foi intensificada a partir de 1967, propiciando interações que, além das trocas de informações e interesses, possibilitaram a visibilidade desses grupos mais oprimidos das cidades menores e com menos oportunidades de negociação com a sociedade maior. De certa maneira, as viagens constituíram uma unidade de representação e ampliaram as oportunidades de sociabilidade entre grupos separados por consideráveis distâncias geográficas.

As viagens internacionais incluíam Argentina e Estados Unidos; poucos, porém, delas participavam, não passando de uma dúzia; mas todos compartilhavam, através do jornal, com toda a rede, informações sobre a vida homoerótica nas cidades desses países.

¹³⁰ *O Snob*, n.4, 1964.

Buenos Aires foi relatada como cidade propiciadora de cultura e diversão noturna, e de aproximação a amigos. Segundo Agildo Guimarães,¹³¹ os “homossexuais” portenhos sofriam forte perseguição, e “algumas bichas [...] vinham pro Rio só para transar”.

Viagem muito comentada foi a de Carla Miranda (CM) que, depois de rápida passagem por Nova York, se estabeleceu em Chicago por um ano. Em seu relato, compara a vida nessas cidades com a do Rio de Janeiro. A carta aberta endereçada a Agildo Guimarães e publicada em *O Snob*¹³² contém informações sobre outro tipo de cenário homoerótico.

CM de maneira perspicaz faz um relato de viagem apontando as diferenças entre os homossexuais da rede e dos lugares que frequentou em Nova York e, principalmente, Chicago. Vale a pena transcrevê-la:

De início, contarei sobre a vida “gay” nos States.

Em Nova York não pude conhecer bastante. Fui a um bar discretamente entendido. Sentados no balcão, começam com trocas de olhares, sorrisos e posteriormente passam a conversar, surgindo ou não, convite a saírem juntos. Sobre Nova York, realmente, pouco tenho a falar. Tudo muito discreto e sem pinta. Vi muitas pintosas na rua, como as nossas bonecas da Cinelandia.

De Chicago sim, tenho alguma coisa que contar. Nas ruas tudo é muito discreto mas nos bares entendidos elas fervilham. O local mais entendido é a Zona Norte, que corresponde a nossa Copacabana, pois é o lado da praia. Estive em um desses bares; um imenso balcão oval ao qual se sentam e ficam a olhar quem se encontra no lado oposto; surgem as trocas de olhares e consequentes abordagens; parece um jogo de xadrez, aquelas trocas de lugares, de um lado para o outro; pode-se escolher a vontade, existem para todos os gostos; a Zozô aqui estaria satisfeita, pois os “senhores” abundam; alguns são rápidos e, após 10 minutos de permanência saem acompanhados; outros preferem bater longos papos; a maior parte não dá pinta, pois, a simples presença ali já diz que ele é “gay”; vi algumas pintosíssimas [ilegível] como vamps e lançando olhares fatais; não vi uma mulher sequer, durante todo o tempo que estive lá. Sai acompanhado, no grupo em que éramos seis e fomos para o apartamento de um deles. O entendido americano não tem complexos, fazem tudo; dançamos e bebemos até as cinco da manhã. Em intervalos de danças e bebidas, “acontecíamos”. Adaptei-me bem; gostei e agradei (modéstia à parte).

Creio que não me casarei; o americano não é de fazer caso; não conseguem ser fieis ou, pelo menos, não desejam sê-lo.

Aqui não se deve ser pintosa (mulher), é anti-producente. Conforme já disse, o “gay” americano faz de tudo e é completamente extrovertido.

Na cidade existe 2 cinemas de pegação, como o nosso Odeon. Como sempre nada de pinta. Eles se conhecem pelo olhar. Você está sentado e, vê um homem imenso e lindo entrar e lhe olhar; senta-se a seu lado e pouco depois está [ilegível].

Existe esquinas em que você sabe existir “gays” parados esperando pegação (principalmente na “Norte side”). Aqui são audaciosos. Passou, olhou, encarou, aproximou, falou, pegou, levou. Em questão de beleza, deixam a desejar. São interessantes, simpáticos, algum detalhe de beleza. O essencial é que sejam realmente “gays” (nisto consiste o sucesso).

¹³¹ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro, 09/02/2008.

¹³² N.6, 1964.

Espero ter conseguido dar-lhe uma noção da vida “gay” nos States [...]. Lady Carla Miranda.

Se antes a palavra *gay* era usada com parcimônia para diferenciar essa categoria do travestismo, em edição posterior à carta, ela será mais empregada para descrever a “sociedade bichal”; no entanto, continuava-se a fazer dela uso diferente do apreendido por CM nos EUA; aqui ainda se refletia sobre o “terceiro sexo”, designado de maneira não reflexiva pelo termo *gay*, como se ninguém tivesse lido a carta de CM.

A percepção de um colunista sobre as diferenças que CM aponta entre a vida *gay* no Brasil e nos EUA é “sublimada”: CM sinaliza diferenças no comportamento referente à dicotomia “bicha/bofe”, e o colunista as lê como semelhantes, apesar de o depoimento expressar que os americanos fazem “tudo” sem complexo. O tudo é justamente o que os diferencia do comportamento de grande parte dos componentes dos grupos em análise.

Nos relatos percebo a dificuldade da rede em refletir sobre a identidade *gay* produzida nos EUA, não conseguindo, então, perceber a diferença entre um homem *gay*, que procurava outro semelhante, sem muita “pinta” (afeminamento), e uma “bicha”; devo apontar, porém, que na cidade do Rio de Janeiro já existiam sujeitos que atuavam de maneira semelhante aos encontrados em Chicago, sujeitos que a rede classificava como “bicha-enrustida” ou “falso-bofe”.

A nova maneira de se expor colocava em xeque toda a construção empreendida pela “comunidade bichal” do Rio de Janeiro, todo seu esforço de legitimação de uma identidade naturalizada que fundia as categorias gênero e sexo. Toda a arquitetura com base no “estigma do passivo” seria questionada com a aceitação da “identidade *gay*”. E foi o que aconteceu, mais fortemente depois da manifestação de uma parcela da rede, a partir de 1965, reivindicando nova classificação das relações empreendidas entre dois homens, que não passasse pela dicotomia “bicha/bofe”. Os componentes dessa parcela queriam ver-se representados como homens masculinos, o que a rede traduzia como “entendido passado a ferro”.

A “nova” identidade exigia que abdicassem de seus ideais homoeróticos que culminava com a ideia do “terceiro sexo”. Essa mudança de atitudes (e, conseqüentemente, identitária) requeria, porém, mudanças no “sistema de instrução sobre a conduta”, que grande parte da rede preferia preservar.

Recapitulando, com a nova dinâmica das conformações dos grupos substituindo as turmas formadas nos anos 50 e consolidadas no início dos 60, a partir de 1965-1966 cada jornal tinha seu “clã”,¹³³ que se envolvia nas atividades internas ao grupo e convivia – festivamente e/ou como adversários – com os demais. O intercâmbio entre grupos de diferentes regiões muito se fortaleceu com as trocas de artigos que seus respectivos colonistas faziam com *O Snob*.

Essa colaboração jornalística possibilitou uma aproximação que transcendia o espaço geográfico, o estreitamento de laços sem necessidade de conhecimento físico e, o mais importante, abriu oportunidades de se visitarem na condição de amigos sem nunca se terem visto. Nas viagens nacionais empreendidas a partir de 1965 eram recebidos por esses grupos de amigos que os ciceroneavam nas manhas “entendidas” de cada região. Assim como recebiam muitos desses no Rio de Janeiro. O relacionamento dos membros do Rio e da Bahia foi intenso, com visitas recíprocas. Barra do Pirai e Juiz de Fora mantiveram-se locais de aproximação amigáveis e oportunidades de encontros sexuais.

As viagens internacionais continuaram abrangendo poucos participantes da rede e produzindo poucos relatos da vida *gay* nesses lugares, pelo menos no jornal. Canadá e França foram destinos de dois componentes do Grupo Snob. Outros dois foram para Nova York a trabalho e lá se estabeleceram, um se adaptando bem e aproveitando os locais e as oportunidades do Greenwich Village, o outro, sem se acostumar com o novo ambiente, limitando-se a ir de casa para o trabalho. De volta ao Brasil para férias, retomam contato com o grupo. Nenhuma destas viagens internacionais, no entanto, teve o impacto daquela que Ceeme (Carlos Miranda) relatou.

¹³³ Conforme eles às vezes denominavam o conjunto dos componentes que se aglutinavam em torno do jornal.

CAPÍTULO 4

OS CASOS DESVIANTES: O “DESVIO” NO “DESVIO”

O “desvio” sempre nos remete à imagem do caminho “certo” que alguém não seguiu, do qual se “desviou” e ao qual deve voltar. Aqui, porém, essa imagem não terá vez. O “desvio” pode marcar o início de um novo caminho que eventualmente se transforme no “certo”, do qual alguns hão de desviar-se novamente, produzindo consecutivas construções sociais de novos “caminhos” identitários. No caso em estudo os indivíduos trilham caminhos ligados à sexualidade que os alocam em diferentes “escaninhos” identitários histórica e culturalmente construídos.

Segundo Gagnon (2006), na luta para dar novos significados a uma ação, geram-se conflitos entre os significados antigos (ou atuantes) e os que estão sendo gerados; esses conflitos são propiciados pela inconformidade entre a ação empreendida e o cenário cultural. Por fim, criam-se novas combinações tanto culturais quanto interacionais, mais ou menos radicalizadas.

As pessoas dos grupos em estudo viam-se diante de mudanças tanto internas quanto externas, relativas a comportamentos não condizentes com os roteiros preestabelecidos, que só aceitavam os atores em papéis estáveis e “essencializados” na dicotomia “bicha/bofe”, e à percepção de formas emergentes de atuação homoerótica. A rede buscava desprestigiar esses tipos de atuação reprimindo os “de casa”, ignorando e criticando as outras maneiras de expressar-se homossexualmente, acusando seus “opositores” de “falsos”, “enganadores” ou “enrustidos”.

Minha perspectiva é observar os “novos desviantes” como sujeitos que ao caminhar constroem um caminho, cujo roteiro vão ajustando na trajetória. Com intuito de analisar essas mudanças, realizadas em passado recente, procuro perceber alguns pontos de inclinação que colaboraram para a construção do novo cenário cultural, de novos roteiros sexuais, que são influenciados e influenciam novas condutas sexuais. Para isso, acredito ser importante destacar a disputa pela hegemonia de representação identitária que se travou dentro dos grupos.

Os “desviantes”, da própria rede, são tratados com escárnio e duplamente desacreditados (interna e externamente). Os casos, ainda que pontuais, ocorridos em 1963 e 1964 revelam as primeiras manifestações de oposição ao modo de vida que a rede preconiza. A partir de 1965 as condutas “desviantes” não mais serão pontuais, e haverá

confronto contínuo e direto entre alguns participantes da rede que não seguem as condutas sexuais dominantes e os que querem conservar o *status quo*.

4.1. Zezé: “bicha” virar “bofe” não pode! E “bicha” com “bicha” pode?

O primeiro caso de discordância de representação relatado em *O Snob*¹³⁴ aconteceu com um dos participantes mais assíduos da rede, que “desviou” do roteiro de identidade estabelecido na interação.

Zezé, “bicha” de Juiz de Fora que participava intensamente das festas e encontros promovidos no Rio de Janeiro, resolve casar com uma mulher. A rede em contraposição a essa atitude, solta notas no jornal, em tom de fofoca, sobre sua atuação. “Dizem que Zezé deixou de ser boneca e que agora vai casar com um tapete.”

O cenário cultural em que se insere a rede conforma as identidades sexuais de maneira a “essencializá-las”, sendo essas ofertadas ao grupo associadas a papéis de gênero diferentes para cada sexo, de maneira universalizante. A rede apreendia essa divisão e a retrabalhava; a homem correspondia o “bofe” e, na categoria mulher, inseria as “bichas” na subdivisão “terceiro sexo”, posto que pertenciam ao campo feminino. Essa transposição se dá via “inversão de gênero”: um macho que traz em sua constituição os predicados “próprios” do feminino deixa de ser homem e passa a ser “mulher”.

Dessa maneira, tendo assumido uma identidade no campo feminino, o sujeito estaria preso e só poderia tornar-se “bofe” como farsa ou, ironicamente, manter-se “bicha-mulher” casando-se com uma “lésbica”, aquela que gosta de mulher. À época, segundo Agildo Guimarães¹³⁵ nos informa, “tapete” era a designação usada para lésbicas.

Essas zombarias ou “brincadeiras” demonstram como estava enraizada uma concepção identitária rígida e calcada na natureza (essencializada), pois, no discurso de gênero e sexo indissociáveis, só um ser com propriedades masculinas (ainda que no corpo de uma mulher) poderia interessar e ser interessante para outra “mulher” (a “bicha”).

A questão cercava-se de tanta ironia, que só era concebível como identidade falsa (desacreditada), visto que, desvelado o “bastidor”¹³⁶ (Goffman, 1999), apresentava

¹³⁴ N.13, 1963.

¹³⁵ Entrevista de Agildo Guimarães ao autor. Rio de Janeiro, 29/07/2009.

¹³⁶ Para Goffman (1999), são as interações sociais que dão significados à atuação, e para que ela seja eficaz são necessários os atores, a plateia e o bastidor, bem como que o ator tenha o controle sobre duas regiões de atividade: a cena (fachada) e o bastidor (fundo). Nessa metáfora teatral, as regiões de atividade devem ser

atuação não compatível com as informações prévias a respeito do sujeito. Zezé estava impossibilitada de controlar as informações que a rede tinha sobre o seu passado, e a rede tratou seu caso com total descrédito e ironia. Em *O Snob*,¹³⁷ o “Sr Zezé (que agora é bofe)” tornou-se motivo de escárnio, sendo sua decisão assim noticiada:

MUDANÇA DE SEXO – Apareceu com a chuva, a explosiva ex-Miss Juiz de Fora. Veio por questões financeiras e saudades também. Ela diz ser ele, agora. Ela, quero dizer ele, agora vai casar com tapete e tudo. Mas continua amando o ... Victor, seu ex-marido. Com essa mudança de sexo passa a ser chamado de “SEU ZEZÉ”. Cruzes... não entendo mais nada. É uma delícia...

A eficiência da estratégia utilizada para forçar a permanência de Zezé como “bicha” confirma a “irrevogabilidade” identitária da “bicha”, e tudo volta ao normal – “Zezé trouxe de Juiz de Fora um bofinho, como sempre, a tia¹³⁸ deu alteração e disseram que o bofe era malinha”¹³⁹ –, mas não por muito tempo; novas aventuras envolvem essa personagem.

Caso semelhante ocorre em 1964. Outro participante da rede também é “acusado” de “troca de sexo” e por esse motivo sai da rede, conforme noticiado no jornal.

Para a rede o problema identitário não se limita à “bicha” que “muda de sexo” para ser “bofe”, o que era considerado improvável. O mais complicado para adequação das condutas aos roteiros estabelecidos (em conjunto com a sociedade maior) é a “bicha” que se relaciona sexualmente com outra “bicha”. Se no primeiro caso a gozação leva o “desviante” a readaptar-se ou sair da rede a fim controlar as informações a seu respeito (numa “identidade desacreditável”), no segundo, o grau de virulência recriminatório é maior. Elas não só são acusadas de manter falsa identidade mas, também, de trair a “classe”, expondo todos ao ridículo.

Relato interessante acusa quatro “bichas” de serem “lésbicas”, pois fizeram sexo entre si – seguindo a lógica anterior, a “bicha-mulher” que faz sexo com “bicha-mulher” só

controladas pelos atores visando a manutenção das aparências e à credibilidade de suas atuações. O ator deve controlar a região de fundo para que ela não comprometa sua atuação, em cena, e sua plateia não pode ter acesso ao bastidor sob pena de comprometimento de sua reputação. “A reputação, diz Goffman, não se aloja no interior nem na superfície do indivíduo, mas está no curso da ação” (Joseph, 2000:43).

Assim, para que as mudanças de papéis não sejam desacreditadas é necessário também mudança da plateia ou seu convencimento, para que o ator permaneça dominando a impressão que deseja transmitir. Dessa forma, o sujeito “é isto e aquilo”, mas em situações distintas. É essa mudança que “complica o jogo social e impõe aos atores um mínimo de circunspeção dramática, é a necessidade de se expor e de compor em várias cenas e, portanto, de mudar de código” (Joseph, 2000:46).

¹³⁷ N.14, 1963.

¹³⁸ Muitas vezes a palavra *tia* significava “bicha” (geralmente envolve componente etário).

¹³⁹ *O Snob*, n.17, 1963.

pode ser classificada como “lésbica”, acusação que as exclui do grupo por “má conduta”, já que “corromperam” a ordem estabelecida. O caso foi notícia em *O Snob*¹⁴⁰ “quatro garotas do nosso grupo depois de levarem bolo dos garotos da Tijuca resolveram fazer um programa bi-homossexual. As lésbicas usaram instrumentos de corda e de sopro ... os meus sinceros pêames.”

Percebo, na citação, ironia diferente da anterior, finalizada com a expressão “ai que delícia”; essa vem carregada de desprezo e pesar (“meus sinceros pêames”), embora explique a situação, tal como a anterior, pelo viés da “inversão de gênero.” “Bicha” com “bicha” é igual a mulher com mulher, portanto, a conclusão irônica acusa um relacionamento “lésbico”.

Por essa lógica, o homem que tem alma de mulher ganha corporalidade de “mulher”, ou melhor, do “terceiro sexo”, que é fixado nos corpos (macho ou fêmea) a partir dos gêneros masculino e feminino. Estar no polo feminino implica a cristalização de uma identidade (supostamente fixa), posto que compreendida como produto da natureza. Portanto, a “bicha” que faz sexo com outra é “bi-homossexual”: faz sexo com “homem-bofe” e com “homem-bicha”.

Ainda que seja em tom de deboche, é interessante perceber nesses relatos que quando a mulher faz sexo com mulher, as duas mulheres são consideradas lésbicas. Mas, quando dois homens fazem sexo, não: um é “bicha”, o outro é “bofe”.

Voltando às “desventuras” de Zezé, ela foi envolvida, junto com outro participante da rede (BB), em outros “escândalos”. Foram acusados de frequentar sauna para homens que fazem sexo com homens. No sarcasmo habitual da rede isso era considerado um ambiente “lésbico”, e, assim, desprestigiava-se esse tipo de atuação. A notícia na coluna de fofoca foi a seguinte: “As lésbicas BB e Zezé comemoraram o feriado naquela sauna só pra homens.”¹⁴¹

Outra colunista declarou “BB que não é lésbica nem nada... sauna só pra homem...”,¹⁴² mostrando que não se esqueceu do episódio anterior de Zezé, a “lésbica” contumaz.

Outra ocorrência com essas duas personagens torna-se mais grave, posto que “elas” eram consideradas VIBs: “As lésbicas BB e Zezé comemoraram o feriado de

¹⁴⁰ N.4, 1964.

¹⁴¹ *O Snob*, n. 9, 1964.

¹⁴² *O Snob*, n.11, 1964.

independência no maior bunda lê lê”,¹⁴³ ou seja, tiveram envolvimento sexual, como o jornal comenta na edição seguinte. Segundo um colunista, BB ficou envergonhada a ponto de se afastar temporariamente da rede: “depois da cena de lesbianismo com Zezé em Juiz de Fora, BB sumiu”.¹⁴⁴

Observamos que Zezé e outros se envolvem em atuações, que, de novo, são contrárias aos roteiros sexuais preestabelecidos pela rede.

Na realidade, acredito, que tantos comentários desabonavam esses comportamentos porque eles punham em risco as condutas sexuais da rede, pois, se duas bichas podiam relacionar-se sexualmente, como se justificaria a dicotomia “bofe/bicha”? o “bofe” seria considerado “bicha”? Caso sim, seria a quebra de todo o roteiro que estabeleceram, ameaçando as estratégias de cerco aos “bofes”, além de pôr em risco todo o cenário cultural construído.

4.2. Jair: as três vidas de um “bofe”

Jair colaborou com *O Snob* com crônicas e poesias, e participou da rede de 1963 a 1965, atuando como “bofe”. Os relatos a seu respeito no jornal mantinham-no nesse espectro e deram-me poucas informações sobre sua trajetória dentro do grupo, a não ser como “ex da Gilka” e autor de poemas e contos. Cabe lembrar que as notícias giravam sobretudo em torno das “bichas”, e aquelas relacionadas aos “bofes” sempre, ou quase sempre, se referiam às parcerias que com as “bichas” estabeleciam. Foi, portanto, necessário entrevistá-lo para que informasse sua atuação na rede e sua trajetória de vida no período estudado.

Jair saiu do interior do estado do Rio de Janeiro e se estabeleceu provisoriamente em Caxias, em 1954. Mais estável financeiramente, rumou para a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro em 1956, em busca de anonimato e lugares em que pudesse viver “sua vida”, pois na cidade pequena não lhe era permitido “ser ele mesmo”.¹⁴⁵

[Logo que] vim para o Rio, comecei a conhecer, saía lá de Caxias nos fins de semana, vinha à praia em Copacabana, ao cinema em Copacabana ou no Centro da cidade. Aí começou, tive pequenas aventuras. Eu era muito reprimido, problema de autoaceitação.

¹⁴³ *O Snob*, n.12, 1964.

¹⁴⁴ *O Snob*, n.13, 1964.

¹⁴⁵ Entrevista de Jair ao autor. Rio de Janeiro, 23/11/2009.

Era complicado, não admitia de maneira alguma. Nessa época não passava pela minha cabeça ser homossexual passivo.

Ele relata que até os primeiros três anos de atividade homossexual mantinha relações com outros homens sempre na posição de “ativo”. O processo de aceitação de sua atração por outro homem foi lento e doloroso, e só consumado ao sair de sua cidade natal.

Em 1957 conhece um estrangeiro, iniciando um relacionamento e pela primeira vez se vê na posição de passivo. Para ele foi processo tão doloroso quanto o da aceitação de sua atração por homens. Mas, essa posição sexual passou a ser a de sua preferência. Buscava homens masculinos que o penetrassem, mas, diferentemente das “bichas” da rede, não abdica de postura masculina nos modos e maneiras, e considera essa passagem sua entrada no mundo *gay*.

Em 1963 conhece Agildo Guimarães no teatro e inicia um relacionamento afetivossexual. Segue o roteiro estabelecido pela rede, e, na condição de “bofe”, atua na posição sexual de “ativo” nas relações que manteve dentro da rede.

Sua vida, porém, não se limita à rede: continua percorrendo o circuito de “pegação”, aproveitando as oportunidades que a cidade proporciona, flanando anonimamente e usufruindo dos espaços clandestinos, longe não só de vizinhança, família e trabalho, mas, também da rede. Frequenta cinemas, a Cinelândia e faz passeios pelo Centro e por Copacabana em que tem oportunidade de encontros sexuais casuais.

Dessa maneira, o personagem tem total controle sobre as informações que deseja transmitir em cada cenário e “manipula”¹⁴⁶ sua identidade em três territórios distintos. Dentro da rede, “improvisa” atuação que se coaduna com as condutas esperadas pela rede – ele é o “bofe”, masculino e “ativo”.

Se na rede sua conduta sexual é “manipulada” de acordo com o que o ambiente exige de sua situação de “bofe”, na “pegação” (longe dos olhos vigilantes da rede) ele expande outras possibilidades de atuação.

Meu papel nesse grupo de amigos eu [...] era realmente bofe, eu atuava como bofe nesse grupo. O papel [de passivo] era mais secreto. Não assumia para esses amigos de jeito nenhum, embora assumisse para mim em aventuras paralelas, isso até que eu me desliguei do grupo.

¹⁴⁶ “sob a perspectiva do papel social onde, no caso de a segregação entre papel e audiência estar bem manipulada, ele poderá sustentar com bastante facilidade egos bem diversos e, até certo ponto, pretender que não é mais algo que já foi” (Goffman, 1988:73).

Fora da rede, nos espaços de sociabilidade homoerótica, ele busca parcerias opostas àquelas, conduta que irá configurar uma “identidade desacreditável” tanto para o ambiente da rede quanto no ambiente heterossexual. Além daqueles dois espaços, transitava por mais um, que envolvia a família e o trabalho, onde mais uma vez manipula sua identidade e improvisa sua atuação, conformando-a ao mundo heterossexual.

Ao ser perguntado sobre como classificaria sua atuação identitária utilizando as normas da época, ele pensa e responde: “bicha enrustida”.

Percebo que, embora atuando em vários papéis, o que poderia estabelecê-lo como sujeito detentor de identidade flexível, ele não fugia às determinações identitárias essencializadas da época. Conseguia escapar do comportamento feminino, mas ficava preso à atuação passiva e classificar-se, por isso, como “enrustido”, apreendido como aquele que se esconde numa figura masculina, mas cujo caráter é feminino. Não fugia completamente aos cenários sexuais da época, nos quais passivo equivalia a “bicha”.

Quando questionado se algum outro “bofe” na rede estava em situação igual a sua, responde que a maioria não, diferenciando os que faziam sexo “por gosto”, provavelmente tendo algum componente homossexual, dos que faziam pelos “favores”, enquadrando-os como “heterossexuais condescendentes que ocasionalmente tinham relações com as bichas”, mas que, no fim, casavam com mulheres, sendo essas experiências homoeróticas coisas dos jovens da época.

Nesse período teve duas relações estáveis, além da que estabeleceu com Agildo; as duas com figuras masculinas e “ativas” sexualmente. Uma delas termina quando o parceiro “abre a guarda” e se deixa penetrar.

Engraçado como é que é a coisa. Quando os papéis [se inverteram], quando ele resolveu abrir a guarda para mim, perdi o interesse por ele, o caso não prosseguiu. Aquela imagem que eu criei dele [...], quando eu vi que não era exatamente aquilo, eu esfriei com ele.

A pessoa que eu gostava [...] quando os papéis se definiram de outra maneira daquela que eu tinha idealizado [...] ele macho, e eu a fêmea na cama, embora dois amigos normais.

Parece-me que sua luta contra suas “tendências” passivas só se apazigua quando, numa metáfora de guerra, há a deposição das armas e fica vulnerável à penetração do macho.

Ele, à época, assim como parte significativa da rede, só conseguia ver as duas possibilidades de atuação. No relacionamento tinha sempre que haver a “bicha” e o “bofe”, que, em seu caso, podia ser ora um, ora outro, porém não com o mesmo parceiro. A “versatilidade” de atuação sexual na mesma relação será conquista posterior (dele e de outros).

Como vemos, se as “bichas” da rede tinham duas vidas, esse novo personagem tinha três: “bofe” para a rede, heterossexual no trabalho e na família, e “bicha enrustida” em suas “pegações” fora da rede. Assim como ele, outros atores viviam sob pressão das “bichas” e da sociedade maior, como veremos a seguir.

4.3. O “conto do bofe”

As disputas identitárias não se limitavam às internas, produzidas pelos “desvios” de seus participantes e solucionadas na maioria das vezes pelo retorno do desviante aos papéis estabelecidos ou por sua saída da rede.

Havia grupos de indivíduos atomizados (um coletivo) que, embora compartilhando os espaços de sociabilidade homoeróticos, não seguiam os roteiros estabelecidos pela rede. Assim como o protagonista do último caso, parte significativa desse “coletivo” já não considerava indissociáveis sexo e gênero. Sua identidade homossexual não era totalmente vinculada à posição sexual (“ativo/passivo”) e a comportamentos femininos. Além dos “bofes”, eles estabeleciam relações sexuais também com outros “homossexuais”, de preferência aqueles que não abdicassem dos comportamentos ligados ao universo masculino, mas não necessariamente. Esses indivíduos não compartilhavam com os grupos em estudo as maneiras de expressar a homossexualidade, e isso gerava conflitos na rede.

Em festa na casa de um dos participantes da rede, vários “bofes”, para surpresa dos convidados, começaram a flertar entre si, deixando as “bichas” confusas e em estado de alerta. Não queriam ser “enganadas” e suspeitavam das atitudes desses indivíduos. Isso mostra que a postura desses homens era masculina o suficiente para que fossem confundidos, indicando que, diferente das “bichas”, não valorizavam os aspectos femininos que a rede prezava.

Outro “tipo” de homossexual energia e convivia com os modelos homoeróticos tradicionais de atuação. Para a rede, entretanto, não passavam de “falsos-bofes”, e o julgamento para enquadrá-los como “bicha” era feito *a posteriori*.

Essas novas encenações identitárias eram assim reportadas no jornal: “Boneca, bonequíssima, foi aquela loura que chegou no leilão. Falou-me a Edméa que fizeram um cacho, mas depois que ela descobriu a verdadeira identidade, desistiu”. No entanto, a postura inicial foi masculina suficiente para que Edméa, uma “bicha” experiente, se enganasse.

A “irritação” da rede era com o segredo que esses sujeitos faziam de sua identidade, o que enganava seus participantes e os expunha a situações fora dos padrões estabelecido, desmontando seus cenários e questionando a masculinidade dos “bofes” e a noção de “terceiro sexo”. Para desfazer essa situação, os defensores da tradição afeminavam seus oponentes: “tinham chegado uns rapazes. Que nada, querida! Tão lânguidos... tudo tão EP¹⁴⁷, na base do segredinho.”¹⁴⁸ Ainda assim, era difícil diferenciá-los dos “homens verdadeiros”, como indica esta paródia zodiacal: “SAGITÁRIO: Um broto nada ‘interesseiro’ se interessará por você. Poderá ser um *gentleman* ou uma *lady*. Desconfiamos que você cairá no famoso ‘conto do bofe’.”¹⁴⁹

Cair nesse “conto” significa que se pode estar saindo com um “igual”, tornando-se, portanto, em sua irônica definição uma “lésbica”.

Na realidade o que se inicia então é a disputa pela hegemonia de representação identitária, que os dois primeiros casos já apontavam. O “modelo hierárquico” (Fry, 1982) representado pela dicotomia “bicha/bofe” entra em confronto com o “modelo igualitário” (Fry, 1982), no qual ser “ativo” ou “passivo” não os diferencia, sendo ambos considerados homossexuais. Neste último modelo o papel de gênero é dissociado do sexo (macho/fêmea). Cada um desses modelos exige um tipo de cenário que privilegie um tipo de ação em detrimento de outros:

Nas sociedades complexas, esses cenários culturais da sexualidade não são monolíticos nem hegemônicos, nem mesmo dentro das instituições. Ao contrário, há uma luta constante entre grupos e indivíduos para promover seus próprios cenários. Alguns grupos e indivíduos são mais poderosos do que outros, mas nenhum indivíduo, grupo ou

¹⁴⁷ Provavelmente significa “entendido passado a ferro”.

¹⁴⁸ *O Snob*. n.13, 1963.

¹⁴⁹ *O Snob*. n.3, 1964.

instrumento detêm o controle completo dos cenários sexuais da maioria das sociedades do Ocidente. (Gagnon, 2006:224-25)

Os papéis que se exigem dos “homens que fazem sexo com homens” vêm mudando dentro dos grupos, mas, os cenários culturais vêm mudando também a partir das contestações cotidianas.

E os sujeitos que “fazem seu caminho no caminhar” dependem desse cenário, mas também podem contestá-lo (possibilitando mudanças), ainda que com disputas internas pela hegemonia de representação identitária.

O clima de disputa torna-se mais contundente do final de 1965 a 1969, em torno da questão das nomações no feminino, passando por forte conflito de representação identitária em que os atores não se dão por satisfeitos com a dicotomia “bicha/bofe” para classificá-los e de certa forma se encerrando com a ilustração de dois rapazes na última capa de *O Snob*, representação do novo tipo de configuração homoerótica.

4.4. Gato Preto: nem “bicha”, nem “bofe”

A trajetória de Hélio¹⁵⁰ exemplifica os embates de representação identitária e as pressões sofridas internamente com a afirmação de uma nova maneira de expressar-se sexualmente, diferente da “bicha” e do “bofe”.

O contato inicial de Hélio com a rede deu-se em festa promovida por Edméa em 1962, em que ele é visto como um “bofe” que busca a companhia de homens. Entra no Grupo Snob em 1965 como figura importante da redação, envolvendo-se em várias

¹⁵⁰ Uma bela descrição de Hélio e de sua condição é exposta por um dos participantes da Turma OK: “Faz três anos que nos conhecemos, uma noite longa de inverno, tranquila e constelada, sob o teto de um amigo comum. Um encontro de jovens inconformados, que *amavam de modo diferente*, que lutavam intimamente por um reconhecimento tácito de seu amor incompreendido, exprobrado pelo tradicionalismo moral e pelas convenções sociais. Muitos chegaram em companhia de amigos ou meros conhecidos; outros, com *aqueles que queriam bem*, que faziam parte inseparável de suas vidas; alguns, como eu, inteiramente sós” (*O Snob*, n.17, 1965). Em autodescrição informa: “Nasci em 27-4-1939; sou moreno; cabelos pretos e olhos castanhos; 1,70 de altura, vivo com meus pais e mais cinco irmãos; adoro morar em Niterói. Sou grande fã de teatro e cinema; quanto a música não tenho preferência por autores, mas por melodias avulsas; dou grande valor aos meus amigos e não ligo muito para sexo; sou carinhoso (dizem) e ciumento; tenho um sonho de visitar o Amazonas, a Bahia e Porto Alegre; Nathalia Timberg e Sergio Brito são os meus preferidos no teatro; no cinema há uma lista imensa de preferidos; adoro uma esticção feita com espírito (modelo Edméa); prefiro sofrer a ver alguém sofrendo por minha causa (não é masoquismo não). Dizem que aparento menos idade do que realmente tenho; se eu morasse sozinho, ninguém me veria pelas ruas (tenho tanta coisa bolada para fazer); acredito no “caso” eterno [e] luto por isso; acho a mentira necessária (quando se sabe empregá-la); tenho medo de morrer, mas não tenho da velhice; e posso finalizar com uma frase que li há pouco: posso [ilegível] ser um homem feliz, mas sou um homem sem grandes arrependimento” (*O Snob*, n.11, 1965).

atividades, tanto laborais quanto festivas. Ele já participava da rede através da Turma OK, sendo, portanto, figura conhecida.

Seu primeiro pseudônimo, Pantera, foi escolhido de caso pensado para confundir os participantes da rede, posto que poderia nomear elemento masculino ou feminino. Como, porém, sua atuação não seguia o roteiro estabelecido – um “bofe” para uma “bicha” em seus respectivos roteiros de gênero –, a artimanha da “confusão” de gênero não funcionou por muito tempo. A rede o classificava, volta e meia, com nomações femininas ou como “bicha”, provocando seu protesto:

Muita gente acha que Pantera só serve para o feminino e mesmo me conhecendo acharam de me chamar de “queridinha”, “minha amiga”, etc... Não dou muita importância a isso, porque tenho espírito esportivo e sei respeitar a ignorância alheia. Acontece que Rose Lee teve a audácia de dizer ‘Eu jamais pensei que você fosse bicha...’. Como foi que ela deduziu tal coisa? Muito simples, MEU PSEUDÔNIMO é Pantera e Pantera é nome de bicha. (*O Snob*, n.2, 1966)

Assim, Hélio, mais uma vez, reescreve sua biografia e “mata” o Pantera, que renasce como Gato Preto. De maneira bem-humorada, uma colunista, noticia a morte de Pantera: “AVISO AOS NAVEGANTES – Pantera morreu. Agora ela é ele. Nasceu o Gato Preto. Talvez dê mais certo, pois as bruxas existem de montão...”¹⁵¹

De maneira divertida Gato Preto assume que Pantera era “mulher”, sua “tia”, que teve morte trágica num acidente, em que a Lancha cor de rosa (título da coluna de Pantera) afunda na baía de Guanabara, matando todos os passageiros, salvando-se apenas o Hélio.

Hélio “rende-se” às acusações de que Pantera era “bicha”, mas o “último tiro” é dele: renasce como Gato Preto, na tentativa de preservar e reafirmar sua condição de homem.

As acusações, contudo, não arrefecem, e logo sua encenação é novamente questionada – continuam vasculhando seu “bastidor”, dando-lhe pouca oportunidade de controlar as informações a seu respeito.

E, mais uma vez, vai para o confronto, a fim de tomar posse de sua biografia; de maneira contumaz identificado como “bicha”, Gato Preto desabafa em sua coluna:¹⁵²

já estou cansado de voltar a este assunto, mas infelizmente a coisa continua. Não ligo as insinuações que escrevem a meu respeito, mas o que me enfeza é que a maioria que assim faz é exatamente por despeito, pois já me deram muita bola [...] e como eu não

¹⁵¹ *O Snob*, n.3, 1966.

¹⁵² *O Snob*, n.8, 1966.

ligasse as suas investidas [...] pensam logo assim: Hélio não quis nada comigo... só pode ser bicha então.

1º nunca escondi minha maneira de agir sexualmente. Sei muito bem que não posso me incluir na qualidade de bofe, como muitos certos maridinhos o fazem exatamente por culpa delas [das “bichas”].

2º Se o fosse [“passivo”], ninguém tem nada com isso. O que é meu eu poderia dar a quem bem entendesse. Só que não aprovo este ar mulherengo onde a maioria delas caem no ridículo pela falta de classe como homem, pela caricatura feminina muito mal feita.

Como se pode verificar, a “confusão” não está relacionada ao nome e independe de sua postura masculina: ela reside numa disputa provocada pela mudança na subjetividade de alguns atores da rede que, no cenário estabelecido, encontram dificuldades para encenar um novo roteiro.

Quanto ao controle de informação de Gato Preto sobre sua posição no ato sexual, na citação acima, ele indica que ainda não foi “passivo”, mas poderia sê-lo. E mesmo nessa situação nada mudaria: manteria uma postura masculina e, em sua concepção, não seria “bicha”. Ainda assim, pressionado pelos roteiros sexuais anteriormente produzidos, mantinha uma estratégia para não perder o controle dessa informação, crucial para lhe garantir o domínio sobre sua biografia como “entendido”. Entretanto, observo que ele diferencia “bichas” e “entendidos” ora pelo comportamento sexual (“ativo/passivo”), ora pelo papel de gênero.

Nos anos subsequentes Gato Preto amadurece com relação a sua posição identitária, tornando-se forte adversário da conduta que comporta as atuações que distinguiam os participantes da rede em “homem verdadeiro” e “bicha”, e se lança no confronto para estabelecer nova maneira de se pôr no mundo. Em 1967 lança um texto em que discute a questão do “homossexualismo”, declarando-se francamente favorável à postura masculina para determinar a identidade dos atores em contraposição àqueles que usavam comportamento sexual como parâmetro de classificação. De qualquer modo, pôs na ordem do dia a reflexão sobre as atuações dos atores no “meio entendido” e, apesar de ter promovido uma disputa identitária interna, teve apoio dos componentes que ressignificaram suas atuações, principalmente de parte da diretoria do jornal.

Nesse período publica o jornal *Os Felinos*¹⁵³ que, de acordo com os exemplares pesquisados, seguiu igual linha de atuação de *O Snob*, ou seja, voltado para as “bichas”,

¹⁵³ Tive acesso aos números 1, 3, 4 e 5 provavelmente de 1967 (as datas não aparecem ou estão incompletas) e ao n.11 de 1968.

veicula fofocas, poemas e artigos culturais, mas é impregnado dos dilemas identitários e abre espaço relevante para a discussão do “homossexualismo”.

O empreendedorismo de Gato Preto é estupendo, e sua disposição para a luta, surpreendente: produz grande quantidade de textos para *O Snob* e para *Os Felinos*, vive ativamente os acontecimentos festivos da “comunidade”, inventa projetos de cinema e de ampliação do debate sobre o “homossexualismo” através de séries, colunas e reprodução de textos.

Simultaneamente também aproveitava as oportunidades da rede, em especial aquelas voltadas para a formação de casais. Os quatro “casos” amorosos de Gato Preto, relatados no período estudado, eram masculinos e sofreram injúrias internas, em que se questionava se eram “bicha” ou “bofe”. Em todo esse período, mas com mais clareza nos três últimos anos, ele mostra consciência de sua “homossexualidade”, ou melhor, de um tipo de “homossexual” distinto da “bicha”. Seus “casos”, entretanto, ao que tudo indica vinham de uma relação “bicha/bofe”, sentiam dificuldades em absorver as acusações da rede – era Gato Preto, então, que os defendia.

Nos últimos anos Gato Preto ataca frontalmente as atitudes efeminadas dos participantes da rede, assim como as nomeações femininas. Busca legitimar sua posição a partir da possibilidade de aceitação pela sociedade de “homossexualidade” mais “ajustada”, acreditando numa espécie de organização que representasse os “entendidos” na busca de direitos civis e sociais. Nunca abdicou da categoria “entendido” para se representar, bem como outros que tivessem conduta sexual dissociada da dicotomia “bicha/bofe” – homens que não repudiam sua condição masculina e que buscam outro em igual condição, independente do comportamento sexual que assumam.

Suas ideias foram pouco a pouco sendo absorvidas pela rede, e sua contribuição para as várias mudanças no discurso da “homossexualidade” e da linha editorial do jornal são inquestionáveis. Isso, porém, não significa que as disputas se arrefeceram no cotidiano: nova luta começa com o fechamento do jornal e sua anunciada partida para a Bahia.

COMENTÁRIOS FINAIS

Abro esses comentários alertando os leitores para as limitações deste trabalho, no que concerne às fontes utilizadas – relatos de *O Snob* – de “segunda mão”, portanto, cujos sujeitos não “falam” por si, mas por intermédio de seus “representantes”, ainda que estes vivam intensamente o grupo. Mesmo quando os participantes ganham voz, nas entrevistas, a seleção das perguntas é realizada pelo jornal. Nesse sentido, tomo as opiniões e os relatos como da rede – salvo quando a autoria (divergente) é especificada – em coerência interna que nos possibilita apreender padrões regulares em sua dinâmica.

Sendo assim, acredito que as análises sejam relevantes, pois foram desenvolvidas sob o ponto de vista dos relatos produzidos e compartilhados por riquíssimo espaço de opinião pública.

Ainda que impregnado desse ambiente pela leitura de *O Snob*, deixei em aberto várias perguntas, principalmente no que concerne à classificação externa da atuação do “bofe” em relação a sua conduta sexual na rede. Era uma questão ser “descoberto” nesse tipo de atuação? Ou eles podiam demonstrar que se relacionavam com uma “bicha”, sem a manipulação da informação pelo “encobrimento”?¹⁵⁴

Sabemos que as relações esporádicas e de oportunidade casuais, nessa época, não eram suficientes para manchar a reputação como “homem verdadeiro”;¹⁵⁵ mas o que dizer das relações mais duradouras? Alguns indícios nos levam a crer que mesmo as relações estáveis (ou sequenciais) não eram suficientes para abalar sua condição de “macho”, pois era comum frequentar turmas de amigos (“heterossexuais”) e parentes (irmãos e primos) compartilhando essas informações, sem que sua identidade corresse o risco de “deteriorar-se” (Goffman, 1988).

¹⁵⁴ “Quando uma pessoa, efetiva ou intencionalmente, consegue realizar o encobrimento, é possível que haja um descrédito em virtude do que se torna aparente sobre ele [sic], aparente mesmo para os que só o [sic] identificam socialmente com base no que está acessível a qualquer estranho naquela situação social. (Assim surge uma grande variedade daquilo que é chamado de “um incidente embaraçoso”.) Mas esse tipo de ameaça à identidade social virtual não é, com certeza, o único tipo. Além do fato de que as ações habituais de um indivíduo podem desacreditar suas pretensões habituais, uma das contingências básicas do encobrimento é de que ele será descoberto por todos os que podem identificá-lo pessoalmente e que incluem entre seus antecedentes biográficos fatos não manifestos e que são incompatíveis com suas pretensões atuais. É então, incidentalmente, que a identidade pessoal relaciona-se estreitamente com a identidade social” (Goffman, 1988:86-87).

¹⁵⁵ Ver Fry (1982) e MacRae (1990).

O vivo depoimento de Jair¹⁵⁶ (mas refém da memória e de suas armadilhas)¹⁵⁷ nos informa que, na maioria das vezes, esses encontros se limitavam aos apartamentos, sem vida “fora”; no entanto, alguns relatos do jornal apontam casais “bicha/bofe” compartilhando vida a dois e mantendo relacionamento aberto com a vizinhança. São casos pontuais? Ou exemplos que o jornal quer propagar? *O Snob* relata o vivido pela rede ou as perspectivas de seus editores? Ou os dois? Nesse caso, em que medida?

De qualquer forma, tentei estabelecer no estudo uma perspectiva “de dentro”,¹⁵⁸ identificando, nos relatos, as experiências vividas pelos atores sociais que indicavam as trajetórias dos grupos que conformaram, incluindo aspectos cristalizados e tendências à mudanças. Tentei, portanto, extrair desses dados uma perspectiva que desse sentido às atuações de seus participantes, se não a “verdade” da rede, pelo menos uma vertente que possibilitasse sua descrição, observando, simultaneamente, as mudanças empreendidas pelos grupos.

Esses grupos que compõem a rede passaram por mudanças significativas ao longo de sua existência, em cada fase, levantaram problemas pertinentes à atuação de seus componentes em função de demandas internas e externas, muitos deles persistindo nas diferentes fases.

Na primeira delas (1963-1964), quando os relatos apontam a formação dos grupos por afinidades homossexuais e por local de moradia, a ação privilegiada era estabelecida pela diferenciação entre “bicha” e “bofe” numa “comunidade entendida”. Assim os pares definiam e defendiam claramente seus papéis sem constrangimentos internos, constituindo seu lugar na relação afetiva e/ou sexual, podendo todos ser “entendidos”, conforme o grau de integração àquela “comunidade”.

Observo contradições nas regras que estabelecem a relação “bicha/bofe” dos grupos estudados, que contribuíram para o questionamento de sua encenação. Essa relação preconiza que o “bofe” precisa ser conquistado, jamais devendo manifestar interesse direto pela “bicha”, a fim de preservar sua masculinidade e, desta maneira, torna-se “caça”.

Deve também inventar interesses correlatos que salvaguardem sua “reputação” enquanto “homem verdadeiro” –, por exemplo, a ajuda financeira ou material requerida (ou apenas anunciada) pelos “bofes” na maioria das vezes não tem função de troca mercantil,

¹⁵⁶ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro 23/11/2009.

¹⁵⁷ Ver Pollack (1992) e Santos (2003).

¹⁵⁸ Ver Magnani (2002).

tratando-se antes de estratégia para justificar a escolha de uma “bicha” como parceira sexual e não uma mulher, que seria a conduta esperada. Por sua vez, a “bicha” não deve sustentá-lo, o que a diminuiria como “caçadora” e/ou suas pretensões amorosas, bem como negaria sua condição de “bicha-mulher”.

Desse modo, os “favores” – que a “bicha” deve negar – são usados para justificar a conduta sexual (nesse caso, de escolha de parceria) e fortalecer a posição de masculinidade do “bofe”, visto por outro ângulo, porém, diminuem a atuação da “bicha” como “mulher”. Há, portanto, tensão nos papéis estabelecidos pelo roteiro sexual dessa parceria: tensão que é agravada pelas possibilidades de “desvios”. Quando a “bicha” se “desvia” do arranjo de parceria estabelecido, sofre constrangimentos que visam recolocá-la em seu lugar, restabelecendo-se o cenário. Por sua vez, quando é o “bofe” que se “desvia”, mediante a imposição de atributos “desacreditadores”, é alocado na condição de “bicha”, ou sua atuação é “manipulada” para preservar sua masculinidade, pois isso interessa também à “bicha”, e, assim, criam-se condições internas para que a identidade do “bofe” receba atributos “desacreditáveis”.

Nessa primeira fase as notícias eram veiculadas pelos jornais “independentes” que cobriam a rotina das turmas (Zona Norte e Zona Sul), fortalecendo esse arranjo e servindo como fonte de constrangimento dos “desviantes”.

Na segunda fase (1965-1967) este roteiro foi posto à prova com o surgimento de “novos” personagens que emergem do interior da rede ou que estavam dispersos no “coletivo”. Nesse período há a desestruturação das turmas e grande parte de seus participantes é incorporada ao Grupo Snob, formando o que chamei de jornal/grupo. Na mesma ocasião, outros jornais/grupos são formados, modificando a atuação da rede.

Esse tipo de formação mais ampla propiciou a diminuição do controle de atuações e a arregimentação de componentes e de quem tem voz. Com isso, personagens antes rejeitados passam a integrar o Grupo Snob e a escrever no jornal. Esses novos sujeitos, com o tempo, passam a exigir tratamento diferenciado, pois não se enquadram na dicotomia “bicha/bofe”.

Se externamente esses tipos já existiam e tinham a denominação própria, “entendido”, dentro da rede havia constrangimentos explícitos quando esses “novos” sujeitos eram classificados como “falso-bofe” ou mesmo como “bicha”. Nesse contexto, a denominação “entendido”, tal como empregada externamente, esbarrou no significado

anterior atribuído pela rede, obstruindo seu uso para designar uma espécie de atuação (ou sujeito). A aceitação desse “novo” significado colocaria em xeque a atuação do “bofe” e “desnaturalizaria” a conduta da “bicha” como “terceiro sexo”.

Os componentes da rede que viviam atuações identitárias como “bicha” ou “bofe” não aceitaram que a expressão “entendido” fosse capturada para classificar apenas um tipo de atuação.¹⁵⁹ A saída para esse impasse foi a criação das expressões “entendido passado a ferro” e “bofe passado a ferro” para identificar os “novos sujeitos” sem prejuízo das antigas classificações identitárias.

Um relato de participante da rede em *O Snob*¹⁶⁰ descreve a atuação desses sujeitos como a de um “homossexual desajustado”. Dessa maneira, reedita o “homem desajustado” da sociedade maior, aquele que não se adequa ao universo masculino. Na “comunidade bichal”, o “desajustado” passa a ser aquele que não se ajusta ao desajuste criado pela sociedade maior, ou seja, o homossexual que não se adequa aos jeitos e trejeitos femininos é “uma farsa. Usar barba, bigode [mostra que] ele não é ajustado. São recalques.”

O dilema nessa fase é que a “nova” identidade de sexo exige que se coadune o sexo biológico (macho) aos papéis de gênero estabelecidos para a condição masculina. E a exigência de diferenciação entre pares é gradativamente destituída de valor, em contraposição às tradicionais, em que era imprescindível um dos pares ter o sexo biológico associado aos papéis de gênero feminino.

Toda essa disputa na realidade envolveu um personagem sem voz (ou protegido) no debate, o “bofe”. Se na primeira fase a harmonia sexual se dá pela diferença, e assim resguarda a “reputação” do bofe, nesse novo modelo identitário o “bofe” não teria como justificar sua parceria com a “bicha”. Sua conduta poderia “misturar-se” à do “entendido”, indiferenciando as duas categorias, e, assim, pondo em risco todo o cenário construído para esse tipo de atuação. Se houvesse a destituição de sentido do “bofe”, as atuações da “bicha” também perderiam seu significado.

A primeira tentativa da rede de conciliação foi a de alocar a “bicha” e o “falso-bofe” na categoria “homossexual”, o que, entretanto, não foi suficiente para a harmonização dos papéis de gênero nem tampouco para a preservação de cenário único.

¹⁵⁹ Como a categoria “entendido” está em disputa de representação dentro da rede, podendo significar a comunidade ou uma ação identitária, é importante observar, num dado relato do jornal, seu sentido, pois, a partir de 1965, ela tem trajetória pendular, ora identificando todos os componentes da rede, ora só aqueles que não fazem “distinção de sexo”.

¹⁶⁰ N.4, 1968.

Na terceira fase (1968-1969) a “nova” maneira de atuação coopta parte dos antigos membros do grupo, que ressignificam parcialmente suas identidades, sendo o primeiro movimento nesse sentido a recusa a continuar nomeando-se no feminino. Os velhos roteiros, porém, não foram abandonados por completo: ainda não se consideram “homens”, além de a mudança não ter sido consensual na rede, nem mesmo dentro do Grupo Snob.

Assim, a disputa pela hegemonia de um tipo de representação dentro da rede torna-se cada vez mais contundente. Os “entendidos” chamados de “falsos-bofes” nunca abandonaram o termo “entendido” para se classificar e para classificar um tipo de atuação de dois homens em iguais condições. Aceitavam ser “homossexuais” ou *gays* (diferente dos “bofes”), mas com expectativas sociosexuais muito distantes e distintas daquela que as “bichas” estabeleceram.

A estratégia exposta no jornal para conciliar essas disputas identitárias foi novamente tentar uma expressão que admitisse diferenças internas capazes de alocar a “bicha” e o “entendido” e que, ao mesmo tempo, preservasse o “bofe”. A escolha recaiu na denominação *gay*, que englobaria os que fazem “distinção de sexo” e os que não fazem.

É interessante o fato de que no final de 1960 eles tenham feito uma escolha que os movimentos homossexuais acolheriam no final dos 70, ainda que comportando, diferenças conceituais, sobretudo quanto à atuação do “bofe”, que foi definitivamente alocada como *gay*. Incorporando esse tipo de ação a uma “identidade desacreditada” ou “desacreditável” (Goffman, 1988), essas atuações (que eram similares às dos anos 60) passam a ser consideradas detentoras de atributos desacreditadores.

Na rede em estudo, as estratégias de conciliação das duas maneiras de expressar a homossexualidade não conseguem manter a coesão do Grupo Snob. As várias investidas da rede contra o jornal e as divergências internas determinam a radicalização das duas posições.

As acusações de ambos os lados são francas e pesadas, e passam a aparecer nas páginas do jornal. No entanto, de meados de 1968 em diante, *O Snob* tende a mostrar-se favorável às novas configurações identitárias. Parte de seus colaboradores incentiva o abandono dos nomes femininos, propaga atuação mais masculina e inicia discurso que associa modos e maneiras masculinos à possibilidade de avanços no reconhecimento de direitos civis aos homossexuais. Acreditava que seria fundamental, ao expor ao público

externo suas expectativas de integração e de direitos, apresentar-se de maneira “respeitável” e não ridicularizável, evitando as nomações no feminino e a efeminação exacerbada. Imagina que essa nova conduta poderia levar o grupo a obter mais aceitação por parte da sociedade maior.

Outro ponto interessante que aproxima essa etapa final dos movimentos homossexuais dos anos de 1970-1980 é a escolha de uma figura de oposição interna que não os representaria. Enquanto o grupo descrito por Câmara (2002) se distingue dos travestis, parte do grupo em estudo tenta diferenciar-se do “efeminado”. Esses dois grupos “abandonam” aqueles que têm a “identidade de sexo” associada aos papéis de gênero feminino. É a fuga do “estigma do passivo”?

Ao que tudo indica, porém, o público de *O Snob* não estava ainda imbuído das mudanças das condutas sexuais nem da oportunidade de ampliar sua visibilidade para a sociedade externa. Provavelmente sabia que não era nem o lugar nem a hora, pois o clima político não favorecia a liberdade de opinião.¹⁶¹

Minha ênfase na busca dos jornais da época justifica-se pelo tipo de agregação realizada em torno desses períodos, pela ação associativista que eles propiciaram aos grupos, pois, além de informar, também cooptavam seguidores. Foram capazes de congrega sujeitos homoeroticamente inclinados, tirando-os do isolamento; ferramenta de sociabilização nos espaços de atuação homoerótica, que comunica e provoca novas maneiras de atuação dos indivíduos da rede.

O Snob, em particular, mostrou-se fonte de relatos para compreender a socialização empreendida na “comunidade”. Além dessa função, o jornal atuou nas relações entre a sociedade maior e os grupos,¹⁶² esvaziando de significado “injúrias externas”, ainda que elas fossem a base para seus participantes construírem suas identidades pessoais e que esses participantes algumas vezes utilizassem estratégias equivalentes para desqualificar outros. Corroborou também com certa visão da

¹⁶¹ Em todo o corpo do texto não mencionei o golpe militar de 1964 nem as manifestações políticas que o Brasil sofreu em todo o período estudado, principalmente no final de 1968, com a publicação do Ato Institucional n.5 (AI5). Abro esta nota para observar que até a última edição de 1967 nada foi dito sobre tal contexto, a não ser uma leve brincadeira ao descrever a “ditadura da Gilka”. De 1968 em diante algumas edições mencionam as passeatas estudantis, defendendo-as, e uma entrevista com Gato Preto manifesta de maneira sutil crítica ao regime militar.

¹⁶² *O Snob* era lido por todos os grupos, que se manifestavam (no cotidiano ou respondendo através de seus jornais) sobre seu conteúdo.

homossexualidade que a associava a problemas de ordem médica (biológica e/ou psicológica).

Os demais jornais, tomando *O Snob* como referência, tornaram-se instrumentos de fortalecimento das organizações empreendidas pelos grupos: lugares de sociabilidade e pessoas envolvidas são expostos pelos relatos do que se passou ou ainda vai acontecer e de como devem ou não devem ser as ações de seus “atores”; perspectivas e códigos dos grupos de pertencimento são veiculadas, ou seja, distribuem-se e reforçam-se os “roteiros” da/para a “rede” em um determinado “cenário cultural”.

A forma de sociabilidade empreendida por esses grupos mencionados em *O Snob* estava diretamente ligada aos papéis de gênero representados por seus participantes e, também, fortemente impregnada pelos discursos dominantes de “normalidade”. Observamos o diálogo com as normas estabelecidas por uma sociedade heterocentrada na conformação de um “corpo homossexual normal” em suas tentativas de escapar do rótulo de “anormal”.

Em entrevista a Lelia Miccolis,¹⁶³ Agildo Guimarães e Anuar Farah assim se manifestavam ao justificar a existência dos vários jornais da época:

Pois é, queríamos mostrar à chamada sociedade ‘normal’ que éramos tão normais quanto eles. (AG)

Tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais, que fazíamos o que todas as outras pessoas faziam. Normais sempre fomos, sem diferença. (AF)

Isso sugere a pressão que o “cenário cultural” externo impôs às relações interpessoais e intrapsíquicas, influenciando a conduta dos sujeitos envolvidos, em que a “injúria” os levaria a um tipo de organização que inclui comportamentos específicos e busca de legitimidade.

O tipo de sociabilidade empreendida pelos grupos está, portanto, diretamente ligado a certa construção social do sujeito dada pela sociedade maior e ao local em que a ação se dá – o “gueto”, no qual ressignificam suas atuações a partir dos roteiros sexuais disponíveis. Nesse caso, o espaço é indissociável da própria identidade do sujeito que a constrói.

¹⁶³ *Lampião da Esquina*, n.28, 1980:6-7.

Essa sociabilidade, por outro lado, demonstra toda a dinâmica de transformação dos espaços – aqueles que identificamos como “nosso” lugar, aqueles aos quais sentimos nunca ter pertencido ou não mais pertencer, e ainda aqueles lugares que não existem mais. No caso em estudo, nessas construções e desconstruções há conexões intrínsecas entre as identidades e os lugares de atuação. Nessas manifestações socioculturais, incluídas as identitárias, conformadas a um lugar de encontro compartilhado (a “comunidade”), o jornal torna-se fonte de reconhecimento. Se é no interior desses grupos que se guardava a memória comum, o jornal torna-se também suporte privilegiado para analisar certos tipos de comportamento (que ganham ou perdem seus significados), envolvendo a construção tanto de novos tipos de sociabilidade quanto de cenários específicos (espacial e identitários), o que, certamente, comporta a destituição de sentido de outros cenários possíveis (existentes ou não).

Na construção desses espaços esses agentes vão aprendendo, aprendendo, fazendo e refazendo o “vir a ser” – eles constroem e são construídos no caminhar, na própria feitura do espaço de sociabilidade.

Os sujeitos que são estigmatizados (aqueles que sofrem injúria) não vivem fora desse mundo nem estão fora da “cena”. São constituídos num movimento histórico/local e acabam por absorver as desqualificações cotidianas,¹⁶⁴ o que provoca significativas consequências na forma como cada indivíduo se vê. A vergonha é a manifestação mais contundente dessa autoestigmatização.

A “guetificação”, entendida como o isolamento do grupo, é na maioria das vezes utilizada como estratégia de sobrevivência; o silêncio/isolamento não foi só conformismo, mas também resistência, posto que proporcionou identificação entre os associados, sentimento de pertencimento que viabilizou a construção de cenário sustentador de novas formas de luta (e de conflitos de representação interna), favorecendo o aparecimento de novos roteiros.

O conformismo estará sempre presente em qualquer socialização empreendida; segundo Gagnon (2006) primeiro nos socializamos como espectadores ou aprendizes a partir do que é fornecido pela sociedade em que vivemos, isto é, a partir dos cenários

¹⁶⁴ A cultura se estabelece conforme a organização social, e o controle que ela institui pode tomar outros nomes, tendo outros significados. O que foi pecado pode converte-se em anormalidade, em alienação, em doença, em algo antinatural, ou seja, em inconformidade com a reprodução da economia burguesa. Percebemos, dessa maneira, que o que é chamado de “desvio sexual” será vinculado à ideia de impureza, má vontade ou má-formação social.

culturais estabelecidos. Podemos então, ou melhor, temos que mudá-los, seguindo as exigências das situações concretas, pois todo “mapa” é reificado. Dessa maneira, analisar as interferências que esses sujeitos fazem nos roteiros estabelecidos é deixar de pensá-los como “atores puros”, aqueles que reproduzem o roteiro (ou mapa) em suas interações cotidianas de maneira irreflexiva, e percebê-los como “atores-dramaturgo”, ou seja, que leem as coordenadas e improvisam ao mudar de rota.

Tais modificações podem ser mínimas, com um alto nível de congruência entre o que a cultura espera e o que a situação concreta requer, mas é possível que sejam necessários vários graus de improvisação. Nas situações radicalmente inéditas, somos solicitados a *inventar conforme avançamos*, mas vamos inventando com o material roteirizado previamente disponível, e não de forma inédita [grifos meus] (Gagnon, 2006: 227).

O grau de improvisação variará, portanto, entre o conformismo e a resistência aos cenários culturais preexistentes a que esse indivíduo-ator-dramaturgo foi submetido. Podem-se reproduzir facilmente os roteiros que os cenários culturais proporcionam, sem grandes incômodos e até mesmo com consentimento; mas também, como ocorreu com parte da rede, pode-se sentir o incômodo das exigências da cultura que nos constrange a encenar certos papéis.

Por conseguinte, podemos dizer que os encontros promovidos pela rede de sociabilidade em estudo constituem momentos de avaliação e reavaliação das maneiras de seus participantes (“bofe”, “bicha” e “entendido”) se apresentarem ao mundo através de suas experiências cotidianas na conquista de espaços de sociabilidade. Essa experiência produziu novos tipos de comportamentos e novos significados para suas ações num “novo ambiente”, em que atuavam sem constrangimentos externos. Era um novo cenário, adequado a suas demandas, ainda que no “gueto”. Ao longo de sua existência novas demandas vão sendo produzidas, por exigências tanto externas quanto internas.

Os encontros promovidos pela rede consolidaram espaços de sociabilidade através das festas e encontros domiciliares, das incursões nos locais públicos (praia, cinema, teatro, bares, entre outros), das viagens empreendidas pelos participantes em que trocavam experiências com outros sujeitos em condições parecidas, das parcerias de amizade que compartilhavam, das estratégias que construíram para estabelecer parcerias sexuais (afetivas ou não) e do contato que tinham com a sociedade maior. Nesse conjunto de ações consolidaram cenários que comportavam as mudanças empreendidas.

Nessas festas eram promovidos concursos variados que propiciavam certo tipo de comportamento esperado do que eles entendiam como feminilidade, exaltando certas características como beleza, simpatia, elegância, amizade e maneira de receber. Brincadeiras, concursos, atividades culturais e trocas de prêmios fortaleciam laços de amizades além de favorecer os encontros sexuais e, assim, através de objetivos comuns, forjaram uma maneira de ser, promovendo identidade de gênero muito ligada ao universo feminino da época, representada principalmente pela idealização do feminino a partir dos concursos de misses, então muito em voga.

Devemos aqui acrescentar que em contraposição a esse caráter feminino, produziam também uma representação do masculino – os “bofes”, que também faziam parte do grupo, ainda que como satélites, pois, com raras exceções eram indivíduos pouco atuantes no grupo.

É nítida a idealização do mundo heterossexual nessas relações, existindo forte dicotomia entre feminino e masculino, que reproduzia os papéis de gênero estabelecido à época – mulher-passiva igual bicha-passiva, e homem-ativo igual bofe-ativo. Essa dicotomia, no entanto, parece limitar-se às expressões corporais (gestos e, às vezes, vestimentas) e ao comportamento sexual, pois quem determinava, produzia e ditava as normas era a “bicha”, cujos interesses eram privilegiados nessa subcultura.

Outro aspecto dessa idealização estava na formação de casais (“bicha/bofe”), muito valorizada, que tentava reproduzir as relações heterossexuais, feminino/masculino, sem enaltecer, no entanto, a dominação masculina prevalecente na nossa sociedade. A busca de parcerias não significava a submissão do primeiro ao segundo: na maioria das vezes, estabelecidos econômica, cultural e sexualmente eram as “bichas” e não os “bofes”.

Todos esses aspectos dotavam os grupos de vários artifícios de solidariedade que solidificavam seus laços de pertencimento. Produziam, desta maneira, uma espécie de sociabilidade toda especial em que grupos dominados e em situação de isolamento criavam seu próprio espaço de atuação. Esse isolamento fazia-se necessário à manifestação mais livre de suas preferências sociossexuais.

Esses grupos agiam como uma rede de sociabilidade, possibilitando encontros em que seus membros pudessem manifestar e produzir uma maneira de ser; se sua participação na sociedade geral era limitada no que concerne à visibilidade sexual, em sua pequena sociedade produzia relações originais e inclusivas.

Todo esse cenário, entretanto, também sofreu mudanças. As festas os concursos continuaram sendo fonte de sociabilidade, mas os concursos de misses – marca da feminilidade da “bicha” –, com a emergência de condutas impostas pelos “novos sujeitos” que interagem com os antigos participantes, sofrem desprestígio. Esses concursos não serão mais capazes de agregar os sujeitos tal como, aliás, a idealização na formação de casais, muito influenciada pelas relações heterossexuais, sofre com a concorrência dos “amores entre iguais”.

Percebe-se que os vários espaços de sociabilidade conquistados por essa rede estão fortemente ligados a sua identidade sexual “desacreditada”, que se torna o estopim para a construção desses espaços em meio às hostilidades da sociedade maior.

A conformação a esses espaços nem sempre foi regida pela passividade ou num conformismo total às demandas do dominador, pois, como podemos observar em algumas atividades empreendidas pelos membros da rede, os significados negativos, previamente dados, são revertidos a favor do grupo.

O cenário cultural em que atuavam deu-lhes margem de manobra para se estabelecer e aproveitar as brechas numa região moral e/ou domiciliar para planejar perspectivas de visibilidade. Por intermédio de seus “desviantes” e dos novos participantes, improvisam novas maneiras de atuação – os “desvios” constituem as marcas da consolidação de um empreendimento social, mas também a possibilidade de mudanças; e assim foi com os grupos em estudo.

Dentro da rede revelaram-se os roteiros possíveis, alguns com mais legitimidade (ou poder) do que outros, e os indivíduos promoveram novos significados para suas próprias atuações, em que o roteiro menos aceito passa a ter algum “prestígio”, o que possibilitou modificações nas condutas de antigos e novos associados. Todas essas mudanças ocorreram em meio a embate que, embora de grande repercussão interna, se fez silencioso aos ouvidos externos.

REFERÊNCIAS

1- Entrevistas realizadas pelo autor:

Adalberto Fonseca Filho.

Rio de Janeiro, 08 de julho de 2007.

Agildo Bezerra Guimarães.

Rio de Janeiro, 29 de julho de 2007.

Rio de Janeiro, 09 de fevereiro de 2008.

Rio de Janeiro, 19 de julho de 2009.

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 2009.

Jair (nome fictício).

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 2009.

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2010.

2- Jornais e revistas:

Jornal *Darling*

Exemplares pesquisados:

v. 1, n. 1, nov. 1968

Jornal *Lampião da Esquina.*

Exemplares pesquisados:

v. 1, n.4, 25 ago. a 25 set. 1978

v. 3, n.28, 28 set. 1980

Jornal *Os Felinos*

Exemplares pesquisados:

n. 1 s/d [1967?]

n. 3 set. [1967?]

n. 4 out./nov. [1967?]

- n. 6 s/d [1967?]
- n. 11 dez. 1968

Jornal *O Snob*.

Exemplares pesquisados:

Ano I

- n. 1 jul. 1963
- n. 2 27 jul. 1963
- n. 3 04 ago. 1963
- n. 4 24 ago. 1963
- n. 5 31 ago. 1963
- n. 6 07 set. 1963
- n. 7 21 set. 1963
- n. 8 30 set. 1963
- n. 9 12 out. 1963
- n. 10 19 out. 1963
- n. 11 31 out. 1963
- n. 12 08 nov. 1963
- n. 13 14 nov. 1963
- n. 14 24 nov. 1963
- n. 15 30 nov. 1963
- n. 16 07 dez. 1963
- n. 17 14 dez. 1963
- n. 18 21 dez. 1963
- n. 19 28 dez. 1963

Ano II

- n. 1 04 jan. 1964
- n. 2 27 jan. 1964
- n. 3 29 fev. 1964
- n. 4 06 abr. 1964
- n. 5 21 abr. 1964
- n. 6 31 maio 1964

- n. 7 06 jun. 1964
- n. 8 Ilegível
- n. 8 04 jul. 1964 (repetiu a numeração da edição anterior)
- n. 9 31 jul. 1964
- n. 10 15 jul. 1964 (data incongruente com a edição anterior)
- n. 11 31 ago. 1964
- n. 12 15 set. 1964
- n. 13 30 set. 1964
- n. 14 15 out. 1964
- n. 15 31 out. 1964
- n. 16 15 nov. 1964
- n. 17 03 dez. 1964
- n. 18 15 dez. 1964
- n. 19 31 dez. 1964

Ano III

- n. 1 15 jan. 1965
- n. 1 31 jan. 1965 (repetiu a numeração da edição anterior)
- n. 2 31 jan. 1965 (data incongruente com a edição anterior)
- n. 3 15 fev. 1965
- n. 4 31 mar. 1965
- n. 5 15 abr. 1965
- n. 6 30 abr. 1965
- n. 7 10 maio 1965
- n. 8 30 maio 1965
- n. 9 15 jun. 1965
- n. 10 30 jun. 1965
- n. 11 20 jul. 1965
- n. 12 01 jul./15 ago. 1965
- n. 14 18 set. 1965
- n. 15 01 out. 1965
- n. 16 17 out. 1965
- n. 17 31 out. 1965

- n. 18 16 nov. 1965
- n. 19 26 nov. 1965
- n. 20 30 nov. 1965
- n. 21 25 dez. 1965

Ano IV¹⁶⁵

- n. 2 31 mar. 1966
- n. 3 15 de Abril de 1966
- n. 4 07 maio 1966
- n. 5 [ilegível] jun. 1966
- n. 6 jun. 1966
- n. 7 15 jul. 1966
- n. 8 31 jul. 1966
- n. 9 07 set. 1966
- n. 10 10 out. 1966
- n. 11 03 nov. 1966
- n. 12 03 dez. 1966
- n. 13 31 dez. 1966

Ano V¹⁶⁶

- n. 1 27 jan.1967
- n. 2 28 fev. 1967
- n. 3 31 mar. 1967
- n. 4 30 abr. 1967
- n. 5 31 maio 1967
- n. 6 15 jun. 1967
- n. 8 15 jul. 1967
- n. 9 31 jul. 1967 (edição especial)
- n. 10 31 ago. 1967
- n. 11 30 set. 1967
- n. 12 31 out.1967
- n. 13 15 dez. 1967

¹⁶⁵ Em alguns exemplares as datas das capas não coincidem com o cabeçalho das edições correspondentes, considerei a localizada no cabeçalho.

¹⁶⁶ Idem.

Ano VI¹⁶⁷

- n. 1 s/d
- n. 2 29 fev. 1968
- n. 3 31 mar. 1968
- n. 4 30 abr. 1968
- n. 5 31 maio 1968
- n. 6 30 jun. 1968
- n. 7 31 jul. 1968
- Extra jul. 1968 (edição extra)
- n. 8 31 ago. 1968
- n. 9 30 set. 1968
- n. 10 31 out. 1968
- n. 11 30 nov. 1968
- n. 12 31 dez. 1968

Ano VII

- n. 1 31 mar. 1969
- n. 2 maio/jun. 1969

Revista *Manchete*.

Exemplares pesquisados:

- n. 592, 1963
- n. 602, 1963
- n. 645, 1964
- n. 647, 1964
- n. 662, 1964

Revista *O Cruzeiro*

Exemplares pesquisados:

- n. 47, 1961
- n. 34, 1964

¹⁶⁷ Idem

n. 31, 1968

Revista do Rádio

Exemplares pesquisados:

n. 526, 1959

n. 545, 1960

3 - Livros e artigos.

BARROS, Myriam Lins. Memória e família. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. p. 9-49; 129-207.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel (Org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998. p. 11-27.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 322 p.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

CÂMARA, Cristina; *Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002. 182p.

_____; LIMA, Ronaldo M. História das ONGS/Aids e sua contribuição no campo das lutas sociais. *Cadernos ABONG: direitos humanos, cidadania e AIDS*. São Paulo: Autores Associados, n. 28., out. 2000.

CHAUNCEY, George. *Gay New York gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1890-1940*. New York: Basic Books, 1994. p. 1-32 e 131-206.

COSTA, Jurandir F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. 195 p.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 169-217.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. 223 p.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 445 p.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 301 p.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpretações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. p. 367-404.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. *Para inglês ver: identidade e cultura na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 197 p.

GAGNON, Jonh H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 455 p.

GIACOMINI, Sônia M. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num club social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. p.12-26; 95-188.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999. 233 p.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988. 158 p.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 117 p.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 1999. 541 p.

_____; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006. 192 p.

_____; TRINDADE, Ronaldo. São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos. In: _____. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 25-38.

HALL, Stuart, Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

HEILBORN, L. H.; BRANDÃO, E. R. Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.) *Sexualidade e o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobrir caminhos e navegação. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 76-110, jun. 2005.

JOSEPH, Issac. *Erving Goffman e a microssociologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. 96 p.

LAQUER, Thomas. *Inventado o sexo, corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. 313 p.

LARAIA, Roque Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Unicamp, 1990. 321 p.

_____. Em defesa do gueto. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 291-308.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 17, n. 49. p. 11-29, 2002.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979. 72 p.

MOGILKA, Vera. *A vida na pele*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

PARKER, Richard. *Corpos e prazeres: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1993.

PERLONGHER, Néstor O. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RODRIGUES, Rita C. C. *Poder, gênero, resistência, proteção social e memória: aspectos da sociabilização de “gays” e “lésbicas” em torno de um reservado em São João de Meriti, no início da década de 1980*. 2006. 237 p. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 151-165, out. 1998.

_____. História e memória: o caso do ferrugem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 46, p. 271-295, 2003.

SIMÕES, Júlio A.; FRANÇA, Isadora L. Do 'gueto' ao mercado. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 309-336. Primeira edição publicada em 1983.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, Fac. de Educação, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Cláudio R. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. 1998. 198 p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SILVA, José F. Barbosa. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 41-177. Primeira edição publicada em 1957.

STEIN, Edward. Conclusion: the essentials of constructionism and the construction of essentialism. In: _____ (Org.) *Forms of desire: sexual orientation and the social constructionist controversy*. London: Routledge, 1992. p. 325-353.

TERRY, Jennifer. Anxious slippages between 'us' and 'them': a brief history of the scientific search for homosexual bodies. In: TERRY, J.; URLA, J. (Org.). *Deviant bodies: critical perspectives on difference in science and popular culture*. Bloomington: Indiana University Press, 1995. p. 129-169.

TERTO, Veriano S. *Reinventando a vida: história sobre homossexualidade e aids no Brasil*. 1997. 249 p. Tese de Doutorado – Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VANCE, Carol S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Phisis: Revista de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: UERJ-IMS, v. 5, n. 1, p.7-31, 1995.

WINSKI, Norman. *A revolta dos homossexuais*. Rio de Janeiro: Record, 1969.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 07-72.

ZANNATTA, Elaine Marques. Documentos e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. *Cadernos AEL*. Campinas: Unicamp-AEL, n. 5/6, p. 11-29, 1996/1997.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)